

MACAENSES JOVENS UNIDOS PARA REENCONTRAR RAÍZES

Macau

澳門



MEDICINA TRADICIONAL CHINESA

A CIÊNCIA DO EQUILÍBRIO

Há cada vez mais praticantes e pacientes e uma maior integração com a medicina ocidental. Os mistérios da prática explicados num dossiê especial



TRADIÇÕES
MITOS DA CRIAÇÃO
NA CULTURA CHINESA



TURISMO
PORTUGAL NO MAPA
DOS CHINESES



Sentir Macau passo-a-passo

Roteiros turísticos

Step Out, Experience Macau's Communities - Walking Tour Routes

「自拍遊澳門 大賞到你手」

Tira Selfies para Ganhar Prémios

Take Selfies to Win Prizes

12/6 ~ 30/11/2015



下載《錯區行賞》手機應用程式
Download "Step Out, Macau" Mobile App



「自拍有賞」
Show Selfies for Souvenir



上載靚照，參加抽獎（只限訪澳遊客參加）
Upload Selfies to enter the Lucky Draw (only visitors are eligible to join)



「錯區行賞」手機應用程式
"Step Out, Macau" Mobile App
[iPhone]



「錯區行賞」手機應用程式
"Step Out, Macau" Mobile App
[Android]

抽獎獎品：雙人來回機票（從居住地至任一目的地）- 商務位/經濟位
Lucky Draw Prizes: Two round-trip air tickets (from winner's place of residence to any destination) - Business / Economy class

Apple iPad Wi-Fi 版（最新型號）
Apple iPad Wi-Fi (latest model)

三星Galaxy Tablet Wi-Fi版（最新型號）
Samsung Galaxy Tablet Wi-Fi (latest model)

詳情請參閱旅遊網站：www.macautourism.gov.mo - 詳情請《錯區行賞》手機應用程式二維碼查詢。

For more details, please visit the website of Macau Government Tourist Office: www.macautourism.gov.mo or the scanning "Step Out, Macau" QR code.

* 如有任何爭議，澳門旅遊局會按法例處理。以最終裁判為準。本活動最終解释权歸澳門旅遊局所有。

Responsible: Macau Government Tourist Office (MGO) (Government of Macau) and Macau Tourism Commission (MTC) (Government of Macau). All rights reserved. All trademarks and registered trademarks are the property of their respective owners. All other trademarks are the property of their respective owners.



澳門特設行政區旅遊局
MACAU GOVERNMENT TOURIST OFFICE
www.macautourism.gov.mo



DIRECTOR

Victor Chan Chi Ping

DIRECTOR EXECUTIVO

Alberto Au Kam Va

EDITOR EXECUTIVO

Fernando Sales Lopes

PROPRIEDADE

Gabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau

ENDEREÇO

Avenida da Praia Grande, nº 762 a 804
Edif. China Plaza, 15.º andar, Macau
Tel: (+853) 2833 2886 Fax: (+853) 2835 5426
e-mail: info@gcs.gov.mo

PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO

Delta Edições, Lda.
Tel: (+853) 2832 3660 Fax: (+853) 2832 3601

EDITOR

Luís Ortet

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Vanessa Amaro

COORDENAÇÃO DE FOTOGRAFIA

Gonçalo Lobo Pinheiro

DIRECÇÃO GRÁFICA

Catarina Lau Pineda
CLL Design

WEB DESIGN

Rita Ferreira

COLABORAM NESTA EDIÇÃO

Diana do Mar, Fernando Sales Lopes, José Simões Morais, Luciana Leitão, Mónica Menezes (Portugal), Nuno G. Pereira, Patrícia Lemos, Sofia Jesus e Vanessa Amaro

FOTOGRAFIA

Gonçalo Lobo Pinheiro, José Simões Morais, Macau Film Production
e Paulo Cordeiro (Portugal)

ILUSTRAÇÃO

Rui Rasquinho

FOTOGRAFIA DA CAPA

Gonçalo Lobo Pinheiro

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E PUBLICIDADE

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues, 600 E
Edif. Centro Comercial "First International", 14.º andar, Sala 1404
Tel: (+853) 2832 3660 Fax: (+853) 2832 3601
e-mail: contacto@revistamacau.com
www.revistamacau.com

IMPRESSÃO

Tipografia Welfare, Macau

TIRAGEM

3000 exemplares

ISSN: 0871-004X

PREÇOS POR ASSINATURA ANUAL

ANGOLA: AOA 3.390,00 | BRASIL: BRL 78,00
CABO VERDE: CVE 2.760,00 | GUINÉ-BISSAU: XOF 16.400,00
MACAU: MOP 200,00 | MOÇAMBIQUE: MZM 1.075,00
PORTUGAL: EUR 25,00 | S.TOMÉ E PRÍNCIPE: STD 607.000,00
TIMOR-LESTE: USD 35,00 | RESTO DO MUNDO: USD 40,00



www.revistamacau.com

www.facebook.com/RevistaMacau

Nesta edição diversos artigos noticiam o trabalho que vem sendo desenvolvido no contexto do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, incluindo uma interessante entrevista que nos foi concedida pelo delegado de Timor-Leste nesse fórum, Danilo Afonso-Henriques.

Por outro lado, o corrente ano é particularmente rico em efemérides relativas ao mundo de língua portuguesa. É em 2015 que se celebram os 40 anos da independência de Moçambique (25 de Junho), Cabo Verde (5 de Julho) e São Tomé e Príncipe (12 de Julho), além da declaração unilateral, pela FRETILIN, da independência de Timor-Leste, a 28 de Novembro de 1975. No entanto, devido a episódios conturbados da história do país, a restauração da independência só viria a concretizar-se no dia 20 de Maio de 2002.

Finalmente, entre diversos temas que desenvolvemos nesta edição, o destaque de capa vai para a medicina tradicional chinesa, um saber a que o Governo da RAEM tem dedicado uma atenção especial, consubstanciada no projecto do Parque Científico e Industrial de Medicina Tradicional Chinesa para a Cooperação Guangdong-Macau. Numa outra vertente, destaque-se ainda a realização em Lisboa do III Encontro de Poetas Chineses e Lusófonos, uma iniciativa conjunta do Centro Nacional de Cultura, de Portugal, da Fundação Jorge Álvares e do Instituto Internacional de Macau, com o apoio do Instituto Cultural da RAEM, de que apresentamos nesta edição uma desenvolvida reportagem jornalística e fotográfica.

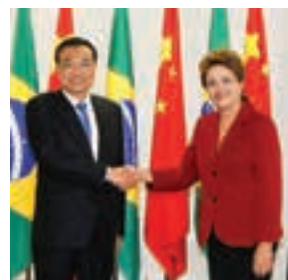
Luís Ortet



- 6 **ACONTECEU**
As notícias que marcaram a actualidade da RAEM
- 10 **O MUNDO MILIONÁRIO DAS INFRA-ESTRUTURAS**
Sexta edição do Fórum Internacional de Infra-estruturas teve lugar em Macau com acordos inéditos
- 14 **CENTRO DE PRODUTOS LUSÓFONOS**
Plataforma online trilingue visa impulsionar comércio agroalimentar entre a China e os países de língua portuguesa
- 18 **DIPLOMACIA: BRASIL E CHINA**
Em menos de um ano, os dois países assinaram 89 acordos. As relações entre a China e o Brasil nunca estiveram tão prósperas
- 24 **TIMOR-LESTE NO FÓRUM MACAU**
Danilo Afonso-Henriques, delegado de Timor-Leste no Fórum Macau, quer elevar a parceria com a China a outro patamar
- 30 **MOTAS ELÉCTRICAS MADE IN MACAU**
São ecológicas e silenciosas e começam agora a rodar pelas ruas da cidade. A aposta da Oasis nas motas eléctricas
- 36 **PME: VIVER DA CRIATIVIDADE**
Mini Wong criou a Prism Macau, um negócio onde a criatividade vê-se no produto
- 40 **SAÚDE: MEDICINA TRADICIONAL CHINESA**
Um dossiê sobre o sistema médico milenar que agora tem os olhos postos no futuro

○ União de gigantes

Num único dia, o Brasil e a China assinaram 35 acordos bilaterais que ultrapassam os 53 mil milhões de dólares. A lista é grande e se desenrola por todas as áreas, de infraestruturas ao desporto, e eleva para 89 o número de acordos firmados entre os dois países em menos de um ano. Um casamento estratégico de interesses que tem tudo para durar



Saúde milenar ○

Assente em princípios que remetem para uma abordagem holística do corpo humano, a Medicina Tradicional Chinesa está longe de ser uma moda do passado. Se por um lado são cada vez mais os doentes que nela procuram auxílio, por outro há também cada vez mais peritos interessados em modernizá-la



62 TURISMO: CHINESES EM PORTUGAL

Imagem de Cristiano Ronaldo ajuda no boom do turismo chinês em Portugal

72 JUVENTUDE MACAENSE UNIDA

A terceira edição do Encontro da Comunidade Juvenil Macaense reuniu 50 jovens em Macau

78 POESIA SEM FRONTEIRAS

Poetas chineses e lusófonos voltaram a encontrar-se para discutir uma 'língua' universal

86 ÍCONES: TECIDO CHINÊS

Hung bak lam, o tecido vermelho, branco e azul que veste Macau e Hong Kong há décadas

88 ROTA DA SEDA: O ANTIGO PORTO DE QUANZHOU

A história da cidade que faz parte da lista da Rota Marítima da Seda

96 OS MITOS DA CRIAÇÃO NA CULTURA CHINESA

As respostas sobre as origens do mundo a partir das divindades Pan Ku e Nü Wa

106 ÁTRIO: EXPERIENCE

Música com guitarra portuguesa e letra em cantonês é apenas uma das inovações desta banda de Macau

112 ESPECTÁCULOS, EXPOSIÇÕES E LIVROS

Sugestões para ver e ler nos próximos meses

118 MEMÓRIAS: REFUGIADOS NA ZONA NORTE

As barracas de refugiados nos novos aterros da Areia Preta marcavam a paisagem de Macau nos anos de 1960

A ajuda de C Luo

A imagem de Cristiano Ronaldo, ou C Luo como é mais conhecido em chinês, foi a escolhida pela Secretaria de Estado do Turismo para atrair os chineses para Portugal. Até agora a campanha tem dado resultado e o comércio e os hotéis nacionais já estão a tomar as devidas medidas



Riqueza à beira-mar

Pequena e pacata cidade perdida nos recortes da costa marítima de Fujian, Quanzhou guarda uma história multicultural e inter-religiosa registada tanto nos seus habitantes e visitantes como nos inúmeros monumentos e pedras que perduraram até à actualidade. A cidade faz parte da lista da Rota Marítima da Seda, cuja candidatura à Património da Humanidade será apresentada à UNESCO em 2016



Juventude em linha

Muitos vieram à descoberta das raízes, outros no ensejo de as aprofundar. Jovens macaenses na diáspora – unidos pelo laço de uma herança comum – reuniram-se em Macau para mais um encontro. O próximo fica marcado online, já que vai ser criada, em breve, uma plataforma para manter vivo o contacto

Macau celebra dez anos de património na UNESCO

As actividades comemorativas do 10.º aniversário da inscrição do Centro Histórico de Macau como Património da Humanidade da UNESCO arrancaram em Junho, com um extenso programa dedicado à Província de Henan. Foram 35 eventos que incluíram a abertura de novas instalações histórico-culturais, revitalização de edifícios, exposições e seminários, em que se destacou o programa “Mostra de Património Cultural Intangível da Província de Henan”. A mostra cultural deu a conhecer dez itens representativos do património cultural imaterial daquela região, como figuras típicas de barro ou técnicas de fundição de espadas, e oferece actuações de artes marciais e ópera de Henan, além de uma palestra sobre trabalhos de conservação. Cerca de 25 edifícios ou conjuntos entre largos e edifícios tão diversos como o Templo de A-Má ou as Ruínas de São Paulo, o Edifício do Leal Senado, Farol da Guia ou da Santa Casa da Misericórdia de Macau, integram o património classificado pela UNESCO.



BENFICA SAGRA-SE BICAMPEÃO DE MACAU EM FUTEBOL

A Casa do Sport Lisboa e Benfica de Macau sagrou-se bicampeã de futebol ao renovar o título da Liga de Elite da RAEM. Depois de alguns percalços pelo caminho, os pupillos comandados pelo treinador português Bruno Álvares conseguiram levar a equipa a bom porto, sagrando-se novamente campeões, à semelhança do ano passado, apenas na última jornada com um ponto de vantagem sobre o Windsor Arch Ka I, equipa que venceu a Taça de Macau precisamente contra os encarnados por 3-2. O melhor marcador do campeonato acabou por ser o ponta-de-lança do Benfica de Macau William com 23 golos marcados. Com esta vitória no campeonato, as águias conseguem um lugar na pré-eliminatória da AFC Cup, segunda competição de clubes mais importante da Ásia, onde irá defrontar o Sheikh Jamal, do Bangladesh, e o Alga, do Quirguistão. A Casa de Portugal e os Sub-23 acabaram despromovidos e dão o seu lugar aos novos primo-divisionários Lo Leong e Kei Lun.



Feira de Franchising com 168 marcas representadas

A 7.ª edição da Feira de Franchising de Macau, em Julho, contou com a participação de 168 empresas, das quais 73 por cento de outros países. Dos 218 stands da feira, 29 por cento eram dedicados ao comércio a retalho e 25 por cento à restauração, e estavam também representadas empresas de serviços financeiros, educação ou imobiliário. De fora vieram 123 empresas, de 11 países ou territórios, a maioria do Interior da China, com os Emirados Árabes Unidos a participarem pela primeira vez no evento.

NOVO FERIADO A 3 DE SETEMBRO

O dia 3 de Setembro vai ser feriado obrigatório em Macau, seguindo a decisão do Governo Central para celebrar o 70.º aniversário da vitória na II Guerra Mundial. Em 2014, o governo chinês instituiu a data como Dia Nacional da Vitória da China na Guerra de Resistência contra a Agressão Japonesa, mas só este ano será feriado nacional. A data evoca a rendição do Japão, assinada a 2 de Setembro de 1945 a bordo de um navio da marinha norte-americana pelo então ministro japonês dos Negócios Estrangeiros.

NÚMEROS

\$ 5835,6 MILHÕES

FOI QUANTO O GOVERNO
DA RAEM GASTOU COM
OS CHEQUES À POPULAÇÃO

1,8%

TAXA DE DESEMPREGO
NO 2.º TRIMESTRE
(+0,01%)

Novos aterros em consulta pública

O Governo de Macau estima acolher nos cinco novos aterros 162 mil pessoas, o equivalente a 46 mil por quilómetro quadrado, mais do dobro da actual densidade populacional da cidade, já a mais elevada do mundo. O plano director dos novos aterros foi apresentado em Julho de forma mais pormenorizada, entrando na terceira e última fase de consulta pública. Um quarto da área destes cinco novos espaços que a cidade vai roubar à água vai ser ocupada com habitação, traduzindo-se em 54 mil fogos num total dos 3,5 quilómetros quadrados.



INDEPENDÊNCIA DE MOÇAMBIQUE CELEBRADA COM GASTRONOMIA

Macau acolheu em Junho um festival de gastronomia moçambicana a cargo do chef Carlos Khan da Graça, integrado nas celebrações do 40.º aniversário da independência do país. A iniciativa, organizada pela Associação dos Amigos de Moçambique (AAM), também contou com uma apresentação sobre oportunidades de investimento em Moçambique voltadas para o desenvolvimento do sector do turismo e do lazer. Em Outubro passado, o país africano abriu um consulado em Macau, liderado por Rafael Custódio Marques.



Fórum de Economia e Turismo focado na América Latina

A 4.ª edição do Fórum de Economia de Turismo Global, a decorrer em Macau entre 12 e 14 de Outubro, vai alargar este ano a sua visão da rota da seda ao focar-se nos países da América Latina. Sob o tema “Uma Faixa, Uma Rota –Desvendar Novos Dinamismos do Turismo Cultural”, o evento contará com a participação especial de quatro países latinos – Peru, Chile, México e Colômbia – e as províncias chinesas de Zhejiang e Hunan. No decorrer do evento, a Organização Mundial do Turismo e o Centro de Pesquisa de Economia de Turismo Global vão apresentar o segundo Relatório Conjunto Anual Sobre as Tendências do Turismo na Ásia. Está prevista a participação de mais de 3000 representantes de 45 países e regiões.

UM assina acordo com Cabo Verde

A Universidade de Macau (UM) assinou em Julho um acordo com a Direcção de Ensino Superior de Cabo Verde para reforçar o intercâmbio de alunos, no âmbito do XXV Encontro das Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP). A iniciativa prevê que todos os anos a universidade local receba cinco alunos de Cabo Verde – três para licenciatura e dois de pós-graduação. Os alunos terão um apoio do Governo de Cabo Verde para a viagem, para a estadia e uma bolsa mensal, enquanto que a UM irá atribuir a isenção de propinas.



5,52%

TAXA DE INFLAÇÃO
NOS 12 MESES
TERMINADOS EM MAIO

-24,5%

QUEDA DO PRODUTO
INTERNO BRUTO (PIB)
NO 1.º TRIMESTRE

27.807

PESSOAS MULTADAS POR FUMAREM
EM LOCAIS PROIBIDOS ENTRE
JANEIRO DE 2012 E JUNHO DE 2015



Indonésia sagra-se campeã nos barcos-dragão

A equipa da Indonésia foi a grande vencedora na prova de 500 metros em grandes embarcações da Regata Internacional de Barcos-Dragão de Macau, em Junho. A equipa China Nanhai Jiujiang ficou em segundo lugar, seguida da Jubileu Dourado da Sociedade de Jogos de Macau. Na categoria feminina, a equipa China Nanhai Jiujiang foi a mais rápida. Em segundo lugar ficou a equipa das Filipinas e em terceiro a China Tianjin.

LIONEL LEONG NA ILHA DA MONTANHA COM JOVENS EMPRESÁRIOS

O secretário para a Economia e Finanças, Lionel Leong, levou à Ilha da Montanha, em finais de Maio, uma delegação composta por 100 jovens empresários de Macau, com o intuito de dar a conhecer o espaço que vai albergar projectos de jovens empreendedores locais. A primeira fase do projecto, que abrange uma área de 30 mil metros quadrados, deve estar concluída até Setembro, e até ao fim do ano prevê-se a conclusão de outros 100 mil metros quadrados. Até Junho, 27 jovens empresários de Macau já tinham apresentado propostas de negócios para o novo espaço.



GONÇALO LOBO PINHEIRO

João Francisco Pinto reeleito presidente da AIPIM

O director de Informação e Programas dos Canais Portugueses da TDM, João Francisco Pinto, foi eleito para mais um mandato como presidente da Associação de Imprensa em Português e Inglês de Macau (AIPIM). A nova direcção pretende apostar na formação profissional, em especial no fotojornalismo e no jornalismo económico. Outro objectivo é a realização do segundo Congresso dos Jornalistas de Macau. Além de João Francisco Pinto, continuam na direcção como vice-presidentes Gilberto Lopes e Sérgio Terra. Já Paulo Azevedo mantém o lugar de presidente da Assembleia-Geral e Paulo Barbosa o de presidente do Conselho Fiscal.

GONÇALO LOBO PINHEIRO



Representante de Macau integra direção da PATA

A directora dos Serviços de Turismo de Macau (DST), Helena de Senna Fernandes, foi nomeada em Junho para a direcção executiva da Associação de Turismo da Ásia-Pacífico (PATA), assumindo também o cargo de presidente do comité de nomeação, cuja principal função é propor candidatos para cargos vagos na direcção. A PATA, fundada em 1951 e à qual Macau pertence desde 1958, foi presidida, entre 2012 e 2014, por João Costa Antunes, que também já foi director dos Serviços de Turismo de Macau e hoje coordena a comissão do Grande Prémio.



Cooperação reforçada para difundir língua portuguesa

Portugal e Macau acordaram em reforçar a sua cooperação para ampliar a difusão do ensino da língua portuguesa em Macau, na China e na região Ásia-Pacífico. O compromisso foi firmado durante a primeira Reunião da Subcomissão da Língua Portuguesa e Educação da Comissão Mista Macau-Portugal, realizada em Junho, em Lisboa. Macau deseja aumentar o número de profissionais bilingues chinês-português e Portugal irá cooperar neste sentido com as estruturas que dispõem na RAEM, nomeadamente através do IPOR. Dados oficiais indicam que há cerca de 6000 estudantes de português e existem seis instituições de ensino superior que estão a oferecer o português nas licenciaturas, mestrados e doutoramentos. Na China, há 20 universidades a oferecer formação em língua portuguesa e mais de 1800 alunos inscritos em cursos de todos os níveis.

ELEITORES PORTUGUESES AUMENTAM MAIS DE UM TERÇO

Mais de 4700 portugueses recensearam-se em Macau até Julho, mais de um terço em relação aos 11 mil registados no final de Abril, quando começou uma campanha de recenseamento para as eleições do Conselho das Comunidades Portuguesas (CCP). Actualmente, os titulares de passaporte português recenseados em Macau deverão rondar as 15.000 pessoas. As eleições para o CCP realizam-se a 6 de Setembro, para eleger 80 conselheiros, incluindo três pelo círculo da Ásia, que inclui Macau, Hong Kong e China, Tailândia e Japão, com uma lista única composta por José Pereira Coutinho, Rita Santos e Armando de Jesus.

FORMALIZADO ACORDO COM A CHINA PARA COMISSÃO DE TURISMO

O Governo e a Administração Nacional do Turismo da China assinaram um acordo em Junho, que prevê a criação de uma comissão conjunta, assim como a organização de acções promocionais, intercâmbios, estudos e políticas para o sector. “O nosso objectivo é impulsionar a transformação de Macau num centro mundial de turismo e lazer”, disse a directora dos Serviços de Turismo, Helena de Senna Fernandes. O director da Administração Nacional do Turismo da China, Li Jinzao, acredita que a região vai entrar numa “nova fase”, em parceria com as autoridades chinesas.

SÃO JOÃO VOLTA A ANIMAR MACAU

Jogos populares, artesanato, muita animação e vários petiscos regados com bebidas variadas animaram em Junho o arraial de São João em Macau, uma festa popular em honra do padroeiro da cidade. Organizado por cinco associações locais – Associação dos Macaenses, Casa de Portugal em Macau, Associação dos Aposentados, Reformados e Pensionistas de Macau, Instituto Internacional de Macau e Associação Promotora da Instrução dos Macaenses com a Escola Portuguesa e com o patrocínio e apoio da Fundação Macau e dos Serviços de Turismo, o arraial voltou a ocupar o Bairro de São Lázaro.

USJ com novo curso de português

A Universidade de São José (USJ) vai iniciar, em Setembro, um curso intensivo de português dirigido a alunos sem conhecimentos prévios da língua. Com a duração de um ano e uma carga lectiva intensa, a formação pretende conferir aos alunos um elevado nível de proficiência na língua, habilitando-os para os estudos superiores ou para o uso profissional do português na área da tradução. Em Setembro, a instituição vai também iniciar um mestrado em Estudos Literários Lusófonos.

GONÇALO LOBO PINHEIRO





O mundo milionário das infra-estruturas

Mais de mil delegados trocaram impressões, assinaram protocolos e memorandos num dos maiores encontros do sector das grandes obras a nível mundial, no início de Junho. As várias dezenas de acordos para projectos assinados pelos participantes do sexto Fórum Internacional sobre o Investimento e Construção de Infra-estruturas ascendem a 20 mil milhões de patacas. Entre os memorandos firmados constam empresas de Macau envolvidas na construção de estradas e habitação em Moçambique

APESAR DA anglofonia do nome, a Charlestrong Infrastructure é mesmo uma empresa de Macau, e é a lusofonia que tem concentrado o seu interesse – assinou um contrato chorudo para a construção de habitação pública em Moçambique. Este foi apenas um dos interve-

nientes que assinaram memorandos e acordos durante o Fórum Internacional sobre o Investimento e Construção de Infra-estruturas, que teve como palco a CotaiExpo do Venetian, em Macau, onde se reuniram nos dias 4 e 5 de Junho os representantes ministeriais de dezenas de países

espalhados pelo mundo e de mais de 30 instituições financeiras internacionais, 15 organizações industriais e ainda empreiteiros, fabricantes de equipamentos e prestadores de serviços industriais de mais de 60 países e regiões, num total de mais de mil participantes.



O evento tem uma dimensão notável: os mais de mil delegados presenciaram a assinatura de 120 acordos para projectos que renderam nada menos do que 2,5 mil milhões de dólares (20 mil milhões de patacas). Desses memorandos firmados, quatro envolveram empresas de Macau. “Com apoio financeiro certamente estaríamos numa boa posição para entrar no mercado de infra-estruturas internacional”, sugeriu o empresário Tang Hong Cheong, presidente da Associação de Engenharia e Construção de Macau, na conferência de imprensa de encerramento.

O segundo dia do Fórum foi também ocasião para a realização do Encontro Ministerial sobre Infra-estruturas entre a China e os Países de Língua Portuguesa, evento organizado pelo Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre

a China e os Países de Língua Portuguesa, mais conhecido como Fórum Macau. No capítulo da cooperação mútua entre a China, Macau e os países de língua portuguesa, “há um grande potencial a explorar”, opinou Vítor Sereno, cônsul de Portugal em Macau e Hong

Kong, destacando o papel que o Fórum Macau pode desempenhar nessa ponte.

O evento serviu também para Macau reforçar a sua posição como plataforma de internacionalização da China (nomeadamente entre os países de língua portuguesa, mas



não só) e na integração regional da própria cidade, que quer ter um papel activo na estratégia de desenvolvimento da região. “O investimento e a construção de infra-estruturas a nível internacional são um factor imprescindível”, destacou o secretário para a Economia e Finanças de Macau, Lionel Leong Wai Tac.

Supernegócios da China

Falar em grandes obras de infra-estruturas sem mencionar o nome da China está a ficar cada vez mais raro. A segunda maior economia do mundo tem sido nos últimos anos o país que mais investe nas suas próprias infra-estruturas e as suas empresas de construção têm ocorrido em massa a grandes projectos noutros países em vias de desenvolvimento. Por toda a parte, não falta quem queira fazer negócios com o grande gigante do Império do Meio.

FORAM ASSINADOS
120 ACORDOS PARA
PROJECTOS NUM
TOTAL DE US\$ 2,5
MIL MILHÕES. QUATRO
SÃO DE MACAU

No fórum deste ano, cuja sexta edição foi subordinada ao tema “Integração Económica Regional – Promoção do Novo Desenvolvimento da Cooperação Internacional em Infra-estruturas”, estiveram representantes da Rússia, do Reino Unido, do Sri Lanka, do Equador, das Bahamas e de tantas outras paragens, todos desejosos de apertar a mão de empresários chineses e selar projectos conjuntos de construção de infra-estruturas. “A China tem investido mais do que qualquer outro país na sua pró-

pria infra-estrutura”, observou Hans Schulz, vice-presidente do Banco de Desenvolvimento Interamericano. “Isso faz dela um parceiro-chave para investimentos mútuos com as nações americanas em desenvolvimento”, acrescentou.

África tem sido também um dos maiores pólos de atracção para as empresas de construção da China. “Estamos muito contentes com a relação que temos mantido com empreiteiros chineses”, afirmou Christopher Yaluma, ministro da Energia, Minas e Desenvolvimento Hidráulico da Zâmbia. “Queremos continuar a ver os construtores chineses e o investimento da China a entrar no nosso país”, afirmou o governante do país da África Austral.

Em jeito de balanço do fórum, Sou Tim Peng, director dos Serviços de Economia, considerou que o evento foi especialmente positivo para o sector das exposições e convenções. ■



DE MACAU PARA MOÇAMBIQUE

Nada menos do que 50 mil casas de habitação pública é a meta do projecto que já arrancou em Moçambique e de que faz parte, integrada num plano global de infra-estruturas, uma empresa de Macau – a Charlestrong Infrastructure. “Somos a primeira empresa de Macau a participar em grandes obras de infra-estruturas em Moçambique”, sublinhou Afonso Chan, vice-presidente da Charlestrong. Nesta fase, explicou o responsável, a empresa está a avançar com uma leva de 240 apartamentos, um projecto que arrancou em Outubro do ano passado, com prazo de um ano para a conclusão. “Garantimos ao governo de Moçambique entregar a chave no dia 31 de Outubro deste ano. Vamos conseguir cumprir, de certeza absoluta. Já acabámos as fundações e já estamos na fase estrutural. Contratámos quase 250 operários moçambicanos para trabalharem no nosso projecto”, referiu.



Alan Chan, vice-presidente da Charlestrong

CHINA A DESENVOLVER ESTRADAS MOÇAMBICANAS

O Governo moçambicano está apostado em desenvolver as suas infra-estruturas, em projectos que envolvem as rodovias, pontes e barragens, além da habitação social. O vice-ministro moçambicano das Obras Públicas e Habitação, João Machatine, veio a Macau para seduzir as empresas de construção e investidores chinesas a abrirem os olhos para esse mercado. O “rol de oportunidades de investimento” que o governante apresentou no fórum focou “sobretudo a componente de vias de comunicação – estradas e pontes –, gestão de recursos hídricos e sistemas de abastecimento de água e também habitação”.

Machatine aproveitou para saudar o trabalho de Macau nos contactos sino-lusófonos. “Reconhecemos o papel de Macau de plataforma entre a China e os países de língua portuguesa”, sublinhou. “Julgamos que Macau é o ‘interface’ para os países lusófonos no que concerne ao investimento chinês. Macau é a plataforma de ligação.”



João Machatine, vice-ministro das Obras Públicas e Habitação de Moçambique

COOPERAÇÃO M





Um maior conhecimento alimentar

T LUCIANA LEITÃO

O novo centro de distribuição dos produtos alimentares dos países lusófonos na RAEM visa proporcionar mais oportunidades de comércio com o Interior da China. Para já, está em funcionamento uma plataforma online trilingue (chinês, português e inglês) com uma base de dados alargada de produtos dos países de língua portuguesa



O **CENTRO** de distribuição dos produtos alimentares dos países de língua portuguesa apenas deverá estar pronto em meados do próximo ano. Por enquanto, já está a funcionar uma plataforma online (<http://pt.platformchinapl.mo/>), que serve de apoio a este e aos outros dois centros que o governo promete abrir.

Na quarta conferência ministerial do Fórum Macau, o vice primeiro-ministro chinês Wang Yang anunciou a abertura do centro de serviços comerciais para as pequenas e médias empresas dos países de língua portuguesa, do centro de distribuição dos produtos alimentares dos países de língua portuguesa e do centro de convenções e exposições para a cooperação económica e comercial entre a China e os países de língua portuguesa. Dos três, espera-se que o centro de produtos alimentares seja o primeiro a abrir.

Numa nota enviada à MACAU, o Instituto de Promoção do Comércio e Investimento de Macau (IPIM) refere que o centro deverá ser uma combinação de “ideias de Macau – mostra de produtos de Macau – e de centro de distribuição de produtos lusófonos alimentares”, devendo situar-se na praça do Tap Seac. Prevê-se que tenha dois

andares e uma área total de 4200 pés quadrados. “O centro irá apresentar e promover alimentos e bebidas de países de língua portuguesa bem como produtos locais. Irá proporcionar a empresas lusófonas mais exposição para mostrar os seus produtos, ligarem-se a empresas do Interior da China, especialmente nos campos da agricultura e indústria alimentar.”

O presidente da Associação Económica de Macau, Joey Lao Chi Ngai, acredita que esta seja uma boa medida, já que nos últimos anos tem havido uma “lacuna e uma necessidade” no que toca às relações comerciais entre a China e os países de língua portu-

O CENTRO TERÁ PRODUTOS CRIADOS EM MACAU E NOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA. LOCALIZADO NUM EDIFÍCIO NA PRAÇA DO TAP SEAC, TERÁ QUASE 400 METROS QUADRADOS E DOIS ANDARES

guesa. “O comércio internacional entre a China e os EUA é enorme, mas o comércio entre a China e os países de língua portuguesa, apesar de estar a crescer muito rapidamente, continua a ter um volume comparativamente baixo quando comparado com os EUA”, aponta. Da perspectiva de plataforma comercial e intermediário nessas relações, Macau dá assim um passo importante para facilitar a entrada dos países lusófonos no mercado alimentar da China, aponta o economista.

Para Joey Lao, o centro é uma “boa tentativa” para que os produtos lusófonos saiam reforçados no comércio internacional. “Já temos um website, mas precisamos de tempo para fazer crescer. E o centro é uma boa opção para promover o crescimento deste comércio online”, diz, acrescentando: “É também um bom complemento ao que fizemos no passado, no que toca ao comércio online de produtos lusófonos”.

Portal online para começar

Os três centros têm uma plataforma electrónica já a funcionar. “Através do portal, estão disponíveis as informações económicas e comerciais online, com o fim de alcançar uma ligação dos serviços online e offline em paralelo, reforçando assim as funções de Macau como plataforma de serviços económicos e comerciais, promovendo as oportunidades de cooperação entre Macau, a China e os países de língua portuguesa”, lê-se na descrição do portal.

O portal inclui uma base de dados dos produtos agrícolas e alimentares dos países de língua portuguesa, uma base de dados de profissionais chine-

ses e portugueses bilíngues, informações sobre exposições e convenções, regulamentos e políticas dos países de língua portuguesa, zonas de investimento e cooperação, informações comerciais e económicas, fornecedores de serviços profissionais e outros dados relevantes.

O presidente do IPIM, Jackson Chang, afirmou que numa primeira fase trata-se de uma plataforma de transacções electrónicas para informação e distribuição de produtos alimentares, sendo apresentada como “um novo canal para promover o comércio deste tipo de produtos e uma forma eficiente de aproximação dos impor-



tadores do Interior do País aos fornecedores dos países de língua portuguesa contribuindo para potenciar e incrementar as trocas comerciais”. A plataforma electrónica engloba também serviços de promoção e

tradução e as informações sobre os produtos das empresas serão disseminadas junto dos compradores da China através de publicidade. ■



XX



RELAÇÕES BRASIL-CHINA

União de gigantes

Num único dia, o Brasil e a China assinaram 35 acordos bilaterais que ultrapassam os 53 mil milhões de dólares. A lista é grande e se desenrola por todas as áreas, de infraestruturas ao desporto, e eleva para 89 o número de acordos firmados entre os dois países em menos de um ano. Um casamento estratégico de interesses que tem tudo para durar, apontam analistas

T VANESSA AMARO

PRIMEIRO XI Jinping, que em Julho do ano passado levou uma comitiva de ministros e de mais de 200 empresários ao Brasil, visita da qual resultou a assinatura de 54 acordos bilaterais. A visita em Maio de Li Keqiang, primeiro-ministro chinês, e um grupo de 120 empresários veio reforçar ainda mais a união entre estes dois gigantes: governos e investidores privados firmaram outros 35 acordos, que envolvem no total 53 mil milhões de dólares. As autoridades chinesas entregaram ainda para análise do Ministério do Planeamento brasileiro uma lista detalhada com 52 obras de infra-estruturas que Pequim tem interesse em construir no Brasil.

Em menos de uma década, a China tornou-se o principal parceiro comercial do Brasil, com o fluxo a saltar de 9000 milhões em 2004 para 80.000 milhões em 2014. Ainda assim, 90 por cento da exportação brasileira está concentrada em matérias-primas – soja (41 por cento), minério de ferro (30 por cento) e petróleo bruto (9 por cento). Enquanto isso, máquinas e equipamentos compõem a quase totalidade das exportações chinesas para o Brasil, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Já no sector privado, estatísticas do Conselho Empresarial Brasil-China indicam que os investimentos chineses no Brasil entre 2012 e 2013 traduziram-se em 31 projectos que totalizaram 8400 milhões de dólares.



O principal – e mais ambicioso – investimento anunciado por Li Keqiang é a construção da Ferrovia Transcontinental, que vai ligar o oceano Atlântico ao Pacífico, atravessando o Brasil e o Peru. A obra facilitaria o escoamento de produtos brasileiros para a China, hoje feito a partir de portos no Atlântico, mais distantes da Ásia. Já acordo firmado entre a Caixa Econômica e o Banco Industrial e Comercial da China criará um fundo de 50 mil milhões de dólares para financiar projectos de infra-es-

trutura no Brasil. Ficou ainda decidido o fim ao embargo da carne brasileira e a venda de 22 aviões da Embraer para a Tianjin Airlines. Uma grande parte dos memorandos de entendimento diz respeito à implementação de parcerias privadas, como, por exemplo, a instalação da primeira fábrica de painéis solares fotovoltaicos pelo Grupo BYD em Campinas, no interior de São Paulo, num investimento de 50 milhões de dólares.

No seu discurso, a presidente Dilma Rousseff comemorou a assinatura do acordo para investimentos chineses em infraestrutura, e revelou “enorme satisfação” com a proposta de outro fundo de 20 mil milhões de dólares para vitalizar a capacidade produtiva brasileira. As ofertas de recursos mostram o apetite chinês por obras de infra-estrutura, e aguçam a vontade do Brasil de manter a China como o seu principal destino de exportações. De acordo com o primeiro-ministro, a China tem recursos e tecnologia para exportar – com reservas financeiras recordes, o país procura investimentos no mundo todo e, depois de consolidar a sua posição em África, volta-se agora para a América Latina.

Casamento auspicioso

Para Augusto Castro, delegado do Brasil no Fórum Macau, a assinatura do Plano de Acção Conjunta 2015-2021 demonstra um compro-

O BRASIL, QUE EM 2014 EXPORTOU MAIS DE US\$ 40 MIL MILHÕES PARA A CHINA, TEM NA SOJA A SUA PRINCIPAL FONTE DE NEGÓCIOS, COM UM VOLUME DE 16,6 MIL MILHÕES. O FERRO REPRESENTOU 12,3 MIL MILHÕES, SEGUIDO DO PETRÓLEO (3,5 MIL MILHÕES), A CELULOSE (1,4 MIL MILHÃO) E O AÇÚCAR (880 MILHÕES)

PARA ALÉM DO BRASIL, O PRIMEIRO-MINISTRO CHINÊS VISITOU A COLÔMBIA, O PERU E O CHILE EM MAIO, ELEVANDO A UM NOVO PATAMAR A PRESENÇA DA CHINA NA AMÉRICA LATINA E REDUZINDO O PODER DE INFLUÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS NA REGIÃO

misso a longo prazo entre os dois países, ao indicar claramente linhas de acção para a cooperação bilateral e estabelecer objectivos a longo prazo. “É um documento bastante importante. A primeira versão englobava os anos de 2010 e 2014 e muito foi feito nesses quatro anos. Com o novo plano, há a perspectiva de um aumento substancial do investimento chinês e das exportações brasileiras”, refere à MACAU.

O facto do Brasil ter recebido duas visitas do mais elevado nível do Governo Central tão próximas uma da outra reflecte uma “grande intensidade na relação diplomática”, que é para já, segundo Augusto Castro, concretizada através de quase uma centena de acordos. Também para Marcos Cordeiro Pires, professor de Economia Política Internacional na Universidade Estadual de São Paulo (UNESP-Marília), o actual nível de entendimento “é um *guanxi* mui-

to bem sucedido” e, a seu ver, o Programa Sino-Brasileiro de Satélites de Recursos Terrestres (CBERS) é a prova de uma mudança qualitativa para o nível dessa relação. “Os acordos que viabilizam investimentos e favorecem o comércio bilateral poderiam ser firmados com qualquer outro país. Mas o desenvolvimento de novas tecnologias, sejam elas aeroespaciais ou energias renováveis, conferem um grau de equidade que outros acordos não conseguem oferecer”, aponta o docente.

Apesar do número elevado de acordos e intenções e das desconfianças de que não saiam do papel, tanto Augusto Castro como Marco Cordeiro Pires acreditam que grande parte seja viável e vai além de uma mera vontade política. “É uma fase muito auspiciosa, porque a China quer instalar empresas no Brasil que podem levar a um aumento muito significativo das ex-



portações brasileiras”, aponta o delegado do Fórum Macau. O docente da UNESP sublinha que a estrutura institucional chinesa é bastante favorável à concretização de todas as ideias, mas que há entraves do lado brasileiro a ultrapassar. “Enquanto que na China o Conselho de Estado define um projecto e os demais entes tendem a seguir a directriz central, no Brasil há muitos contrapesos a uma decisão do Governo Federal. De um lado, Estados e Municípios se equivalem à União em termo de direitos. Se um deles não se envolver no projecto, este simplesmente fica bloqueado”, explica, acrescentando ainda possíveis interferências do Ministério Público, de órgãos de fiscalização, da própria sociedade civil e de organizações não governamentais estrangeiras (no caso, por exemplo, do impacto ambiental de grandes estruturas).

Numa altura de estagnação económica no Brasil – o Produto Interno Bruto (PIB) não cresceu para além do 0,1 por cento em 2014 –, o apoio da China é considerado uma ‘tábua de salvação’ para colmatar a falta de investimento em infra-estruturas básicas e impulsionar o sector secundário. O ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Armando Monteiro, sublinha que as intenções chinesas dão “um sinal importante para a economia brasileira” e que a complementação produtiva é um ponto fundamental: “Abre-se um horizonte em que a China pode passar a produzir bens



SÓ COM A PETROBRÁS FORAM ASSINADOS TRÊS ACORDOS DE COOPERAÇÃO NO MONTANTE DE PELO MENOS US\$ 7000 MILHÕES, ENVOLVENDO O BANCO DE DESENVOLVIMENTO E O BANCO DE EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES, AMBOS DA CHINA

manufacturados no Brasil, tanto para venda no nosso vigoroso mercado interno como para exportação regional”. Ou seja, uma cooperação Sul-Sul sem precedentes na história. ■

HISTÓRICO DE BOAS RELAÇÕES

As relações comerciais entre Brasil e China foram estabelecidas em 1979 e, desde então, têm evoluído ano após ano. Desde 2009, o país asiático é o maior parceiro comercial brasileiro. A cooperação com a China constitui uma das principais fontes de investimento directos no Brasil, com especial destaque para os sectores de energia e mineração, siderurgia e agronegócio. O bom relacionamento tomou novos contornos em 1988, através do Programa Sino

–Brasileiro de Satélites de Recursos Terrestres (CBERS), o primeiro entre países em desenvolvimento no campo da alta tecnologia. Em 1993 foi estabelecida pela primeira vez uma parceria estratégica com a China. Os dois países são ainda parceiros no BRICS, no BASIC e no G-20; criaram em conjunto o Novo Banco de Desenvolvimento do BRICS, o Arranjo Contingente de Reservas e, mais recentemente, o Banco Asiático de Investimento e Infra-estrutura (este último ainda em fase de

desenvolvimento, com 57 países-membros fundadores). Em 2004, foi criada a Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação (Cosban), o principal mecanismo institucional das relações dos dois países. Por meio de subcomissões e Grupos de Trabalho, a Cosban tem um papel fundamental na avaliação, no planeamento e na implementação da ampla agenda de cooperação. A terceira e mais recente reunião ocorreu em Cantão, no último semestre de 2013.



PRINCIPAIS ACORDOS DE 2015

RELAÇÕES EXTERIORES

- Plano de acção conjunta entre os dois governos para 2015-2021;
- Memorando de entendimento para implementação de projectos para promoção de investimento e oportunidades de negócios entre os dois países;

COMUNICAÇÕES

- Memorando de entendimento sobre sensoriamento remoto, telecomunicações e tecnologia da informação
- Financiamento para o projecto *Free WiFi 4G*
- Acordo sobre centro conjunto de inovação na área da telefonia móvel
- Memorando de cooperação estratégica em soluções fixas e móveis

TRANSPORTES

- Memorando de entendimento sobre estudos de viabilidade do Projecto Ferroviário Transcontinental
- Acordo-quadro de financiamento para a compra de 40 aeronaves da Embraer
- Contrato de financiamento *leasing* operacional para a Azul Linhas Aéreas

CIÊNCIA E TECNOLOGIA

- Protocolo para pesquisa e produção conjunta do satélite de recursos terrestres China-Brasil (Cbers) 04a
- Acordo de cooperação científica
- Memorando de entendimento sobre oferta de formação em tecnologia da informação a bolseiros do programa Ciências sem Fronteiras

AGROPECUÁRIA

- Protocolo de requisito de saúde e quarentena sobre a exportação da carne bovina do Brasil à China
- Acordo de cooperação sobre saúde e quarentena animal

- Acordo-quadro de cooperação trilateral entre o governo do Estado do Mato Grosso do Sul, o Banco de Desenvolvimento da China e o grupo China BBKA sobre processamento de milho e soja

DESPORTO

- Memorando de entendimento para cooperação desportiva nas modalidades de ténis de mesa e badminton

ENERGIA

- Memorando de entendimento sobre cooperação na área da tecnologia nuclear
- Acordo para transferência de acções da EDPR para o Grupo Three Gorges sobre projecto de energia eólica
- Memorando de entendimento sobre cooperação em promoção de comércio e investimentos para construção de painéis solares fotovoltaicos
- Acordo-quadro de cooperação para financiamento de projectos da Petrobrás no valor de US\$ 5000 milhões

INFRAESTRUTURAS

- Acordo para instalação de complexo siderúrgico no Maranhão
- Memorando para a criação do Polo Automotivo de Jacareí
- Memorando de financiamento sobre projecto de compra de 24 navios de minério de ferro de 800 mil toneladas no total
- Memorando de entendimento para aquisição de quatro navios da *Class* carregadores de minério de grande porte

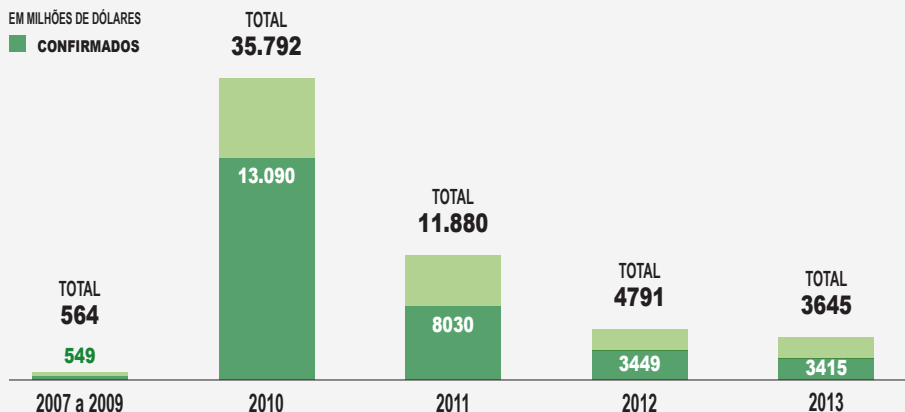
MEIO AMBIENTE

- Memorando de entendimento para parceria privada com vistas à elaboração de projecto no âmbito do programa de integração da Amazônia Legal para renovar e ampliar o actual Sistema de Protecção da Amazônia (Sipam)

NEGÓCIOS COM A CHINA

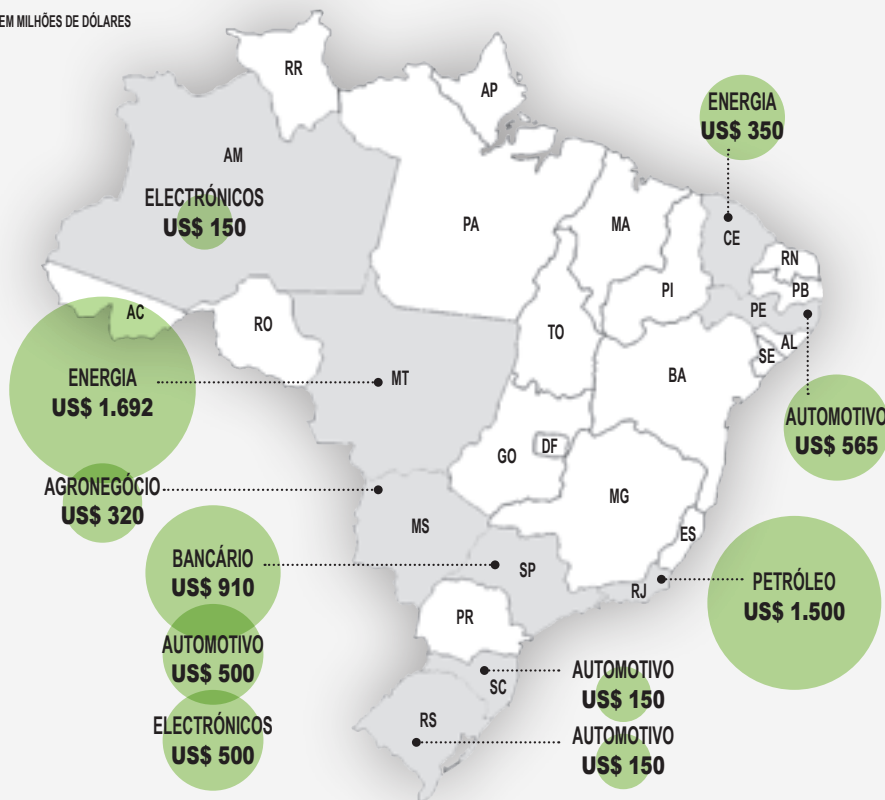
INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL

EM MILHÕES DE DÓLARES
■ CONFIRMADOS



DESTAQUES DE INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL (2012-2013)

EM MILHÕES DE DÓLARES



Fonte: Conselho Empresarial Brasil-China

TIMOR-LESTE NO FÓRUM MACAU

“A China tem sido fundamental na reconstrução de Timor-Leste”

T NUNO G. PEREIRA **F** GONÇALO LOBO PINHEIRO

Sendo o país mais jovem entre os membros do Fórum Macau, Timor-Leste possui grande margem de desenvolvimento. Danilo Afonso-Henriques, delegado do país na instituição, realça que as boas relações com a China criaram uma parceria eficaz. Macau está presente nessa ligação, havendo já empresários locais a investir nas oportunidades timorenses



“O FÓRUM Macau permite uma oportunidade ímpar e sem precedentes para a comunidade empresarial, em muitas partes da China, explorar oportunidades de investimento disponíveis nos países de língua portuguesa.” Danilo Afonso-Henriques é o

delegado que representa Timor-Leste na instituição há pouco mais de um ano e as suas palavras não podiam ser mais esclarecedoras quanto à importância atribuída ao Fórum. “Realiza efectivamente o seu papel desde que foi criado há mais de uma década. A Re-

pública Popular da China tem utilizado a RAEM como uma plataforma com sucesso para a interacção e a cooperação de natureza económica. Macau, agraciada pelo contexto histórico e cultural, tem sido capaz de agir activamente no papel de plataforma, reduzindo as lacunas. Ao mesmo tempo, os países-membros do Fórum têm trabalhado ao longo dos anos na identificação e implementação de métodos mais eficazes de envolvimento uns com os outros.”

Quanto aos aspectos em que o Fórum Macau melhor funciona como plataforma, Afonso-Henriques destaca fomentar vontades políticas, estimular a cooperação económica e as trocas comerciais, desenvolver recursos humanos, activar oportunidades de negócio com autoridades e empresários no interior da China e, por fim, promover actividades culturais.

Sobre as vantagens concretas que Timor-Leste tem usufruído por integrar o Fórum, mostra-se bastante satisfeito. “Sendo o país-membro mais jovem, Timor-Leste tem conseguido beneficiar com a sua participação em programas de formação e desenvolvimento profissional. Cerca de mil profissionais, principalmente funcionários públicos, puderam assim melhorar as suas capacidades profissionais e institucionais.”

Os negócios, claro, são outro ponto essencial. “As visitas ministeriais de Timor-Leste a Macau dinamizam a cooperação através de identificação de novas oportunidades estratégicas para a cooperação. Nas minhas várias visitas ao Interior da China, notei que existe um crescente conhecimento sobre Timor-Leste, graças ao papel positivo realizado



PROJECTOS REALIZADOS PELA CHINA EM TIMOR-LESTE

• Construção

Palácio Presidencial, edifício do Ministério da Defesa, edifício do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Centro de Formação Diplomática do Ministério dos Negócios Estrangeiros

• Agricultura

Cooperação com a empresa Yuan Longping High-Tech Agricultura Lda. em projectos de desenvolvimento agrícola

• Turismo

Investimentos feitos por pequenas e médias empresas (PME)

• Indústria

Fábrica da empresa de Macau TAM Electrónica, no distrito de Manatuto

• Comércio

PME na área de importação/exportação de produtos

ONDE ESTÃO OS INVESTIMENTOS

QUAIS OS INVESTIMENTOS MAIS IMPORTANTES DA CHINA EM TIMOR-LESTE?

A China tem sido fundamental no processo de reconstrução de Timor-Leste. O governo chinês forneceu alguns edifícios estatais importantes, incluindo o Palácio Presidencial, o Ministério da Defesa e o Ministério dos Negócios Estrangeiros. Há pouco tempo, foi concluído e inaugurado o Centro de Formação Diplomática do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Desde 2008, a empresa Yuan Longping High-Tech Agricultura Lda. colabora com o nosso país, através de projectos de cooperação técnica, para melhorar a produção agrícola. O seu investimento mais recente, após a assinatura de um acordo com o Ministério da Agricultura de Timor-Leste, destina-se à Zona de Desenvolvimento da Indústria Agrícola em Natarbora. Nos últimos tempos, tem havido também um fluxo de investimento privado de pequenas e médias empresas, em particular nas áreas de hotelaria/turismo e importação/exportação de produtos. Estes investimentos, não sendo de grande escala, criam postos de trabalho para os timorenses. Um fenómeno que ecoa os padrões de migração dos primeiros colonos chineses, da Província de Guangdong, que chegaram a Timor-Leste há mais de um século.

QUAIS SÓ FORAM POSSÍVEIS DEVIDO À EXISTÊNCIA DO FÓRUM?

O Fórum tem promovido e apoiado o investimento do empresário Akeu Leong, residente de Macau, no estabelecimento de uma fábrica da TAM Electrónica, no distrito de Manatuto. Este investimento tem tido um efeito muito positivo em termos de criação de emprego e evoluiu da produção de componentes para placas de circuitos electrónicos para sistemas de iluminação LED. Em Timor-Leste há múltiplas oportunidades de investimento para grandes empresas, mas também para as PME: agro-indústria (café, arroz, milho), arte e artesanato (cerâmica, escultura e uma comunidade artística florescente) e indústria de mobiliário (em particular de bambu, com métodos e meios de produção inovadores).

TIMOR-LESTE TEM INVESTIDO NA CHINA?

Existem algumas empresas privadas timorenses bem-sucedidas que operam na China. O empresário Kenny Lay estabeleceu fábricas de sacos de mão e vestuário; há um café, hotel e resort turístico em Yangshuo; e uma fábrica de conservas de tomate na província de Xinjiang.



pelo meu predecessor, Cornélio Ferreira, nos seus seis anos de serviço na função em que estou actualmente. A terra fértil foi preparada para receber grandes investimentos da China, incluindo as regiões administrativas especiais de Macau e Hong Kong.”

Honra e responsabilidade

Representar o seu país no Fórum é motivo de orgulho para Afonso-Henriques. “É uma

grande honra, juntamente com sentido de responsabilidade e dever, ser delegado do meu país. O Fórum representa uma oportunidade sem precedentes e sem paralelo para Timor-Leste para, através do seu delegado e com o apoio da República Popular da China, promover a imagem do país e divulgar oportunidades de investimento, nos vários sectores prioritários. Numa altura em que as empresas da segunda maior economia do mun-

do estão a ser incentivadas para explorar oportunidades de negócio no exterior, Timor-Leste, como os outros países-membros do Fórum, só pode beneficiar deste facto.”

Com as prioridades de desenvolvimento de Timor-Leste definidas, até 2030, pelo Plano Estratégico de Desenvolvimento Nacional, o delegado tem uma visão clara do que deve fazer no Fórum. “Vejo como sendo as minhas principais funções difundir as vantagens comparativas relevantes de fazer negócios em Timor-Leste e promover o ambiente de investimento mutuamente favorável criado ao longo dos últimos anos. Além disso, considero igualmente importante providenciar apoio aos empresários da China, incluindo os de Macau, para melhor inserção no mercado timorense.”

Timor-Leste não está representado em Macau através de um consulado, pelo que Afonso-Henriques também exerce apoio à missão diplomática do seu país em Pequim, na sua interligação com a comunidade timorense residente na RAEM. E quanto ao Fórum, não quer limitar-se a defender os interesses do seu povo. “Apesar de estar há pouco mais de um ano como delegado, espero dar o meu contributo para dinamizar este mecanismo de cooperação.”

Petróleo no horizonte

Os laços da cooperação entre China e Timor-Leste devem ser reforçados no futuro, graças a uma maior ligação comercial. Há várias possibilidades de investimento concreto na mesa e, ainda este ano, Afonso-Henriques irá ajudar a tornar esse objectivo uma realidade. “Estou pre-

LIGADO A MACAU

Danilo Afonso-Henriques celebrou um ano como delegado de Timor-Leste no Fórum Macau no dia 1 de Junho. Antes tinha sido coordenador do “Encontro Empresarial entre China e os Países de Língua Portuguesa”, realizado em Díli em 2013. “Conseguimos reunir cerca de 400 empresários e foram assinados oito acordos entre empresas dos países participantes.” Na sua carreira contam-se ainda os postos de Director de Assuntos Económicos, Investimento e Comércio, na Embaixada de Timor-Leste em Pequim, e Oficial Executivo Sénior, no Gabinete do Ministro dos Negócios Estrangeiros do seu país.

A sua ligação a Macau tem antecedentes familiares antigos, que ele conhece bem. “Houve uma época em que Macau e Timor-Leste eram ambas províncias ultramarinas portuguesas sob a jurisdição do Vice-Rei de Goa. O meu trisavô, José Corrêa de Lemos, foi o comandante militar em Macau na mesma época, em 1883. O filho dele, tenente Eurico, viajou para Timor, onde teve um filho, Óscar, meu avô materno. Por isso, a nossa família tem longos laços com Macau. Há mesmo uma rua em Coloane com o nome da nossa família, a Rua Correia Lemos. O meu bisavô estava muito envolvido com a comunidade chinesa em Díli e foi instrumental no estabelecimento do templo chinês na cidade. Agora sinto que a história completou o seu ciclo, pois voltei ao local de nascimento dos meus antepassados.”

Um regresso que tem sido um prazer, pelos pontos comuns entre China e Timor-Leste. “Existe um valor fundamental que as nossas culturas compartilham: a importância da família. Não apenas numa maneira filosófica, mas numa realidade de contacto do dia-a-dia. É algo que muito me agrada. Além disso, sinto-me abençoado por viver numa das civilizações mais antigas do mundo e explorar língua, arte, figuras históricas e tantos outros aspectos de uma cultura completamente fascinante.”



O bisavô de Danilo Afonso-Henriques, tenente Eurico Corrêa de Lemos, nasceu em Macau. Era filho do também tenente José Corrêa de Lemos, comandante militar que ajudou a estabelecer três escolas na década de 1880 na Taipa, em Coloane e em Hengqin, para crianças chinesas carenciadas



A última foto do tenente Eurico, num barco em Timor, com sete dos 13 filhos

parar a visita empresarial de uma comitiva de Macau e China a Timor-Leste. Tem como objectivo a concretização de investimento através de encontros com as nossas autoridades competentes na capital, Díli, na Zona Económica Especial de Oe-cussi e no distrito de Suai, onde esperamos desenvolver uma indústria petrolífera na costa sul, baseada em recursos já identificados no Mar de Timor.”

O delegado explica que o seu país vive um momento único, onde a necessidade de desenvolvimento em praticamente todas as áreas faz com que exista também um óptimo ambiente de investimen-

to. Expressa o desejo que os empresários chineses se apercebam deste cenário vantajoso e sigam o exemplo de marcas como a Heineken, cuja divisão Ásia-Pacífico assinou recentemente um acordo de investimento avaliado em 40 milhões de dólares para criar uma fábrica de cerveja e outras bebidas não alcoólicas, perto de Díli. E não é caso único. “Outro exemplo é de uma empresa australiana que irá construir uma fábrica de cimento no distrito de Baucau, com um investimento de cerca de 25 milhões de dólares. Estes acordos foram realizados, em grande parte, graças à pró-actividade da então

Secretária de Estado para o Apoio e a Promoção do Sector Privado, Veneranda Lemos.”

O governo timorense, aliás, tem feito um esforço continuado para atrair investidores internacionais. “A criação da Agência Especializada de Investimento, sob a presidência de Tony Duarte, teve como objectivo melhorar o papel de facilitador ao investimento estrangeiro. Acredito que o nosso processo de registo simplificado, a baixa taxa de impostos (dez por cento, uma das mais baixas do mundo) e o acesso aberto a vários mercados, são factores a nosso favor que vão motivar os investidores chineses a virem para o nosso país.” ■

NEGÓCIOS **M**

O futuro é agora

T LUCIANA LEITÃO **F** GONÇALO LOBO PINHEIRO

A primeira e única empresa de motas eléctricas de Macau já tem quatro estações de troca de bateria na cidade e pretende instalar mais 16 até ao fim do ano, esperando assim angariar um número maior de clientes nesta parte do mundo



池
交
換

Battery
exchange
station

A FÁBRICA de Motociclos Eléctricos Oasis, a criadora das primeiras motos eléctricas da RAEM, tem já quatro estações de troca de baterias espalhadas pela cidade, que espera virem a tornar mais apelativo o recurso a este meio de transporte em Macau.

A directora executiva da empresa, Angela Lam, afirma que a produção destas motos eléctricas acaba por ser “a única indústria, além do jogo, a potencialmente vingar no território”, até porque estes produtos poderão vir a ser exportados para outros países. As motos custam em média 18 mil patacas.

Porém, garante que o principal objecto de negócio não é a venda destas motos, mas antes promover o recurso às estações de troca de baterias. Assim, apesar de neste momento apenas existirem quatro na cidade –, na Areia Preta, uma junto à CEM, outra na zona do hospital Kiang Wu e a quarta no terminal

A EMPRESA OASIS NÃO É NOVA E AS MOTAS JÁ ESTAVAM À VENDA DESDE 2013, MAS O NEGÓCIO NÃO CORREU TÃO BEM, PRECISAMENTE PELA FALTA DE CONVENIÊNCIA NO RECURSO A ESTAÇÕES DE CARREGAMENTO DE BATERIA NA CIDADE

marítimo – planeiam até ao fim deste ano ter um total de 20. “Nos próximos dois anos, devemos ter 50, mesmo que apenas 20 sejam suficientes. Macau é pequena, não precisa de tantas, mas o meu chefe quer instalar para



que seja particularmente conveniente para os clientes”, afirma.

Simon Lam, que pretende abrir um posto de venda destas motas ainda este ano, é também um dos clientes mais recentes da Oasis. “Quando falha a bateria, vais até à estação, passas o cartão na máquina e a porta irá abrir. Tiras de lá uma bateria completamente carregada e substituis pela tua, fechas a porta”, explica, acrescentando: “Cobram 10 patacas por cada troca de baterias, mas continua a ser muito mais barato do que a gasolina, provavelmente corresponde a um terço do custo”.

Um novo conceito

A empresa Oasis não é nova e as motas já estavam à venda desde 2013, mas o negócio não correu tão bem, precisamente pela falta de conveniência no recurso a estações de carregamento de bateria no território. “Levavas mais tem-

po, tinhas de esperar entre uma e duas horas a carregar”, explica Angela, acrescentando: “Não sendo possível instalar pontos de carregamento no território, leva, ao invés, que as pessoas apenas as tenham nos seus apartamentos e isso acaba por não ser muito conveniente para os utilizadores”. Pelo contrário, agora o utilizador leva apenas um minuto a trocar de bateria. “Os clientes queixavam-se de que ninguém tinha paciência para esperar pelo carregamento completo das baterias.” Nessa primeira fase, conseguiram vender entre 30 e 40 motas elétricas. “Eram agentes imobiliários, seguradoras [os clientes]”, descreve.

Agora, depois de percorrer 100 quilómetros, a luz acende-se, avisando que o condutor tem apenas bateria para percorrer o equivalente a dez quilómetros. Nesta segunda fase de produção, em que as motas já são ligeiramente adaptadas às novas estações de





DEPOIS DE PERCORRER 100 QUILÓMETROS, UMA LUZ DO MOTOCICLO ACENDE-SE, AVISANDO QUE O CONDUTOR TEM APENAS BATERIA PARA OUTROS DEZ QUILÓMETROS. NA ESTAÇÃO DE TROCA, EM MENOS DE UM MINUTO, TEM-SE ACESSO A UMA BATERIA NOVA CARREGADA

troca de bateria, têm, por enquanto, apenas três clientes.

A empresa continua a aperfeiçoar o design e as características técnicas da moto. Mas, na segunda parte deste ano, a empresa pretende apostar no marketing. “O produto mudou um pouco [também para se adaptar às novas estações de troca].”

Assim, Angela espera que possam alcançar outro tipo de clientes, sobretudo empresas que precisem de várias motos. “Estamos a contar com firmas de logística e de entrega de pizzas, por exemplo”, diz, esclarecendo: “Se este tipo de empresas comprar estas motos, vai ajudar a baixar os seus custos de operação, além de passar a imagem de que são empresas amigas do ambiente, facilitando, por exemplo, o negócio com o governo.”

Propondo instalar na cidade estações de troca de baterias ao invés de pontos de carregamento, Angela afirma que foi uma mudança necessária. “Algumas pessoas moram em apartamentos, as baterias são pesadas, voltar a casa para carregar a bateria não funciona.”

Neste momento, já estão em conversações com o governo e com algumas lojas de forma a poder instalar estas estações nos respectivos parques de estacionamento. Quanto aos hotéis-casinos, Angela reconhece que seria interessante instalar nesses locais, mas a negociação ainda está numa fase muito incipiente. “Ainda precisamos de conversar”, declara. Com pontos de troca localizados apenas na península, Angela reconhece que também ponderam instalar na Taipa, mas ainda estão em conversações.

A empresa foi fundada em 2009, mas Alexander Chan levou quatro anos a criar um modelo de moto eléctrica, cujas baterias possam ser removidas, de forma a carregar autonomamente. ■



PME

Como é que se desenha o sucesso?

T NUNO G. PEREIRA **F** GONÇALO LOBO PINHEIRO

Muitos empresários ficam ressentidos quando os seus melhores empregados vão embora. Os mais inteligentes não. Quando Mini Wong se despediu para abrir uma empresa de arte e *design*, o seu talento convenceu o patrão a apostar nos sonhos dela



QUAIS OS êxitos que espera atingir nos próximos cinco anos? “Ter uma grande equipa a trabalhar comigo, criar peças admiradas por cada vez mais pessoas e ser parte de uma família feliz.” Mini Wong, CEO da Prism Creative Macau, traça o futuro com objectivos claros. Porque assim os definiu, mas, mais do que isso, pela forma natural como o seu quotidiano os exige. No plano pessoal, constituir família será uma evolução lógica; no profissional, receber reconhecimento pela sua obra é também uma ambição de todos os artistas. Quanto ao desejo de partilhar o trabalho com uma grande equipa, é aqui que o dia-a-dia desta empreendedora mais suspira por mudança. De preferência bem antes de se passarem cinco anos. “É complicado ter de fazer tudo sozinha, arranjar tempo para todas as tarefas. O meu sócio é só investidor, deixa-me decidir como lidar com a maioria dos problemas e, por causa do nosso orçamento limitado, não é ainda possível contratar alguém. Essa é a parte mais difícil do negócio.”



Desengane-se porém quem pensar que Mini é mulher para se afogar nos mares do queixume. O nome até lhe dá mais graça, pela sua pequena estatura, mas torna-se apenas fugaz ironia quando ela, sempre sorridente, mostra a verdadeira face: um maxi-dinamo de entusiasmo e determinação.

Com 28 anos e uma licenciatura em Design feita no Instituto Politécnico de Macau, fundou a empresa no ano passado. Ao seu lado está Keith Chao, um dos donos da agência de publicidade onde ela trabalhava como *designer* gráfica, antes

de abrir a Prism Creative Macau. Mini explica que, gerindo um negócio pela primeira vez, recorre à orientação do sócio, mais experiente nessas andanças. Contudo, só o faz quando é estritamente necessário – Keith Chao quer que ela seja o mais autónoma possível. Afinal, só aprende a nadar quem se afasta da terra firme.

Processo de aprendizagem

A Prism Creative Macau tem três áreas de negócio, todas ligadas ao *design* e, num sentido mais abrangente, à expressão artística. “Vendemos o trabalho de artistas e pequenas marcas (a maioria é de Macau, mas também há de Hong Kong e outros locais da China); organizamos *workshops* com artistas, pois queremos encorajar as pessoas a envolverem-se directamente nas áreas criativas do seu interesse (e é também uma forma de ganharem mais consideração pelo acto de criar); somos ainda um espaço para exposições e pequenos eventos. Escolhi este negócio porque sou *designer* gráfica. Entendo o processo criativo e quero continuar a crescer nesta área.”





O amor à criatividade não justifica em pleno a decisão de abrir o negócio. Empreendedorismo obriga a tocar vários instrumentos, uma arte de polivalência que vai além do *design*. Então, porquê a vontade de dar tal salto? “O trabalho nas agências de publicidade em Macau é igual e eu estava cansada de fazer a mesma coisa. Precisava de um desafio mais estimulante. Como ainda sou nova, achei que era a altura ideal para correr riscos e abrir um negócio. É também um processo de aprendizagem, onde sou testada diariamente, descobrindo o que faço melhor e quais as minhas lacunas.” E um sonho realizado? “A empresa é uma parte dos meus sonhos realizados. Ao dar-me oportunidade de aprender todos os dias, permite-me ambicionar ir cada vez mais longe. Isto é fundamental para definir o meu futuro e continuar a perseguir objectivos.”

Põe coração no que fazes

“Sempre adorei desenhar e pintar, mas também cantar. Cheguei a fazer parte do coro da escola. Até ao final do liceu, queria ser cantora, só depois é que decidi ir para a área do

design. Mas continuo a gostar muito de cantar. A boa música vem do coração.” Se os bons negócios têm a mesma origem é discutível, mas uma certeza há: quem quer uma empresa necessita de cérebro, mas uma boa dose de coragem também é essencial. E até mesmo para uma mulher tão determinada como Mini, há alturas em que só apetece gritar “aguenta coração!”. Mesmo, como ela sublinha, contando com um sócio para dividir a pressão fi-

A PRISM CREATIVE
TEM TRÊS ÁREAS
DE NEGÓCIO, TODAS
LIGADAS AO DESIGN
E, NUM SENTIDO
MAIS ABRANGENTE,
À EXPRESSÃO
ARTÍSTICA: VENDA
DE TRABALHOS,
WORKSHOPS E
ESPAÇO PARA
EXPOSIÇÕES

nanceira. “Ainda assim temos de controlar muito os gastos.”

As dificuldades, iguais para tantos empreendedores, surgiram logo no arranque, onde foi necessário começar tudo do zero. “Todo o processo desde que decidimos abrir a empresa até concretizarmos esse objectivo foi bastante difícil. No início, pensava que seria fácil dar a volta aos problemas, fazendo-o pouco a pouco, mas estava enganada – depressa percebi que era impossível resolver tudo sozinha. É preciso contactar vários artistas, estabelecer parcerias, preparar exposições, tratar da gestão corrente e dos relatórios mensais, promover vendas, organizar *workshops*, enfim, muita coisa.”

Nas alturas mais tensas, como é que se afastam os pensamentos negativos? “Claro que sinto grande pressão, mas tenho a sorte de contar com os conselhos do meu sócio e a ajuda de muitos dos meus amigos. Mas o maior apoio é o meu namorado. Confesso que, às vezes, quando surge um problema que parece inultrapassável, penso em desistir. E é aí que ele puxa por mim, ajuda-me a limpar a cabeça, dá-me força e serenidade para continuar.”

Felizmente para Mini, a receptividade do público tem sido positiva, funcionando com um bom tónico de optimismo. “Sinto-me sempre muito feliz quando os clientes me dizem que adoram o *feeling* da loja e os nossos produtos. As vendas têm sido calmas, mas não param de aumentar, tal como o número de clientes. Ou seja, há um crescimento lento, mas contínuo, o que nos dá confiança para o futuro desta aposta.” ■

SAÚDE 

MEDICINA TRADICIONAL CHINESA

Saúde milenar

T  SOFIA JESUS

Assente em princípios que remetem para uma abordagem holística do corpo humano, a Medicina Tradicional Chinesa (MTC) está longe de ser uma moda o passado. Se por um lado são cada vez mais os doentes que nela procuram auxílio, por outro há também cada vez mais peritos interessados em modernizá-la. Neste dossiê levantamos um pouco do véu sobre um sistema médico milenar de olhos postos no futuro



大補丸
每兩 200元

龍骨丸
每兩 200元

龍骨丸
每兩 200元

龍骨丸
每兩 250元

龍骨丸
每兩 250元

龍骨丸
每兩 250元

花膠
每兩 100元

花膠
每兩 115元

花膠
每兩 125元

白燕窩
每兩 500元

印尼燕窩
每兩 850元

天然燕窩
每兩 850元

正北芪
每兩 9元

正北芪
每兩 11元

正大北芪
每兩 13元

大北芪
每兩 15元

大北芪
每兩 15元

大北芪
每兩 15元

大北芪
每兩 15元

黃耳子
每兩 10元

黃耳子
每兩 10元

白芷
每兩 10元

川芎
每兩 10元

黃耳子
每兩 10元

黃耳子
每兩 10元

桃仁
每兩 10元

南杏仁
每兩 10元

黃耳子
每兩 10元

黃耳子
每兩 10元

黃耳子
每兩 10元

黃耳子
每兩 10元

A MEDICINA Tradicional Chinesa (MTC) é “pioneira” numa série de intervenções baseadas numa “abordagem holística” em relação à saúde. Quem o reconhece é a Organização Mundial de Saúde (OMS), que dá como exemplos não só o uso de plantas medicinais e a acupunctura, mas também a dieta, o exercício físico e a “consciência dos efeitos do meio ambiente na saúde”.

Não se sabe ao certo quando é que a MTC começou a ser aplicada. Alguns documentos da OMS fazem recuar as suas origens 3000 anos; outras fontes apontam para um passado ainda mais remoto. O certo, em pleno século XXI, é que

por um lado, na China, a MTC está integrada por completo no sistema nacional de saúde, e, por outro, são cada vez mais as pessoas no Ocidente que recorrem a esta alternativa para tratar ou prevenir certos problemas de saúde.

Pedir a um médico tradicional que defina a MTC é caso para lhe arrancar, no mínimo, uma gargalhada. Foi o que aconteceu com Wing Kuan, que avisou logo à MACAU que esta “é uma questão demasiado ampla”.

Médico de MTC numa policlínica privada em Macau, Wing Kuan começa por separar as águas no que diz respeito à “teoria” que está subja-

cente a este tipo de medicina – uma teoria que, diz, “é totalmente diferente” da que marca a medicina ocidental ou convencional.

Princípios-chave

A Fundação Mundial de Medicina Tradicional Chinesa destaca, na sua página oficial da Internet, quatro princípios fulcrais da MTC. O primeiro é a ideia do corpo humano como um todo, um sistema integrado, complexo, alimentado pela “força da vida, ou energia” – o *qi* –, e em que tanto a mente como as emoções e as estruturas físicas têm um papel a desempenhar. Outra ideia chave é a de que o ser humano está

GONÇALO LOBO PINHEIRO





“completamente ligado à natureza” e é afectado pelas mudanças que nela se operam.

A organização sublinha ainda o princípio de que todas as pessoas nascem com uma “capacidade natural de auto-cura” – o corpo como “um microcosmos que reflecte o macrocosmos” – e a ideia de que “a prevenção é a melhor cura”, pelo que é preciso saber interpretar os sinais transmitidos pelo corpo, antes que surjam problemas mais complicados.

A ideia de equilíbrio está no centro deste tipo de medicina e não é visível apenas na forma como são interpretados os sintomas ou prescritos os tratamentos. Segundo explica à MACAU Chen Xin, professor do Instituto de Ciências Médicas Chinesas (ICMS, na sigla inglesa) da Universidade de Macau, existe uma expressão chinesa que ilustra bem o tipo de recomendações tradicionais para um estilo de vida saudável: “A comida e a bebida consumidas de uma forma moderada, dormir e acordar a uma hora certa e não levar a cabo trabalhos de modo imprudente”.

Um conceito importante para se tentar compreender a MTC é o de Tao. Em *Medicina Chinesa: Em busca do equilíbrio perdido*, os autores Cecília Jorge e Rogério Beltrão Coelho explicam que, para os chineses, o Tao é “a via da Natureza, a lei primeira que regu-

la tudo o que existe no Céu e na Terra”. Viver de acordo com o Tao, acrescentam, é “adaptar-se à ordem natural das coisas e comportar-se de maneira a não contrariar o seu percurso”.

Associada a esta ideia de adaptação às leis da natureza está a necessidade de seguir os princípios orientadores dos cinco elementos que influenciam o organismo humano – fogo, terra, metal, água e madeira. Por outro lado, a noção de equilíbrio pressupõe também a ideia de que, sobre o corpo humano, actuam duas energias cósmicas, o *yin* e o *yang* – duas forças opostas, que coexistem, que se complementam e que, se em harmonia, concedem saúde.

Entre os princípios filosóficos subjacentes à MTC está ainda a ideia de que no organismo, como em toda a natureza, há uma energia vital (*qi*), que percorre o nosso corpo através de uma rede de canais, ou meridianos. Desde que haja *qi* suficiente a fluir por estas vias invisíveis e órgãos a trabalharem em harmonia, o indivíduo mantém-se saudável.

Ao longo das páginas que se seguem, a MACAU procura dar a conhecer um pouco do que é a MTC. Além do contributo dado pelos especialistas contactados, a elaboração deste dossiê teve também por base a consulta de duas obras: *A Medicina Chinesa*, de Angela Hicks, co-directora do College of Integrated Chinese Medicine, no Reino Unido – publicado, em português, pela Editorial Presença; e *Medicina chinesa: Em busca do equilíbrio perdido*, dos investigadores de Macau Cecília Jorge e Rogério Beltrão Coelho – uma edição do Instituto Cultural de Macau. ■





Princípios teóricos

HÁ TRÊS grandes princípios teóricos na MTC, segundo Angela Hicks: a ideia do *yin/ yang*, o conceito de Substâncias Vitais e a dinâmica dos Cinco Elementos. Juntos, escreve a autora de *A Medicina Chinesa*, permitem ao terapeuta “descobrir com exactidão a causa energética da queixa do doente”.

Yin e yang

O *yin* e o *yang* representam, segundo Angela Hicks, “as duas forças fundamentais do universo” e gozam de “quatro grandes características”: “estão em oposição”; “são interdependentes”; “consoem-se reciprocamente”, e “transformam-se reciprocamente”.

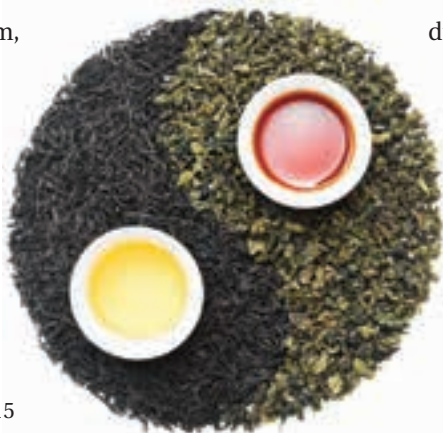
O *yin* é associado, por

exemplo, à água, ao frio, à humidade, ao interior, à passividade, à sombra, à noite, ao feminino, enquanto o *yang* é associado ao fogo, ao calor, à secura, ao exterior, à actividade, à luz, ao dia, ao masculino.

Cada pessoa “tem o seu equilíbrio próprio de *yin* e *yang*” e é esse equilíbrio que é afectado

do quando alguém adoece. O médico procura encontrar um tratamento que restabeleça o equilíbrio entre as duas forças, sendo que essa simetria, frisam Cecília Jorge e Rogério Beltrão Coelho, em *Medicina Chinesa: Em busca do equilíbrio perdido*, é “obtido na oscilação constante, e nunca na paragem”, tal como acontece na natureza.

De acordo com a teoria dualista *yin-yang*, o corpo humano tem zonas onde predomina uma ou outra energia, explicam os dois investigadores de Macau: ao grupo de predominio *yin* pertencem os cinco órgãos principais ou plenos (*T'sang*), isto é, o fígado, o coração, o baço, os pulmões e os rins; ao grupo *yang* es-



tão associadas as seis vísceras ou órgãos vazios (*Fu*), ou seja, a vesícula biliar, o estômago, o intestino grosso, o intestino delgado, a bexiga e o “triplo aquecedor” – um conceito que inclui três cavidades do tronco, uma no tórax, acima do diafragma, onde estão o coração e os pulmões; outra entre o diafragma e a zona umbilical, na região do baço e do estômago; e ainda a que fica no abdômen e que acolhe os restantes órgãos e vísceras.

Substâncias Vitais

As Substâncias Vitais descrevem os componentes principais de uma pessoa. Segundo Angela Hicks, há cinco:

Qi

O *qi*, explica Angela Hicks, “é a energia que está presente em todo o universo”, “é criado no interior do nosso corpo” e “cria todos os movimentos, involuntários e voluntários”, como “o bater do coração”, “o facto de continuarmos a respirar enquanto dormimos” ou a “assimilação dos alimentos”. O *qi* “também nos protege da doença e mantém quente o nosso corpo”.

A energia *qi* flui através de canais, invisíveis, imaginários, a que se chama meridianos. De acordo com Angela Hicks, existem ao todo 12 meridianos principais, de onde parte uma rede de outros canais mais pequenos – cada meridiano está ligado a um órgão do corpo humano.

“O nosso *Jing Luo* [nome dado à complexa rede de meridianos] é como se fosse uma estrada. O sangue é como um carro e o *qi* é como se fosse a gasolina que alimenta o carro. Se houver um acidente, se a estrada estiver



bloqueada, há um engarrafamento e o nosso corpo adoecer”, explica o médico de Macau Wing Kuan.

Jing

A essência *jing* é herdada dos nossos pais e a sua força determina a robustez da constituição de uma pessoa. Armazenado nos rins, o *jing* controla o desenvolvimento do indivíduo ao longo da vida – os sinais de velhice são sinais de que o *jing* se está a esgotar. Deficiências extremas de *jing* são difíceis de tratar, mas pode-se prevenir o aparecimento de problemas através do tratamento dos rins.

Shen

O *shen* ou Mente-Espírito é, segundo Angela Hicks, “uma forma muito rarefeita de *qi*”, que pode ser designada como “o espírito em si” e que é guardada pelo Sangue no Coração. Cecília Jorge e Rogério Beltrão Coelho referem-se ao *shen* como a “vitalidade” ou “a força que impulsiona o *qi* e o *jing*, regulando a capacidade intelectual” do ser humano, e acrescentam que, tal como o *jing*, também

o *shen* “é herdado dos pais” e “está constantemente sujeito a renovação”.

Shen, qi e jing são conhecidos como “os Três Tesouros”. Há uma expressão comum entre os chineses de Macau que, traduzida à letra, significa “sem *jing* e sem *shen*” (*ng t’cheng-sân*, em cantonense) e que, segundo Cecília Jorge e Rogério Beltrão Coelho





Os Cinco Elementos Madeira, Fogo, Terra, Metal e Água são os Cinco Elementos. O médico Wing Kuan lembra que estes estão presentes no nosso corpo, nos nossos órgãos e não podem existir uns sem os outros, devendo haver um equilíbrio entre os cinco. Cada elemento está ligado a dois órgãos, um *yin* e outro *yang*. Cada elemento é também associado a um determinado odor, clima ou sabor, por exemplo.

lho, é usada quando se quer dizer que não se está lá muito bem de saúde, mas também não se sofre de uma verdadeira indisposição ou doença.

Sangue

Na MTC, o Sangue é “o fluído que alimenta e humedece o corpo”, diz Angela Hicks. Quando há problemas com o Sangue, é comum a prescrição de plantas medicinais. O conceito de Sangue, na MTC, di-

fere do aplicado na Medicina Ocidental, sublinham Cecília Jorge e Rogério Beltrão Coelho. “Está ligado ao *qi* de forma indissolúvel”, explicam, acrescentando que é o *qi* que “comanda e dinamiza” o Sangue, “servindo-se dele como veículo”, mas o Sangue também está entre a matéria que contribui para gerar o *qi*, “ao servir de alimento para alguns órgãos que produzem essa forma de energia”.

Fluidos Corporais

Angela Hicks explica que o termo *jīn yē* designa todos os fluídos do corpo humano. Os fluídos *jīn* são “leves e aquosos” e situam-se no exterior do corpo – como é o caso do suor ou da saliva. Os *yē* são “mais pesados” e situam-se no interior, humedecendo “as articulações, o cérebro, a coluna e a medula”. Se os Fluidos Corporais ficarem retidos, “o movimento livre do *qi* e do Sangue pode ser obstruído”. ■

O diagnóstico

COMO EXPLICA o médico Wing Kuan, o diagnóstico tem por base quatro passos essenciais, realizados com base nos princípios teóricos da MTC:

望 Wang (observar)

Este passo consiste em “observar a aparência do paciente” – por exemplo, observar o rosto (“se está corado ou pálido”), a estrutura (“se é magro”), se caminha numa posição especial. Inclui também a observação da língua. Segundo explica Angela Hicks, em *A Medicina Chinesa*, “a cor, a forma, o grau de humidade, o movimento e o revestimento da língua” são usados para diagnosticar o estado dos órgãos internos. A língua tem várias zonas, cada uma delas correspondente a um determinado órgão do corpo, “uma espécie de roteiro para o mestre tradicional”, como escrevem Cecília Jorge e Rogério Beltrão Coelho. Há ainda vários tipos de línguas – o *Espelho da Língua para as Enfermidades Induzidas pelo Frio*, “um dos

mais importantes tratados sobre esta matéria”, contém 120 desenhos de tipos diferentes de línguas, lembram os dois investigadores.

聞 Wen (ouvir/cheirar)

É a análise que o médico faz através dos sentidos do olfacto – por exemplo, verificar se a pessoa tem algum odor menos agradável – e da audição – por exemplo, ver se o paciente fala muito alto ou muito baixo.

問 Wen (perguntar)

Consiste numa espécie de interrogatório. O médico faz uma série de perguntas para conhecer os hábitos, queixas e sintomas do paciente.

切 Qie (sentir o pulso)

Este é, no entender de Wing Kuan, o passo “mais importante”, que “mostra o estado dos órgãos”. “É muito difícil explicar como [funciona]. É uma espécie de sentido. Pode ser muito forte, muito suave, toda a gente é diferente”, co-

SEIS MALEFÍCIOS

Os tratados de MTC identificam “seis malefícios” ou “seis influências perniciosas”, explicam Cecília Jorge e Rogério Beltrão Coelho: a humidade, o vento, a calidez, a secura, o frio e o calor estival. Estes factores – que, segundo os investigadores não podem ser interpretados sob uma perspectiva ocidental, ou seja, “exclusivamente climática” – estão presentes quer na atmosfera, quer no corpo humano. No entanto, só actuam como malefícios “quando o organismo, por via de uma desarmonia qualquer, se torna vulnerável e deixa penetrar uma dessas influências”.

menta o médico. Angela Hicks explica que o pulso “é tomado com três dedos [indicador, médio e anelar] ao longo da artéria radial e cada posição corresponde a um dos 12 órgãos”. ■





Cinco grandes terapias

A **ACUPUNCTURA**, a fitoterapia (uso de plantas medicinais), a massagem *Tui Na*, os exercícios *Qigong* e a Dietética Chinesa são, segundo Angela Hicks, os principais tratamentos disponibilizados pela MTC. A decisão sobre qual a terapia – ou as terapias – a aplicar varia consoante as circunstâncias. “Diferentes casos, diferentes soluções” para o problema, salienta o médico Wing Kuan.

Acupuntura

Praticada “há mais de 3000 anos na China e noutros países asiáticos”, a acupuntura é “uma das componentes-chave” da MTC, explica à MACAU o professor da Universidade de Macau Chen Xin. O tratamento, lembra, tem vindo a tornar-se cada vez mais popular na Europa e na América do Norte.

Usada tradicionalmente pelos médicos de MTC no tratamento de “um vasto espectro de doenças”, a sua eficácia foi já reconhecida por diversas organizações internacionais. De acordo com o docente, em finais da década de 1990, o Instituto Nacional de Saúde dos

Estados Unidos (NIH, na sigla inglesa) concluiu que o tratamento por acupuntura “é eficaz em náuseas e vômitos provocados por operações e quimioterapia”, sendo também “útil” em casos como “dependência, reabilitação de apoplexia, dores de cabeça, dores

QUEIXAS GERAIS PASSÍVEIS DE TRATAMENTO POR ACUPUNCTURA

- Problemas pulmonares e de respiração;
- Problemas circulatórios;
- Queixas ligadas à digestão e aos intestinos;
- Problemas de ouvido, olho, nariz, boca e garganta;
- Problemas emocionais e mentais;
- Problemas ginecológicos;
- Problemas e dores das articulações;
- Problemas neurológicos;
- Perturbações agudas súbitas;
- Problemas de pele;
- Problemas urinários e reprodutivos

menstruais, cotovelo de tenista, fibromialgia”, entre outros. Também a Organização Mundial de Saúde já concluiu que a acupuntura é “eficaz” no tratamento de vários tipos de doenças.

Ainda segundo Chen Xin, o maior estudo clínico sobre acupuntura foi levado a cabo na Alemanha e demonstrou a eficiência desta terapia sobre casos de dor crónica nas costas e osteoartrite. “Os mecanismos científicos da eficácia da acupuntura”, sublinha o docente, “têm sido divulgados nas mais prestigiadas publicações académicas”, como a *Nature Medicine* ou a *Nature Neuroscience*.

Desbloquear o qi

A acupuntura (*zhen*) consiste na inserção de agulhas – muito finas, sólidas e de diferentes comprimentos – em determinados pontos do corpo, localizados em canais ou meridianos, ao longo dos quais flui a energia (o *qi*) – o objectivo é dispersar qualquer bloqueio e permitir que o *qi* volte a circular livremente, para restabelecer a saúde.

Foram já identificados mais de 700 pontos onde aplicar as agulhas e que são cuidadosamente escolhidos pelo terapeuta consoante o problema do paciente. Mais recentemente, a acupuntura tem vindo a ser aplicada no ouvido, por exemplo, em tratamentos para a toxicod dependência.

Moxibustão

A moxibustão é frequentemente utilizada em conjunto com a acupuntura. Trata-se de queimar moxa – folhas de *Artemisia vulgaris* sujeitas a um processo de secagem –, por forma a aplicar calor em determina-

dos pontos do corpo. Entre as suas formas de aplicação está acender uma espécie de charuto de moxa e mantê-lo a cerca de cinco centímetros da pele. Outra forma comum de aplicação é a de colocar a moxa na ponta de uma agulha e deixá-la acesa enquanto a agulha está inserida no corpo.

Plantas Medicinais

Sem qualquer químico, os medicamentos da MTC correspondem a fórmulas ancestrais que combinam diferentes plantas – há mais de 400, segundo Angela Hicks –, em formatos diversos, como raízes, hastes, folhas, sementes

ou flores. A designação “medicina chinesa através das plantas” (ou fitoterapia) inclui ainda produtos de origem animal – por exemplo, alguns ossos ou peles de animais – e mineral – como conchas em pó.

Como explica à MACAU o professor Chen Xin, do Instituto de Ciências Médicas Chinesas da Universidade de Macau, as ervas chinesas constituem “cerca de 80 por cento dos materiais medicinais utilizados na MTC” e são usadas há muitos séculos “para a gestão de quase todas as doenças e perturbações”. Algumas destas plantas, salienta o académico, são muitas vezes prescritas com um fim terapêutico, sendo também frequente o uso de algumas como suplemento dietético para “manter a saúde ou fortalecer o bem-estar”.

O médico Wing Kuan explica que, hoje em dia, também se usam “alguns medicamentos modernos”, ou seja, “já preparados”, por exemplo, em pós, mas que seguem os mesmos princípios dos tradicionais. Uma opção “mais rápida”, e igualmente segura, garante o médico, que dispõe de alguns – geralmente importa-

O MAIOR ESTUDO CLÍNICO SOBRE A ACUPUNCTURA FOI FEITO NA ALEMANHA E CONFIRMOU A EFICIÊNCIA DESTA TERAPIA NA DOR CRÓNICA NAS COSTAS E NA OSTEOARTRITE



dos do Interior da China, de Taiwan ou de Hong Kong – na clínica onde dá consultas.

As receitas

Segundo escreve Angela Hicks, muitas das receitas utilizadas hoje em dia datam do ano 200 a.C., altura em que o fitoterapeuta Zhang Zhong Jing sistematizou o uso das plantas medicinais num livro que tinha como objectivo lidar com doenças infecciosas comuns. Mas Cecília Jorge e Rogério Beltrão Coelho lembram, em *Medicina Chinesa: Em busca do equilíbrio perdido*, que “as primeiras ‘receitas’ sobre poções medicinais de que há registo apareceram sob a forma de inscrições em ossos de animais e carapaças de tartarugas”, muitos séculos antes.

As plantas, explica Angela Hicks, são classificadas consoante a sua acção principal – por exemplo, “Mover o *qi*”, “Secar a Humidade” ou “Espalhar o Frio”, existindo mais de duas dezenas de categorias principais de plantas.

A *Farmacopeia* de Shen Non, escrevem Cecília Jorge e Rogério Beltrão Coelho, clas-

AS RECEITAS PODEM SER PREPARADAS DE DIFERENTES FORMAS, DE CALDOS A CHÁS, CONTANDO-SE AINDA AS POMADAS, OS BÁLSAMOS, AS CATAPLASMAS OU AS PÍLULAS. NO CASO DOS CHÁS, MUITOS DE SABOR DIFÍCIL, É COMUM DAR-SE UM DOCE AO PACIENTE

sificava “quase 3000 raízes, ervas e produtos medicinais em três grupos”, mas há também a classificação destas ervas (designação que inclui também ingredientes de origem mineral e vegetal) em função das “quatro energias” – quentes, mornas, frias, ou refrescantes, consoante o efeito que têm no corpo – ou dos “cinco sabores” – amargas, ácidas, doces, picantes ou salgadas.

As receitas podem ser preparadas de diferentes formas, de caldos a chás, contando-se ainda as pomadas, os bálsamos, as cataplasmas ou as pílulas. No caso dos chás, muitos de sabor difícil de apreciar, é comum dar-se também um doce ao paciente – as pequenas lojas ou bancas que vendem chás medicinais são bastante procuradas, em Macau, havendo quem se desloque até lá regularmente, para prevenir certos problemas de saúde, consoante a altura do ano.

Quatro componentes principais numa receita

Uma receita de plantas pode conter “entre um e 20 ingredientes diferentes”, diz Angela Hicks, sublinhando que é dada muita atenção ao “equilíbrio”. Uma receita tem, geralmente, quatro componentes principais, explica a especialista:

• Erva Imperador

Também designada por ‘erva soberana’, esta é “a parte principal” da receita, tratando a causa mais importante do desequilíbrio do paciente. O ingrediente que desempenha esta função ocupa a maior proporção da receita.

• Erva Ministro

Tem como missão dar assistência à erva Imperador ou tratar outro desequilíbrio existente. Uma receita tem, muitas vezes, mais de uma erva Ministro.

• Erva Ajudante

Esta erva é adicionada à receita para moderar quaisquer efeitos das plantas principais, se tal for necessário.

• Erva Mensageiro

A tarefa desta erva é conduzir as outras plantas da receita à área





afectada. Tem também a competência de harmonizar todos os ingredientes.

Dois chás medicinais famosos

• *Leung Cha*

De acordo com o académico Chen Xin, as ervas chinesas mais habitualmente usadas em Macau e noutras zonas da Província de Guangdong serão, provavelmente, os componentes do *Leung Cha*. Trata-se de um chá considerado “refrescante” – e tomado sobretudo no Verão –, à semelhança de outros chás famosos, como o *tcheng pou leong* ou o *fú-t’chá*.

• *Xia Sang Ju*

Este chá, explica o professor Chen Xin, contém três ervas chinesas habitualmente utiliza-

das na MTC: *xia ku cao* (espigão de auto-cura), *sang ye* (folhas de amoreira) e *ju hua* (crisântemo). Registada inicialmente no livro *Análise Detalhada de Doenças Epidémicas Quentes*, publicado em 1798 pelo médico Wu Jutong, esta combinação de ervas é vista como tendo “um efeito positivo na drenagem do calor interno e na limpeza da toxicidade que se acumula dentro do corpo”.

Massagem *Tui Na*

A massagem terapêutica chinesa, ou *Tui Na*, é uma das terapias mais antigas na China. O termo, explica Angela Hicks, significa “empurrar e agarrar”. Esta massagem tem por objectivos “descontrair” e “tratar doenças”.

À semelhança da acupunctura e da moxibustão, escre-

vem Cecília Jorge e Rogério Beltrão Coelho, a *Tui Na* assenta no princípio da existência de meridianos com pontos de contacto à superfície, que podem ser estimulados ou aquecidos para aumentar a circulação do Sangue e do *qi*, “com consequentes efeitos nos órgãos que estão relacionados com as regiões sobre as quais incide a massagem”.

De acordo com Angela Hicks, a *Tui Na* “é muito eficaz” no alívio de problemas de articulações, bem como no tratamento de problemas no pescoço e dores de cabeça. Os seus benefícios, sublinha, aplicam-se tanto a “queixas agudas” como a “problemas crónicos mais antigos”.

A forma como é exercida pode variar ligeiramente segundo o local onde é ensinada, mas há um conjunto de técnicas comuns, das quais a autora deixa dois exemplos:

• *Gun Fa*

Técnica de rolar, onde as costas da mão giram e rolam de um lado para o outro, com flexão e extensão do corpo; usada para massagem profunda em grandes zonas do corpo.

• *Yi Zhi Chan*

Oscilação de um dedo; a ponta do polegar é usada para fazer pressão num determinado local, criando um “poderoso estímulo” que pode ser trabalhado directamente num ponto de acupunctura.

Qigong

O Qigong engloba uma vasta série de exercícios físicos que, segundo Angela Hicks, “fortalecem e transformam a energia *qi*”. A palavra *qi* remete para a “energia”, a “força que está subjacente a tudo o que



existe no universo”, e a palavra *gong* pode ser traduzida como “prática”.

A prática de *Qigong* é utilizada para melhorar ou manter a saúde, bem como para o “desenvolvimento espiritual” – provoca um sentimento de tranquilidade e paz que, “por si só, promove saúde”. O *tan tien* – zona do corpo situada no baixo abdómen, logo abaixo do umbigo – é uma das áreas que deve ser fortalecida, já que é a sede da essência *jing*.

Os exercícios de *Qigong* podem ser feitos em diferentes posições – em pé, sentado ou em movimento – e são usados para fins específicos, por exemplo, para melhorar o funcionamento de determinados órgãos. “Muitos destes exercícios foram guardados como preciosos segredos durante milhares de anos”, explica a autora, que sublinha que esta prática já era mencionada no *Clássico de Medicina Interna* do Imperador Amarelo. A sua prática disseminou-se

intensamente na China durante os anos 1980.

Dieta

A dieta alimentar desempenha “um papel fulcral” nas teorias da MTC sobre a saúde, explica à MACAU Wang Chunming, professor no Instituto de Ciências Médicas Chinesas da Universidade de Macau.

A MTC, sublinha o académico, realça sempre a importância de “uma dieta equilibrada”

– um princípio, diz, “muito útil, mas ainda largamente ignorado na vida de hoje em dia, sujeita a elevados níveis de stresse”. A ideia de uma alimentação equilibrada sugerida pela MTC implica “não ingerir nem muitas calorias, nem impor limitações dietéticas irrealisticamente rigorosas”, acrescenta Wang Chunming.

O professor explica que a MTC incentiva a ingestão de frutos, vegetais e leguminosas como os grãos de feijão. Ao mesmo tempo, este tipo de medicina salienta a importância da relação entre a dieta alimentar de um indivíduo e os seus níveis de energia, a sua aparência e a sua disposição. “Há cada vez mais provas, apresentadas quer pela medicina tradicional, quer pela medicina moderna, de que uma dieta equilibrada pode ajudar-nos a melhorar não apenas a saúde física, mas também a saúde mental”, defende o académico.

“Não ingerir bebidas ou comidas frias”, evitar alimentos “picantes” ou “fritos”, contenção nas gorduras ou no açúcar são alguns dos conselhos deixados pelo médico Wing Kuan aos seus pacientes. Entre as recomendações destinadas a casos especiais, adianta, pode estar a de “não comer vegetais crus”.

Angela Hicks salienta “cinco princípios dietéticos básicos” a que os chineses dão atenção:



as proporções entre os diferentes tipos de alimentos, a temperatura, o sabor, a qualidade dos alimentos, e como e quando nos alimentamos.

Os alimentos, explica a autora, são classificados como “quentes” (como a pimenta preta, a gordura de galinha, o chocolate ou o café), “mornos” (como a carne de vaca, o açúcar amarelo, o queijo ou a castanha), “neutros” (como o damasco, o chá preto, a beterraba ou o pão), “frescos” (como a amêndoa, a maçã, os espargos ou a cevada) ou “frios” (como a banana, os rebentos de feijão o pepino ou o pato), consoante o efeito que têm no organismo – não a temperatura do alimento em si.

Ainda de acordo com Angela Hicks, os chineses defendem que se deve cozinhar ligeiramente a maior parte dos alimentos, já que a comida crua é “fria” e mais difíceis de digerir. Por outro lado, explica, o ideal é conseguir uma dieta onde exista um equilíbrio de todos os cinco sabores, sem que qualquer um deles seja ingerido em quantidades excessivas.

Outras ideias defendidas pela MTC dizem respeito à necessidade de “dar tempo à digestão”, “mastigar muito bem os alimentos”, “não beber muito” durante a refeição e não comer até nos sentirmos completamente cheios.

Cecília Jorge e Rogério Beltrão Coelho lembram, por outro lado, a importância da escolha dos alimentos nas diferentes épocas do ano. Durante a estação quente, exemplificam, é aconselhável beber “líquidos refrescantes” – mais uma vez, assim classificados devido ao efeito que têm no organismo e não devido à sua própria tempera-



tura –, “muita verdura” e “fruta sumarenta”. Já o Inverno é a altura em que predomina a componente *yin* e o organismo “tem tendência para trabalhar menos e arrefecer”, necessitando de um “suplemento energético de aqueci-

mento” – por isso, sublinham, é comum encontrar, nesta época, em Macau, escaparares cheios de “chouriços fumados, toucinho curado, presuntos e patos espalmados”. ■

OS EFEITOS DOS CINCO SABORES

Angela Hicks explica que na MTC os sabores têm diferentes efeitos no corpo, com os ácidos, amargos e salgados a apresentarem um efeito mais *yin* e as plantas de sabor doce ou acre a exercerem uma influência mais *yang*. Ficam aqui alguns exemplos:

• Acre

Efeitos: Dispersa e move as obstruções do *qi* e do Sangue; muito usado para constipações e gripes; combate a infecção, “abrindo os poros e fazendo suar”.
Exemplos: Alho, gengibre, chili, pimenta preta, hortelã-pimenta, canela.

• Ácido

Efeitos: Faz parar as descargas e tem uma ação adstringente; usado, por exemplo, em situações de incontinência urinária,

hemorragias ou diarreia.

Exemplos: Vinagre, ameixas verdes, limões, maçãs azedas.

• Doce

Efeitos: Tonificante, se tomado em pequenas quantidades.

Exemplos: Alcaçuz, tâmaras chinesas, ginseng.

• Amargo

Efeitos: Elimina o calor e limpa o organismo; usado, por exemplo, para estimular a digestão ou para fazer baixar a febre.

Exemplos: Dente-de-leão, chicória, laranja amarga.

• Salgado

Efeitos: Amolece inchaços duros; diurético, elimina o excesso de água do organismo.

Exemplos: Algas, plantas marinhas, mexilhão, ostra.

Prevenir ou remediar

CHIO NÃO tem mãos a medir por detrás do velho balcão. Com gestos rápidos, decididos, vai pesando e dividindo raízes, ervas e outros produtos naturais. Ingredientes indecifráveis à vista destreinada, mas que, na combinação certa, prometem melhorar a saúde de quem ali chega. Com ou sem receita.

Alojada na movimentada Rua dos Mercadores, junto ao Largo do Senado, a farmácia chinesa Hing Wo Tong existe há quase 80 anos. Trinta deles contam com o trabalho de Chio. Em tempos já idos, tinham um médico que ali dava consultas. Hoje, o espaço funciona apenas como farmácia. Mas clientes não faltam.

“A maior parte é chinesa. Os estrangeiros não sabem o que é isto”, ri-se Chio, enquanto ajeita mais um monte de pauzinhos acastanhados. Há quem venha em busca de uma cura para uma constipação ou uma febre, mas há tam-

GONÇALO LOBO PINHEIRO



MACAU TEM MAIS DE UMA CENTENA DE FARMÁCIAS CHINESAS, CUJA ACTIVIDADE É REGULADA POR LEGISLAÇÃO PRÓPRIA

bém quem aposte na prevenção e leve consigo o papel do médico com o menu para um chá destinado a manter “uma saúde equilibrada”. É o caso

de uma idosa, bem-disposta, a quem Chio avia um *cocktail* de produtos medicinais, como *Tianqi* com um efeito hemostático, bom para enfrentar a



fadiga, ou *Du Zhong*, usado no tratamento de ossos e tendões enfraquecidos.

Da clientela habitual da Hing Wo Tong fazem também parte jovens que ali se dirigem à procura de ingredientes para uma sopa saudável. Geralmente, explica o farmacêutico chinês, as pessoas chegam ali já com a receita do médico. Munido de instrumentos tradicionais, Chio pesa, corta e dá forma aos ingredientes listados, muitos deles tirados de grandes jarros, alinhados em prateleiras que chegam até ao tecto. Nalguns casos, cozinhamos na farmácia; noutros, são os clientes que preferem levar os produtos para casa e tratar desse processo na sua própria cozinha.

Macau tem mais de uma centena de farmácias chinesas. A sua actividade é regulada por lei e os Serviços de Saúde dispõem de uma Comissão Técnica para os Assuntos da Farmácia Tradicional Chinesa. A esta comissão cabe, por exemplo, pronunciar-se sobre a actualização da lista oficial de ingredientes de MTC à venda na RAEM [ver caixa]. ■

INGREDIENTES À VENDA NA RAEM

Há dezenas de ingredientes medicinais chineses à venda na RAEM, ao abrigo da lei. A lista oficial divide-se em três partes:

Ingredientes medicinais chineses tóxicos: venda exclusiva em farmácias chinesas

Ingredientes medicinais chineses de terapêutica comum: venda exclusiva em farmácias chinesas

a) sujeitos a prescrição médica obrigatória

b) não sujeitos a prescrição médica obrigatória:

- Raízes, rizomas e bolbos
- Frutos e sementes
- Plantas completas
- Folhas
- Flores e estigmas
- Cortex
- Caules e pedúnculos
- Animais
- Minerais
- Resinas e combinações de resinas
- Ingredientes medicinais chineses processados

Ingredientes medicinais chineses utilizados também como alimentos: venda livre

- Raízes, rizomas e bolbos
- Frutos e sementes
- Plantas completas
- Folhas
- Flores e estigmas
- Cortex
- Animais
- Ingredientes medicinais chineses processados





O médico Wing Kuan tem tanto pacientes chineses como ocidentais a procurarem os tratamentos chineses

Macau: Tradição a pensar no futuro

A **MEDICINA** Tradicional Chinesa (MTC) faz parte do quotidiano de Macau. As farmácias chinesas multiplicam-se no centro da cidade e são muitos os residentes que recorrem a este tipo de medicina para tratar e, sobretudo, prevenir problemas de saúde.

No ano passado, foram dadas mais de 1,16 milhões de consultas de MTC em Macau – um número que representa uma ligeira descida (de 0,8 por cento) em relação a 2013.

De acordo com as mais recentes estatísticas dos Serviços de Saúde, Macau contava em 2014 com 194 consultórios privados de MTC – menos 17 do que em 2013. Às consultas registadas nestes consultórios particulares somam-se as efec-

tuadas em policlinicas e, ainda, as consultas externas hospitalares – estas últimas continuaram a aumentar e ultrapassaram as 157 mil, em 2014.

O número de profissionais que exercem MTC em Macau tem vindo a crescer. Se em 2012 eram 569, no ano passado eram já 607.

“Os residentes de Macau mantêm uma longa tradição no que toca a adoptar a MTC como parte integral do seu sistema de saúde e da sua vida quotidiana”, comenta à MACAU Wang Chunming, professor assistente no Instituto de Ciências Médicas Chinesas da Universidade de Macau.

Já o médico Wing Kuan trabalha numa policlínica onde há também consultas de espe-

cialidade da medicina convencional. Entre os pacientes que o procuram, metade é de origem chinesa e a outra metade são estrangeiros. Em todo o mundo, há cada vez mais ocidentais a optarem pelo “recurso a métodos naturais”, sublinha o médico. Neste contexto, acrescenta, a acupunctura e a massagem *Tui Na* são cada vez mais populares, mas as plantas medicinais chinesas não tanto, já que estes pacientes “não gostam muito do cheiro das ervas”.

Uma situação comum hoje em dia é ditada pelo factor tempo, exemplifica Wing Kuan: “Se quiserem parar os sintomas rapidamente, [os pacientes] tendem a escolher a medicina ocidental. Só depois recorrem à MTC”. ■

Da Ilha da Montanha para o mundo

MACAU e a Província de Guangdong estão a trabalhar juntas na criação de um parque, na Ilha da Montanha, que pretende tornar-se uma referência a nível mundial, na área da MTC.

Iniciado oficialmente em Abril de 2011, o projecto do Parque Científico e Industrial de Medicina Tradicional Chinesa para a Cooperação entre Guangdong-Macau tem dois grandes objectivos: tornar-se num centro internacional de controlo de qualidade da MTC e assumir o papel de plataforma industrial de cuidados de saúde, também a nível internacional.

O Parque estende-se por meio quilómetro quadrado e o final dos grandes trabalhos de construção está previsto para 2020. O espaço deverá actuar

como um centro internacional de certificação uniformizada, acolher laboratórios industriais destinados à investigação e ao desenvolvimento, servir de centro de conferências e formação na área das tecnologias para a medicina, e funcionar ainda como plataforma nas áreas da comercialização, armazenamento e tratamento logístico dos produtos de MTC.

Os objectivos passam também por fazer do Parque uma plataforma comercial de equipamentos de cuidados de saúde, a nível internacional, bem como um espaço para exposições e convenções ligadas ao sector da medicina. Outra das ideias é servir de base ao desenvolvimento da área do turismo de saúde e bem-estar.

O desenvolvimento do Parque está a cargo da *Guangdong-Macau Traditional Chinese Medicine Technology Industrial Park Development Co., Ltd.*, uma companhia que resulta da cooperação entre outras duas, uma em representação de Macau e outra de Zhuhai.

Até Dezembro do ano passado, tinham sido angariados mais de uma centena de potenciais investidores de diversas áreas. Da análise de cerca de metade, tinha já resultado a escolha de uma dezena de candidaturas de Macau, provenientes de entidades – incluindo empresas e instituições de ensino – interessadas em alugar um terreno no parque a preços competitivos, para ali desenvolver o seu trabalho na área da MTC. ■

LABORATÓRIO DE REFERÊNCIA DO ESTADO

Fruto do 12.º Plano Quinquenal de Desenvolvimento da China, a Universidade de Macau e a Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau criaram em conjunto, na RAEM, o Laboratório de Referência do Estado para Investigação de Qualidade em Medicina Chinesa. Inaugurado em 2011, é o único Laboratório de Referência do Estado do país dedicado à Medicina Tradicional Chinesa. Com uma forte aposta nas novas tecnologias, conta com equipas compostas por investigadores de renome, vindos de várias universidades de prestígio.



Aposta certa no ensino superior

HÁ CADA vez mais interessados em frequentar um curso superior ligado à Medicina Tradicional Chinesa (MTC). A Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau (MUST, na sigla inglesa) e a Universidade de Macau (UM) oferecem cursos que vão desde a licenciatura ao doutoramento, e têm vindo a apostar na investigação científica.

Desde 2000 que a Faculdade de Medicina Tradicional Chinesa da MUST tem vindo a alargar a formação nesta área, com o número de candidaturas, mestrados e doutoramentos a crescer de ano para ano. Liu Liang, reitor da MUST e também director da Faculdade de Medicina Tradicional Chinesa, explica à MACAU que um dos grandes objectivos da instituição é formar profissionais “de alta qualidade” na RAEM. Uma vez

concluída a licenciatura em MTC, explica, os alunos ficam “qualificados para se candidatarem a uma licença” para o exercício deste tipo de medicina em Macau.

“Cerca de 40 por cento dos médicos de MTC registados em Macau são licenciados aqui [na MUST]. Tenho muito orgulho nisso”, comenta o docente, que espera que esta percentagem possa vir a aumentar no futuro. Em 2012, a faculdade abriu o bachare-

COM O NÚMERO DE CANDIDATOS A AUMENTAR, A SELECÇÃO DE ALUNOS É CADA VEZ MAIS EXIGENTE

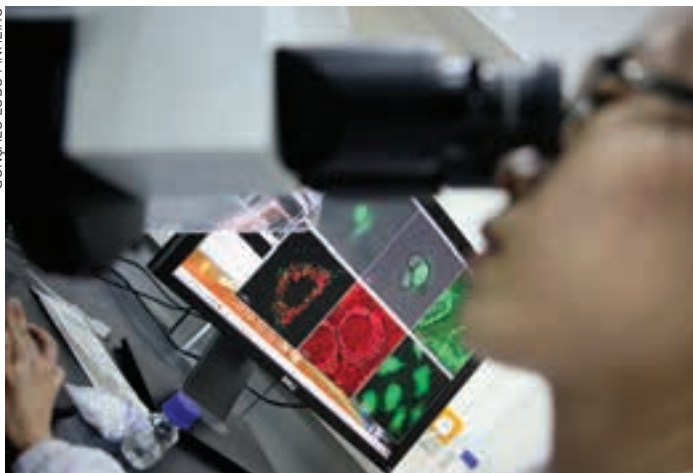
lato em Farmácia de Medicina Chinesa. A ideia, defende Liu Liang, é contribuir também para o desenvolvimento da indústria da MTC em Macau. Uma aposta feita a pensar na necessidade de diversificar a economia da RAEM e nas oportunidades que podem surgir na Ilha da Montanha. “Creio que o Parque Científico e Industrial de Medicina Tradicional Chinesa para a Cooperação entre Guangdong-Macau [a ser construído em Hengqin] poderá recrutar pessoal fora de Macau, mas também serão necessários profissionais locais, experiência local”, justifica.

De acordo com Liu Liang, no Interior da China os cursos superiores na área da MTC arrancaram na década de 1950, enquanto que em Hong Kong este tipo de formação começou em finais dos anos 1990. Experiências que, salienta, ajudaram Macau a desenvolver “cursos modernos” nesta área.

Além das licenciaturas, a MUST oferece também vários mestrados relacionados com MTC e disponibiliza ainda programas de doutoramento. Uma das áreas desenvolvidas é a da Integração entre MTC e Medicina Ocidental.

Com o número de candidatos a aumentar nos últimos anos – “não apenas do Interior da China, mas também de Macau” –, a selecção dos alunos é cada vez “mais exigente”, garante o director da facul-

GONÇALO LOBO PINHEIRO



GONÇALO LOBO PINHEIRO



Liu Liang, reitor da MUST e director da Faculdade de Medicina Chinesa

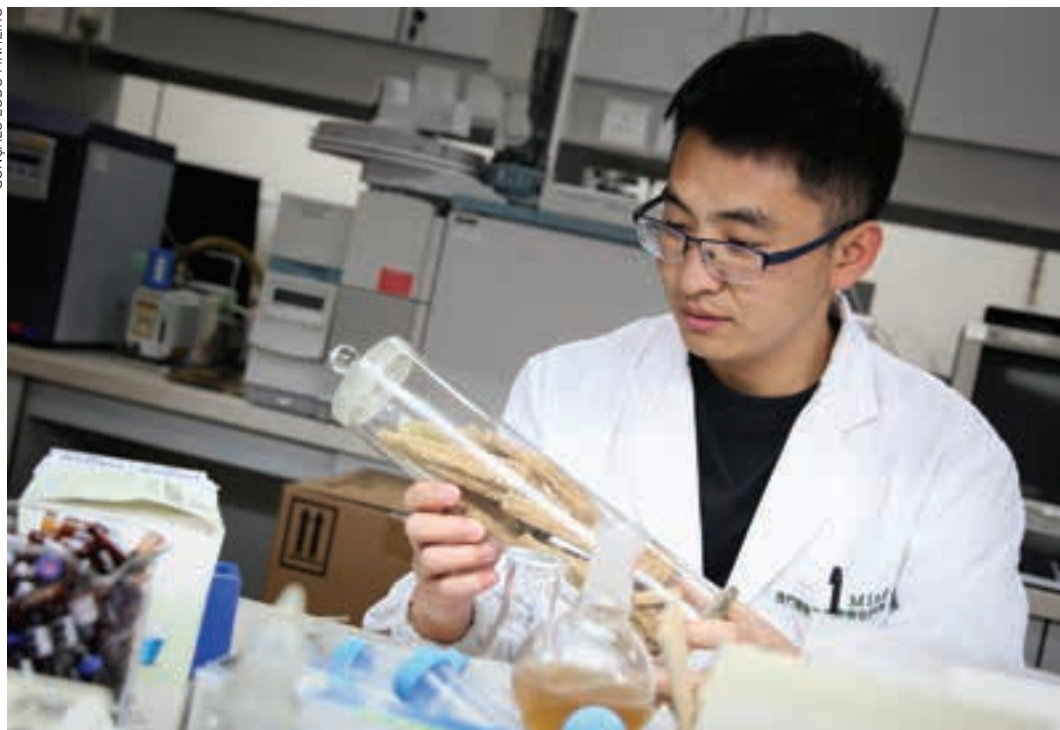
dade, que conta, actualmente, com mais de uma centena de estudantes nos cursos pós-graduados. “Podemos construir uma reputação internacional para Macau, no âmbito da investigação académica e dos padrões académicos”, defende o perito.

A Universidade de Macau também tem um longo trabalho de investigação académica na área da MTC. Criado em 2002, o Instituto de Ciências Médicas Chinesas (ICMS, na sigla inglesa) tem vindo a desenvolver, sobretudo, as áreas da biomedicina e da farmacêutica.

No ano lectivo de 2014/2015, o ICMC contava com um total de 230 alunos: 46 estudantes de licenciatura (em Ciências Biomédicas), 88 de mestrado (há um mestrado em Ciências Medicinas Chinesas e outro em Administração Medicinal) e 96 de doutoramento na área das Ciências Biomédicas.

“As instituições públicas, em particular a UM, têm vindo a recrutar académicos promissores e de renome de todo o mundo e especializados em vários domínios de relevo”, comenta à MACAU Wang Chunming, professor assistente do ICMS, destacando a “excelente reputação internacional em investigação”, construída pela universidade ao longo dos últimos anos, e o estabelecimento de “plataformas tecnológicas capazes de acelerar o desenvolvimento da MTC”. ■

GONÇALO LOBO PINHEIRO



Duas medicinas, um caminho

O SISTEMA de saúde deve caminhar no sentido de uma maior integração dos dois tipos de medicina – tradicional e convencional. A ideia é defendida por Liu Liang, diretor da Faculdade de Medicina Tradicional Chinesa da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau (MUST, na sigla inglesa).

A MTC, reconhece o também reitor da universidade, é cada vez mais “respeitada” entre médicos e cientistas do Ocidente, mas ainda existe muito debate. “Na minha opinião, é preciso ultrapassar isto e unir esforços”, defende, em entrevista à MACAU.

O investigador começou por estudar medicina ocidental e só depois enveredou pelo ramo da MTC. “Descobri que cada uma tem as suas próprias características e as suas

próprias vantagens”, explica o académico, que tem impulsionado estudos sobre as possibilidades de integração das duas medicinas.

No caso da MTC, diz, há uma “abordagem holística” – que olha para tudo no corpo como uma rede de interligações – e, ao mesmo tempo, personalizada. Tendências que, sublinha, a própria medicina convencional tem vindo recentemente a procurar seguir, ainda que à sua maneira.

Por outro lado, explica o académico – que tem também exercido funções como consultor da Organização Mundial de Saúde –, a medicina convencional consegue identificar “muito claramente” interações ao nível molecular ou alvos da acção de determinadas drogas, por exemplo. Liu Liang defende, por isso, a necessidade de

modernizar a MTC, apostando na investigação científica para identificar os mecanismos terapêuticos do corpo.

“Se, baseados nos métodos tradicionais, pudermos usar critérios tradicionais para avaliar a situação de um ponto de vista holístico, mas, por outro lado, apresentarmos também dados científicos de uma forma mais clara, então estaremos a fazer a MTC andar para a frente na sociedade moderna”, comenta o também membro do Conselho para os Assuntos Médicos da RAEM.

Liu Liang conta que um dia lhe perguntaram o que iria ser da MTC depois de a medicina convencional ter anunciado o mapeamento do genoma humano. O académico não se mostrou preocupado. Os genes, brincou, são como os edifícios em Hong Kong – “o mais difícil [de compreender] é a coordenação entre eles, as interações”.

Aos olhos da Organização Mundial de Saúde

A MTC está, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), integrada por completo no sistema nacional de saúde da China e tem vindo a receber o apoio do Governo de Pequim, que desenhou uma nova estratégia nacional para contribuir para o seu desenvolvimento – a ideia passa não só por reforçar a aplicação de leis e regulamentos, mas tam-





bém por investir na modernização deste tipo de medicina, através da ênfase à investigação científica e da standardização de práticas tradicionais.

Há, no entanto, alguns desafios a ultrapassar, escreve a OMS na sua página oficial na Internet. Além da necessidade de “reforçar a capacidade de fazer cumprir a lei”, a organização defende que é também preciso olhar para o sistema de registo e para a regulamentação em vigor de modo a avaliar “a segurança e a eficácia” do sector e a assegurar a sua “qualidade”.

A OMS sublinha ainda que as orientações para a condução de testes clínicos precisam de ser desenvolvidas, de modo a “demonstrar a eficácia dos produtos tradicionais”. Por isso, o organismo argumenta que é necessária mais investigação e mais testes baseados em provas.

A MTC ESTÁ COMPLETAMENTE INTEGRADA NO SISTEMA DE SAÚDE DA CHINA: 90% DOS HOSPITAIS GENERALISTAS OFERECEM A PRÁTICA

A Estratégia OMS Medicina Tradicional 2014-2023 é um documento orientador que visa apoiar os Estados membros no desenvolvimento de “políticas proactivas” e da implementação de planos de acção que “reforcem o papel que a Medicina Tradicional tem na manutenção da saúde das populações”.

O plano estratégico assenta em quatro ideias-chave: “integrar a Medicina Tradicional nos sistemas de saúde, onde tal seja exequível”; promover a sua “segurança, eficácia e qualidade”; alargar o recurso a este tipo de medicina, tornando-a, por exemplo, mais economicamente acessível, e,

por fim, promover o “uso racional” desta medicina entre profissionais e consumidores.

De acordo com as estatísticas, existem na China 440.700 instituições que disponibilizam serviços de Medicina Tradicional – num total de 520.600 camas –, incluindo unidades hospitalares especializadas neste tipo de medicina. Por outro lado, 90 por cento dos hospitais generalistas incluem um departamento – e serviços – de Medicina Tradicional, para pacientes internos e externos.

Actualmente, existem sete Centros de Colaboração da OMS para a Medicina Tradicional. ■

Aposta em C Luo para colocar Portugal no mapa dos turistas chineses

T MÓNICA MENEZES **F** PAULO CORDEIRO
Em Portugal

A imagem de Cristiano Ronaldo, ou C Luo como é mais conhecido em chinês, foi a escolhida pela Secretaria de Estado do Turismo para atrair os chineses para Portugal. Até agora a campanha tem dado resultado e o comércio e os hotéis nacionais já estão a tomar as devidas medidas







FLORES BRANCAS no quarto? Nem pensar! Duche em vez de banheira? De preferência, não. Dormir no quarto piso ou num quarto com o número quatro? Jamais. Estas são algumas das exigências que os cada vez mais turistas chineses que chegam a Portugal fazem na altura de marcar o hotel. Diana Castello Branco, directora de relações públicas do Hotel Ritz, na capital portuguesa, conta como esta unidade hoteleira tem lidado com o crescimento do turismo chinês, que no caso deste hotel aumentou “45 por cento de 2013 para 2014”.

“Temos algumas pessoas na nossa equipa que falam mandarim”, revela. E acrescenta: “Também prevemos traduzir para chinês o website do hotel, tal como todos os outros hotéis da companhia [Four Season Hotels & Resorts].” No que diz respeito aos cuidados a ter com um cliente com uma cultura tão diferente da portuguesa, Diana já sabe de cor o que não pode falhar. “No quarto temos sempre uma estação de chá. Nunca ficam no quarto piso nem nos quartos com o número quatro, pois é o número do azar, e não podemos pôr flores brancas pois simboliza o luto.” À hora da refeição, são os pratos de peixe que mais fazem sucesso entre os chineses. “No Ritz Bar gostam do Bacalhau à Brás e dos Rolos Primavera. Já no nosso restaurante Varanda, optam pela Trilogia Bacalhau, robalo, linguado ou garoupa grelhada. E gostam de trufas quando estão na época.”

No grupo Altis, o número de turistas chineses também tem vindo a crescer de dia para dia. Se em 2013 esta nacionalidade ocupava o 14.º lugar no

ranking dos turistas, em 2014 passou para o 13.º. “No nosso hotel Altis Park [em Lisboa], regista-se a chegada dos turistas em grupo com reservas feitas através de operadores turísticos. Já nas restantes unidades do grupo, o mercado chinês é de clientes individuais, mas não dispomos informações sobre de que parte da China vêm”, explica Sofia Nobre, directora de relações públicas do hotel Altis. Para fazer face a este crescimento, Sofia conta que durante o ano passado foi “ministrado um curso básico de mandarim para os colaboradores”.

Ao gosto do freguês

Na loja Burberry, em plena Avenida da Liberdade, a afluência dos turistas chineses tem sido tanta que Alexandre Brodheim, gerente executivo de vendas do grupo Brodheim, optou por ter tam-



Ronaldo é a cara da campanha promocional do turismo português

bém funcionários chineses. “A cultura chinesa é muito diferente da cultura europeia e os chineses, como os angolanos ou os brasileiros, gostam de ser tratados de diferente forma. Portanto, o que nós tentamos fazer dentro do grupo, não só em relação aos chineses, mas a todas nacionalidades, é ter uma equipa que seja multicultural e multidiscipli-

nar”, conta Alexandre. O problema, muitas vezes, é encontrar funcionários com estas características. “Praticamente em todas as nossas lojas temos funcionários de origem chinesa a trabalhar connosco. A maior parte das vezes utilizamos o método do recrutamento directo, indo directamente a locais onde sabemos que possa haver pessoas chi-





nessas a trabalhar, mas que também falem português para conseguirmos comunicar entre nós também.”

Sofia é uma dessas funcionárias. Filha de emigrantes chineses, tem 25 anos e trabalha há alguns meses na Burberry. Tal como a maior parte dos chineses, detesta ser fotografada e só a teimosia da gerente de loja faz com que a tenhamos espelhada nesta reportagem. Reservada, explica como é o turista chinês quando vai às compras. “Normalmente chegam

em grupo, com amigos ou familiares. São pessoas com 30, 40 anos, ou até mais jovens que viajam com os pais ou os avós, que entram na nossa loja. São mais homens do que mulheres e vêm essencialmente de Xangai ou de Pequim”, explica Sofia. Segundo a funcionária e a gerente da loja, Lina, o turista

chinês é um cliente objectivo que sabe bem o que quer. “Chegam muitas vezes com uma fotografia no telemóvel – sempre da última geração – do produto que querem ou de uma figura pública chinesa a usar o produto que querem comprar”, revela Sofia.

Nesta loja, perdem-se de amores pela icónica *trench*

SOFIA É FILHA
DE EMIGRANTES
CHINESES, TEM 25
ANOS E TRABALHA
NA CONCORRIDA
LOJA BURBERRY





coat camel, pelos cachecóis, echarpes e carteiras. O cliente médio gasta cerca de 800 euros em compras, outros chegam a gastar entre 2000 a 3000 euros. “Experimentam, mexem em tudo, pedem muito a opinião de quem vem com eles e se essa pessoa não gosta, não compram”, diz a gestora da Burberry. E vai mais

longe na sua análise: “Não levam o produto que está em exposição, querem sempre o de armazém.” Vaidosos e supersticiosos, gostam de produtos vermelhos – cor da sorte – e daqueles onde está bem patente a marca que estão a comprar. “Gostam de edições limitadas e peças exclusivas”, revela Sofia.

Aqui qualquer cliente é atendido de forma especial, mas com os chineses há pormenores que os funcionários já perceberam que pode fazer a diferença. “O turista chinês anda quase sempre com um termo com água quente que vai bebendo ao longo do dia, ou para fazer chá ou para beber mesmo assim. Por isso, já temos água quente para lhes servir e na Semana Dourada [em Outubro] estamos a pensar ter pastéis de nata em miniatura, porque é um bolo que eles apreciam muito.” É, aliás, na fila dos pas-



ALEXANDRE
BRODHEIM APOSTA
EM FUNCIONÁRIOS
CHINESES E EM
FORMAÇÃO PARA
OS PORTUGUESES

téis de Belém que falamos com Jin Gao. Homem tímido, diz num inglês de difícil percepção que ainda na China lhe tinham falado deste bolo: “Estou curioso, nunca comi. Deve ser bom.” Sobre Portugal, diz apenas que é “muito bonito!”

É por esta dificuldade de comunicação que Alexandre Brodheim aposta em funcionários chineses e em acções de formação para os portugueses. “Há aspectos que todos temos de aprender. Temos de perceber que é um cliente que não gosta de contacto físico, que temos de nos curvar perante os mais velhos, que quando lhes damos algo tem de ser com a palma da mão virada para cima em sinal de respeito...” Lina, a gestora de loja, é uma das funcionárias que frequenta as acções de formação. “Há muito a aprender sobre estes

MAPA BILINGUE PARA FACILITAR COMUNICAÇÃO

Xin Te La ou Ma Fu La. Esses são dois dos nomes que os turistas chineses mais dizem quando apanham um táxi em Lisboa. Querem dizer, respectivamente, Sintra e Mafra e desde de Maio os sons chineses para os nomes portugueses deixaram de ser um problema. A Sinomaps lançou um mapa desdobrável, de 90 centímetros por 60, que custa apenas 15 yuans (2,5 euros) e assinala nas duas línguas os nomes das principais localidades de Pu Tao Yao (Portugal), Xi Ban Ya (Espanha) e An Dao Er (Andorra). De Wei Ya Na Bao (Viana do Castelo) a Fa Lu (Faro), constam no mapa todas as capitais de distrito portuguesas. No reverso do mapa, por entre várias informações úteis acerca de Li Si Ben (Lisboa) e Bo Er Tu (Porto), iguarias como cozido à portuguesa, feijoada, ameijoas à Bulhão Pato ou vinho verde são mencionadas na língua original.

turistas. São desconfiados, mas bem-dispostos, ligam muito à história das marcas, gostam do que é bom.”

Por enquanto, no grupo

Brodheim, o turista chinês só representa dez por cento dos clientes, mas já são números suficientes para estarem no top 3 da empresa. “A seguir aos





Já há uma brochura em mandarim disponível em Lisboa a divulgar as principais atrações da região

angolanos e brasileiros já vêm os chineses. E esperamos que sejam cada vez mais.”

Números a crescer

Em 2014, cerca de 113.200 chineses visitaram Portugal,

o que representa um aumento de 49,3 por cento em relação a 2013. Durante a sua estada no país, gastaram globalmente 54 milhões de euros – quase 20 milhões mais do que no ano anterior. Para este ano espera-se números ainda maiores. A nível de acção promocional de Lisboa, nada está a ser feito para receber especificamente estes turistas, “no entanto, como parte integrante do Plano Estratégico para a Região de Lisboa, que estará em vigor de 2015 a 2019, está contemplado o desenvolvimento de abordagens específicas a mercados de elevado potencial, a ser testado com o mercado da China”, esclarece Rita Almeida do Observatório do Turismo de Lisboa.

Para já, ainda não há um mapa da cidade em mandarim, mas o turismo da capital portuguesa já dispõe de uma brochura de divulgação de Lisboa nessa língua. Neste observatório não há dados exactos sobre o tipo de turista que visita a cidade, conta Rita que sabe o empenho que está a ser fei-

to para atrair cada vez mais turistas a visitar Portugal. “A nível nacional, o Turismo de Portugal já tem um representante permanente na China, enquadrado na Embaixada em Pequim, com vista a uma nova fase na promoção do país junto do mercado chinês.”

O mercado chinês é um dos mais apetecíveis do mundo. Cerca de 109 milhões de chineses – mais 19,5% do que em 2013 – viajaram o ano passado para fora da China. A maioria fica-se por Hong Kong e Macau, mas os Estados Unidos, a Europa e a Austrália atraem cada vez mais a nova classe média chinesa. Para captar uma fracção desses viajantes, o Turismo de Portugal levou em Maio a Pequim, Xangai e Cantão uma série de seminários para promoção dos destinos nacionais. Além da participação de 12 operadores turísticos portugueses, centenas de agências chinesas juntaram-se à iniciativa e num único dia foram registados mais de 50 contactos para a formalização de pacotes turísticos. ■



ADOLFO MESQUITA NUNES, SECRETÁRIO DE ESTADO DO TURISMO

“As receitas geradas pelo turista chinês cresceram 200%”

Lisboa e Porto são as cidades que mais atraem os turistas chineses. Mas a tendência já está a mudar. O Alentejo, a Madeira e os Açores também estão a transformar-se em destinos de eleição para os visitantes que chegam do outro lado do mundo



T MÓNICA MENEZES **F** PAULO CORDEIRO
Em Portugal

O turismo chinês em Portugal aumentou quase 50 por cento no ano passado. Esse é um dado animador?

É um crescimento muito substancial, mas estamos a falar de números absolutos que são pequenos; ou seja, cerca de 100 mil hóspedes. Ainda temos muito para crescer.

O que é que Portugal tem para atrair os chineses ou que é que querem que passe a ter para atrair mais chineses?

Portugal tem 900 anos de história com património intacto, segurança e estabilidade, uma riqueza histórica e cultural diversa, património natural diversificado e bastante entretenimen-

to e animação. E uma recente aposta nas marcas de luxo em Portugal.

Portanto, o turista chinês que vem a Portugal é um turista com dinheiro.

É um turista com dinheiro. As receitas geradas pelo turista chinês do ano 2013 para o ano 2014 cresceram 200 por cento. É uma taxa de crescimento bastante assinalável.

O que é que o turista chinês gosta mais de fazer em Portugal?

Faz circuitos. Tem uma grande apetência pela riqueza histórica e cultural, vilas, museus, palácios, uma grande apetência pela autenticidade dos lugares e pela beleza da paisagem e pelo ar puro. Pelo sol. São características que Portugal tem para além da segurança e da estabilidade que, normalmente, fornecem uma boa experiência turística para os chineses.

O que se faz neste momento para atrair o turista chinês?

Estamos cientes que enquanto não existir uma ligação aérea directa, estaremos sempre a trabalhar com números mais pequenos. De qualquer maneira, aquilo que notamos na China face a outros mercados com que trabalhamos é um enorme défice de notoriedade sobre Portugal e sobre o que é Portugal. Dessa forma, este ano estamos a trabalhar com os dez principais operadores turísticos chineses numa campanha que utiliza a figura do Cristiano Ro-

naldo, procurando associa-lo ao nosso país e com isso combater esse défice de notoriedade. A campanha é feita junto dos operadores chineses porque é quase impossível chegar ao consumidor final com este nosso défice. Portanto, temos de ir aos operadores e às agências de viagens com maior representatividade e, através deles, criar pacotes para Portugal, e assim começar a ter o nosso país nos catálogos de experiências turísticas que os operadores turísticos chineses oferecem.

Qual a mensagem que a campanha protagonizada por Cristiano Ronaldo quer passar?

A mensagem é *Visit Portugal*. O que queremos é chamar pelo nome Portugal. Há muito recurso às paisagens, à história. Mais do que sol e mar, que é uma imagem que nós temos muito e que é menos interessante para o turista chinês do que é para o turista inglês, por exemplo.

De que zonas da China vêm?

Não sei, mas sei para que zonas de Portugal vão. Há uma apetência especial na quota de mercado por Lisboa e pela zona circundante da capital. Depois pelo norte do país. Gostam muito do Porto e das zonas do Douro e do do Alto Minho. Mas esta tendência também está a mudar: no Alentejo já houve um aumento de 100 por cento, assim como na Madeira; nos Açores o aumento é de 244 por cento. Como estamos a falar de números absolutos pequenos qualquer variação agora dá valores destes.

É importante para Portugal conseguir cativar o turista chinês?

Sim. É um mercado emissor extraordinário, ainda não é um grande mercado emissor para a Europa, mas é um mercado onde nos estamos a querer posicionar.

A China esteve pela primeira vez na bolsa de turismo de Lisboa, em Fevereiro.

É para nós uma boa notícia porque significa que estamos a estreitar laços comerciais em matéria de turismo com a China. Há muitas relações económicas que se tem construído entre Portugal e a China e está é mais uma.

São laços difíceis de se criar?

O turismo é isso, o turismo é precisamente isso, é juntar culturas diferentes e conhecer mutuamente, portanto faz parte do negócio.

Mas há barreiras?

Para o mercado português, que tem uma presença esmagadora de turistas europeus e americanos com hábitos culturais próprios, é um desafio para as empresas do sector do turismo adaptar-se a hábitos culturais diferentes, alimentares, de entretenimento, de alojamento, mas é um desafio que muitas das empresas já aceitaram e estão a procurar vencer. ■







M SOCIEDADE

III ENCONTRO
DA COMUNIDADE
JUVENIL MACAENSE

Juventude macaense em linha

T DIANA DO MAR F MACAU FILM PRODUCTION

Muitos vieram à descoberta das raízes, outros no ensejo de as aprofundar. Jovens macaenses na diáspora – unidos pelo laço de uma herança comum – reuniram-se em Macau para mais um encontro. O próximo fica marcado online, já que vai ser criada, em breve, uma plataforma para manter vivo o contacto

QUASE MEIA centena de representantes das 12 Casas de Macau espalhadas pelo mundo respondeu à chamada do III Encontro da Comunidade Juvenil Macaense, que se realizou em meados de Junho, participando em diversas actividades sobretudo de índole recreativa e cultural pensadas para “fortalecer o sentimento de ligação a Macau” e permitir-lhes ter uma “visão mais moderna” da cidade.

O balanço é positivo, em todas as frentes, desde logo do ponto de vista da Associação dos Jovens Macaenses (AJM) que, pela primeira vez, esteve aos comandos da organização do Encontro. “Foi um evento com bastante sucesso. Estamos muito contentes por termos conseguido alcançar todos os objectivos e temos hoje ainda mais força para continuar a trabalhar em prol da comunidade”, afirmou Duarte Alves, que preside à AJM.

Dos dias de convívio – que incluíram actividades tão distintas como debates, *workshops* de dança e de culinária ou passeios turísticos – ficou

clara a ideia de que o contacto não pode continuar a depender (quase) única e exclusivamente de um encontro que acontece de três em três anos. “Chegámos à conclusão de que o mais importante é manter a ligação”, pelo que “vamos criar uma plataforma online”, acrescenta Duarte Alves.

Essa plataforma, para suprir a distância física, pretende “mostrar ao mundo quem somos, a nossa história, a nossa cultura”. Também vai ter uma área para fotografias e vídeos, além de um espaço reservado a cada uma das Casas de Macau para que todos se mantenham a par do que vai sendo feito. “Como pode ser acedida em qualquer parte do mundo e a qualquer hora vai facilitar a comunicação entre nós”, realça Duarte Alves, afirmando que espera apresentar “novidades” dentro de três a quatro meses.

Misto de experiências e sentimentos

Se muitos repetiram a experiência de voltar, outros pisaram a região pela primeira vez, in-





cluindo com a dupla estreia de conhecer Macau, de que tanto ouvem falar a milhares de quilómetros, e de participar num encontro da comunidade. Foi o caso de Anamaria De Graça, do Lusitano Club dos Estados Unidos. Embora sem laços familiares que a ‘puxem’, sente-se “macaense” muito pelo afecto herdado dos pais, nascidos em Hong Kong. “É bom ver a cultura macaense, o lugar de onde é oriunda a nossa família, as histórias de que falam. Sinto-me ainda mais orgulhosa por ter passado por esta experiência”, sublinha, descrevendo-a como “reveladora”.

Já para Leonardo Martins o encontro foi sinónimo de regresso à infância, pois viveu em

Macau dos três aos dez anos. “Foi muito bom recordar tudo: desde a minha antiga casa, à escola, aos sítios onde jogava futebol com os meus amigos”, conta o jovem que integra actualmente a Casa de Macau em Portugal.

Após um interregno de 16 anos, Leonardo Martins espera “retomar a ligação” com a terra que o viu o crescer (pelo menos um pouco). “Sinto-me macaense, sinto-me português. O macaense foi uma experiência de sete anos. Nunca vou perder essa identidade. Sempre que voltar cá, vou recordá-la, reavivar essa memória”. Esse passado acaba, porém, por estar um pouco presente, seja por via da influência da sua mãe, que “continuou sempre a ter uma grande ligação a Macau”, ou até pelo simples facto de a sua casa estar recheada de “arte chinesa, de mesas de Mahjong, mobílias chinesas, biombos ou bambus” levados de Macau.

Stephanie Law, da Casa de Macau em Toronto, também retornou, chegando sem saber





realmente o que esperar ao fim de um hiato de quase 20 anos. “Foi uma experiência maravilhosa. Sei muito mais do que aquilo que pensava saber sobre ser macaense”, observa, manifestando a intenção de levar para o Canadá histórias que inspirem uma visita à cidade. “Primeiro pensava não ter uma grande relação com Macau, mas agora apercebo-me que sim”, partilha, explicando que os avós, que viveram em Hong Kong, onde nasceu, aliás, a sua mãe, sempre lhe disseram que era descendente de macaenses.

Já Iana Vital, da Casa de Macau no Rio de Janeiro, veio pela quarta vez. O II Encontro de Jovens Macaenses, em 2012, marcou a estreia. “Depois, vim mais duas vezes. Já não era tudo tão novo, mas mesmo assim há sempre muita aprendizagem, muita coisa que se desco-

bre nas vivências e conversas com outros participantes”, relata Iana Vital, sobrinha-neta de Carlos d’Assumpção, uma dos mais notáveis macaenses.

Sempre com “grande afecto” a Macau, muito por influência do avô, vive em casa um pouco da cultura que hoje afirma valorizar ainda mais, comungando nomeadamente do interesse pelo patuá e do gosto pela culinária. “Considero-me macaense. Eu defino [o termo] pelo amor que se tem ao lugar, mesmo não tendo nascido aqui”, diz Iana Vital, para quem a experiência de participar em mais um encontro se revelou “enriquecedora”.

Expressando a vontade de voltar para o próximo, daqui a três anos, Iana Vital aproveita para deixar uma proposta. “Os eventos acabam por ser em inglês porque a maioria não



fala português. Deviam fazer alguma actividade como um *workshop* de português, pelo menos para o básico”.

Jessica Xavier, do Lusitano Club da Califórnia, esteve em Macau pela primeira vez em 2007. Metade portuguesa, um quarto japonesa e um quarto chinesa, como se autodescreve, também quer voltar, mas provavelmente mais cedo: “Quando não estiver tanto calor, provavelmente no próximo ano, em Novembro ou assim”.

Com familiares na RAEM, do lado da mãe, sente-se um pouco mais macaense por ter regressado e participado do encontro: “Estar aqui tornou mais determinante a vontade de me envolver realmente mais na minha Casa. É importante que os macaenses se juntem e comuniquem e ainda mais no caso dos jovens”. ■



Poesia une chineses e lusófonos

O III Encontro de Poetas Chineses e Lusófonos aconteceu, pela primeira vez, em Lisboa, no Centro Nacional de Cultura. Durante cinco dias ouviu-se falar de Fernando Pessoa, Sophia de Mello Breyner, entre outros, mostrando que a poesia é uma língua universal

T MÓNICA MENEZES **F** PAULO CORDEIRO
Em Portugal

NA SALA Sophia de Mello Breyner/Francisco Sousa Tavares, no Centro Nacional de Cultura, em Lisboa, as boas-vindas aos poetas foram dadas pelo presidente da direcção, Guilherme de Oliveira Martins. No seu discurso agradeceu a Yao Feng, pseudónimo de Yao Jingming, poeta e docente da Universidade de Macau, que “tem sido um grande entusiasta desta iniciativa e sem ele não teria sido possível chegarmos a esta III edição” e assegurou que, mesmo na abertura do encontro, já há uma conclusão tirada: “o IV encontro irá naturalmente acontecer!”. Entusiasmado com esta promessa e com o sol com que Lisboa recebeu os poetas chineses, Yao Feng realçou que Portugal tem uma poesia muito rica e muito peculiar e que, apesar da barreira linguística, “acredita na força da palavra e na força da poesia”.

E, na verdade, não houve barreira que não tenha sido ultrapassada. Susanna Un, poetisa e



escritora nascida em Macau, embora não sabia português sente com a mesma profundidade de um lusófono as palavras de, por exemplo, Fernando Pessoa. “Ele tem muitos heterónimos e isso é fantástico. Tento fazer isso mesmo nos meus poemas, mas é difícil. O *Livro do Desassossego* mostra isso mesmo, é o meu preferido.” Para Susanna, Pessoa tem toda a essência que um poeta deve ter. Conhecedora da poesia portuguesa, também realça o trabalho de Camões, Eugénio de Andrade e Camilo Pessanha. Para si, encontros como o que aconteceu em Lisboa, no início de Junho, são “inspiradores, extremamente interessantes e a melhor forma de conhecer mais poesia”.

É, aliás, este o grande objectivo de Fernando Pinto de Amaral e de Yao Feng, dinamizadores do encontro, organizado em conjunto pelo Centro Nacional de Cultura, pela Fundação Jorge Álvares e pelo Instituto Internacional de Macau com o apoio do Instituto Cultural da RAEM. Para o português, juntar os poetas lusófonos e

chineses é nada mais do que mostrar que “a poesia não tem fronteiras, todos somos seres humanos e todos podemos partilhar”. Visivelmente satisfeito pelo rumo que o encontrou tomou, Pinto de Amaral realçou a importância de se conhecer os poetas contemporâneos chineses, pois só assim se pode começar a gostar do que se faz actualmente num país tão longínquo. “A China é vítima de um certo cliché e é preciso desconstruir esse mito, essas ideias relacionadas com um certo estado zen, com as flores

PARA PINTO DO AMARAL, REUNIR POETAS LUSÓFONOS E CHINESES É NADA MAIS DO QUE MOSTRAR QUE “A POESIA NÃO TEM FRONTEIRAS”



YAO FENG AFIRMA QUE O ENCONTRO SERVE PARA DESPERTAR O INTERESSE QUE OS POETAS CHINESES TÊM PELA POESIA PORTUGUESA E PARA CONHECEREM NOVOS POETAS

de lótus e um infindável número de imagens e símbolos que temos na nossa cabeça. Este encontro é um enorme privilégio para nós.”

Yao Feng também concorda na utilização da palavra “privilégio” associada a este encontro. Conta mesmo que, por exemplo, o poeta Huang Lihai, um apaixonado por Eugénio de Andrade, tinha o sonho de um dia conhecer Portugal e esse sonho realizou-se agora. “Estes encontros servem para despertar ainda mais o interesse que os poetas chineses têm pela poesia portuguesa e para conhecerem novos poetas”, conta. E revela: “Foi depois de ter aprendido espanhol e depois de ir viver para Macau que me apaixonei pela língua portuguesa. O primeiro livro que li foi do Eugénio de Andrade e fiquei apai-

xonado. A partir daí comecei a ler mais e mais e mais e comecei a traduzir obras portuguesas. Para mim, a poesia é o melhor da literatura portuguesa. Portugal deve exportar mais poesia.”

Fascinadas com este encontro ficaram Inês Fonseca Santos e Filipa Leal, as representantes portuguesas da nova poesia nacional. “É muito interessante para nós divulgar o nosso trabalho e muito interessante conhecer a poesia deles. É engraçado perceber como não estamos assim tão distantes. Do ponto de vista da linguagem poética, a poesia é como um país à parte e somos todos como uma nação”, explica Filipa. E acrescenta: “Há um lugar aqui para além de todas as diferentes culturas”. Já Inês destaca o quão fascinante é perceber que duas línguas tão distantes quando toca à poesia estão cheias de lugares comuns. «Tal como nós, eles também escrevem sobre a fuga da realidade, sobre o mistério, o acesso às essências. As preocupações são as mesmas.”

O entusiasmo e a vontade de repetir, seja em que ponto do globo for, estes encontros estava bem patente no rosto de todos. A língua portuguesa e o mandarim, embora pareçam pontos opostos na altura de se comunicar, por estes dias em Lisboa quebraram barreiras e mostraram que a poesia é uma língua universal. ■



OS ROSTOS DO III ENCONTRO DE POETAS CHINESES E LUSÓFONOS



FERNANDO PINTO DO AMARAL

O coordenador português deste encontro nasceu em Lisboa em 1960. É licenciado em Línguas e Literaturas Modernas e concluiu o Mestrado em Literatura Portuguesa. Desde 2009 que exerce as funções de comissário do Plano Nacional de Leitura. Tem vários livros publicados, entre os quais quatro de poesia.



YAO FENG

Yao Feng, o pseudónimo de Yao Jingming, é o coordenador chinês deste evento. Nascido em Pequim em 1958, o professor associado da Universidade de Macau dedica-se à tradução literária, escreve poemas e crónicas e já publicou, em chinês e em português, oito obras de poesia.



HUANG LIHAI

Este poeta chinês nasceu em Xuwen e vive agora em Cantão. Os seus poemas estão espalhados por mais de uma centena de antologias poéticas, tendo também já publicado vários livros em nome próprio. Vencedor de diversos prémios tanto nacionais como internacionais.



WANG JIAXIN

Poeta, ensaísta, crítico e tradutor nasceu na Província de Hubei em 1957. Estudou Literatura Chinesa, trabalhou como editor no jornal *Poetry* e desde 2006 é professor de Escrita Criativa na Universidade Renmin, na China. Já escreveu 16 livros de poesia e é considerado um dos mais importantes poetas da China contemporânea. Recebeu já vários prémios literários.



JOSÉ LUIZ TAVARES

Nasceu no dia de Portugal em 1967, na Ilha de Santiago, Cabo Verde. Estudou Literatura e Filosofia. Tem seis livros publicados e conta já com vários prémios no currículo. Os seus trabalhos estão traduzidos para várias línguas como russo, italiano e espanhol.



ANTÓNIO GRAÇA DE ABREU

É um escritor e historiador português, nascido em 1947. É licenciado em Filologia Germânica e mestre em História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa. Em Pequim foi professor de Língua e Cultura Portuguesa, assim como tradutor das Edições de Pequim. A presença portuguesa na China e em Macau, tal como a cultura chinesa têm sido o mote para a sua actividade de investigador. Traduziu vários livros e é autor de seis obras de poesia.



INÊS FONSECA SANTOS

Nascida em Lisboa em 1979, esta jornalista e escritora é licenciada em Direito e mestre em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea. Trabalha em televisão, já escreveu para revistas, tem textos seus publicados em várias antologias e diversos livros publicados, não só de poesia, mas também ensaios.



LING GU

Em chinês é Ling Gu, no resto do mundo é Terence Hun. Nasceu em na Província de Guangdong em 1976 e foi viver para Macau 12 anos depois. É fundador do Único Grupo de Poesia em Macau e um dos seus trabalhos foi considerado, em 2003, como um dos melhores poemas chineses. Já publicou dois livros, ganhou prémios e é o curador de *Poetic Photography Exhibition for the Pen of Macao*, o mais influente grupo de escritores em Macau.



FILIPA LEAL

Formada em Jornalismo na Universidade de Westminster, em Londres, e mestre em Literatura, Filipa nasceu no Porto em 1979. Estreou-se a escrever um livro de poesia em 2004 e desde aí nunca mais parou, tendo já publicado cinco. Já escreveu peças de teatro e guiões para o cinema. Trabalha também para a televisão portuguesa, onde integra a equipa do programa semanal *Literatura Agora*.

**YAN LI**

Poeta, pintor e escritor de ficção, é assim que Yan Li, nascido em 1954, em Pequim, é conhecido. É membro de um grupo de artistas conhecido como *The Stars*, já participou em várias exposições e escreveu diversos livros. Os seus poemas estão traduzidos para línguas tão distintas como coreano, sueco ou italiano. Viveu vários anos nos Estados Unidos e fundou o jornal *Yi-Hang* que dá a conhecer o trabalho dos poetas chineses contemporâneos, tal como apresenta traduções de poemas americanos.

**SUSANNA UN**

Un Sio San, ou Susanna Un, é uma poetisa e escritora nascida em Macau. Já ganhou vários prémios de literatura e é constantemente convidada para participar em diversos festivais literários nos Estados Unidos, na Malásia, China, Taiwan e Hong Kong. É colunista em vários jornais e já publicou também diversos livros.

**GOLDMAN LAM KONG-CHUEN**

Arquitecto, escritor e poeta foi o inventor da palavra *poetrachitism*, um novo conceito que mistura poesia com arquitectura. Publicou diversos livros de diversos estilos literários, entre os quais poesia e prosa. Durante este encontro, inaugurou a exposição de desenhos *O Para-quedista do Sonho* onde demonstra a sua paixão por Fernando Pessoa, entre outros poetas portugueses.

**OLINDA BEJA**

Professora, escritora, contadora de histórias e dinamizadora cultural, Olinda Beja nasceu em São Tomé e Príncipe, mas estudou em Portugal. Publicou várias obras entre contos, poemas e romances. Percorre o mundo para dar a conhecer o país onde nasceu bem como a grandiosidade do mundo lusófono.



中國－葡語國家經貿合作及人才信息網

Portal para a Cooperação na Área Económica, Comercial e de Recursos Humanos entre a China e os Países de Língua Portuguesa



www.platformchinaplp.mo

平台網站現已開通
O portal já se encontra disponível

食品資料庫
Base de Dados dos Produtos Alimentares

雙語人才
Profissionais Qualificados Bilingues

會展
Exposição

中小企服務
Serviços para as PMEs

一個經貿人才信息 共享平台 · 共創中國及葡語系國家市場商機

Uma Plataforma de Partilha de informação Económica, Comercial e Recursos Humanos, juntando Esforços na Criação de Oportunidades de Negócios nos Mercados da China e dos Países de Língua Portuguesa.



中葡經貿合作 會展中心

Centro de Convenções e Exposições para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa

葡語國家食品集散中心 網上貿易平台

Plataforma de Comércio Electrónico Online para o Centro de Distribuição de Produtos Alimentares dos Países de Língua Portuguesa

中葡中小企業商貿服務中心

Centro de Serviços Comerciais para as Pequenas e Médias Empresas da China e dos Países de Língua Portuguesa

主辦單位
Entidades Organizadoras

中華人民共和國商務部
Ministério do Comércio da República Popular da China

澳門特別行政區政府經濟財政司
Secretaria para a Economia e Finanças da RAEM

承辦單位
Entidade Coordenadora

PI
Plataforma de Informação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa
Bridging Trade and Investment Potential Across

ícones **C**hineses

NUNCA SAI DA NOSSA VISTA MAS NEM SEMPRE LHE DAMOS O DEVIDO VALOR. O HUNG BAK LAM (紅白藍) É O TECIDO VERMELHO, BRANCO E AZUL QUE VESTE AS CIDADES DE MACAU E HONG KONG HÁ ALGUMAS DÉCADAS. NÃO FOSSEM OS ARTISTAS TEREM ELEVADO A SUA CONDIÇÃO ESTÉTICA E SIMBÓLICA AINDA HOJE SERIA REFÉM DUMA EXISTÊNCIA BANAL

T PATRÍCIA LEMOS

INVENTADO pelos japoneses há mais de 50 anos para embalar matérias-primas, este típico tecido de plástico chegou a Hong Kong pela mão dos formosinhos. A moda pegou quando se transformou em saco ou *hung bak lam gaau doi* (紅白藍膠袋), tornando-se imagem de marca das duas regiões administrativas especiais. E faz todo o sentido que assim seja. Afinal, o saco é maior por dentro do que parece por fora, mais resistente que o plástico comum e adapta-se a qualquer situação. E não é isso que Macau e Hong Kong cobram da sua história:

resistência às adversidades, capacidade de se ajustar a grandes mudanças e uma importância maior do que a terra ditada pelas fronteiras? Em xadrez ou às riscas, o *hung bak lam* entrou em Hong Kong para tomar conta dos campos, mas foi o betão que melhor o acolheu e promoveu já nos anos 1970, numa altura em que a cidade se modernizava e convertia num grande centro financeiro. O tecido não se fez rogado e galgou andaimes acima, cobrindo o esqueleto dos novos edifícios de Hong Kong. As velhas lonas não tinham como rivalizar com este material que era mais barato, resistente, durável e leve; com tiras cruzadas na vertical e

horizontal tão apertadas que conseguiam vencer a força do vento e da chuva. A demanda aumentou de tal forma que os taiwaneses apostaram na produção e exportação massivas, passando a perna aos japoneses que limitaram as vendas às suas fronteiras. Ao mesmo tempo que ganhava terreno na revolução urbana, a “pele de cobra”, como era carinhosamente apelidado este material, terá encantado um alfaiate de Hong Kong. Lee Wah tirou-lhe as medidas e transformou-a num saco, no famoso *hung bak lam gaau doi* – embora nem todos lhe dêem esse crédito. Nos anos 1980 era vê-los cruzar a fronteira com a China carregados de presentes, proibidas que tinham sido as varas com cestos pendurados. Os sacos iam pela mão dos muitos chineses que haviam criado raízes nas duas pérolas do Delta e aproveitavam para visitar os parentes das remotas aldeias chinesas. Foi nessas travessias e como capa das construções de Hong Kong que o tecido se encheu de simbolismo, tanto que hoje é conhecido entre os chineses como saco das obras ou “que serve para levar coisas para a China”. Ilustra não só a proximidade crescente do Interior do País nos anos que antecederam a transição de soberania, como



HUNG BAK LAM (紅白藍)

TECIDO VERMELHO, BRANCO E AZUL



o espírito laborioso dos chineses na edificação de Hong Kong. São essas interpretações, análises que ocupariam os laboratórios dos artistas. As cores do tecido passaram a ter um sentido patriótico, valendo quase tanto como a bandeira de Hong Kong. A tela de plástico a que os *hong kongers* também chamam de *red-white-blue* não tardou a chegar às galerias de arte, afirmando-se como ícone cultural, motivando a população a reagir à mudança. Um dos seus mais prolíficos fãs é o artista Stanley Wong, que o apresentou na Bienal de Veneza em 2005 e, mais recentemente, o recriou

para a grande marca de vodka Absolut. Enquanto os artistas o instituíam como ícone cultural, os *designers* devolviam-no ao mundo consumista em inúmeras aplicações, como foi o caso dos criativos da loja G.O.D. (*Goods of Desire*). Papel de parede, capa de telemóvel, tênis, relógios e até publicidade institucional ganharam novo visual. Ao pé deste material de polietileno a cortiça é uma criança. Até à data, nenhuma reinvenção superou o sucesso do saco original, que ainda hoje é presença obrigatória tanto nas casas dos chineses como dos estrangeiros das RAE. A estética do

suposto modelo de Lee Wah foi valorizada sobretudo pelos mais jovens e aficionados da moda. Mas no estrangeiro teve uma repercussão que deixou a China de boca aberta. Afinal, como poderiam imaginar que aqueles *hung bak lam gaau doi* baratos pudessem algum um dia levar o selo da sua marca favorita, a Louis Vuitton? Foi em 2007 que o inacreditável aconteceu quando numa passarela da marca francesa – cuja bandeira, sublinhe-se, tem as mesmas cores do saco – desfilaram malas repescadas do modelo sínico.

A GANHAR CORES

Apesar de se ter notabilizado como xadrez vermelho, branco e azul, este tecido começou por ser às riscas azuis e brancas, tal e qual a sua matéria-prima. Foram os taiwaneses que convidaram o encarnado para a festa, por ser uma cor auspiciosa. Esses são de facto os padrões mais usados em Macau e Hong Kong, mas é possível encontrar noutras cores como preto, verde e laranja.



ROTA DA SEDA

O antigo porto de Quanzhou

 JOSÉ SIMÕES MORAIS

Pequena e pacata cidade perdida nos recortes da costa marítima de Fujian, Quanzhou guarda uma história multicultural e inter-religiosa registada tanto nos seus habitantes e visitantes como nos inúmeros monumentos e pedras que perduraram até à actualidade. A cidade faz parte da lista da Rota Marítima da Seda, cuja candidatura à Património da Humanidade será apresentada à UNESCO em 2016



HÁ 20 anos, partindo de Gonbei, Zhuhai, a viagem de autocarro levou 15 horas e como este seguia para Fuzhou, a capital da Província de Fujian, deixou-nos às quatro e meia da manhã à entrada da cidade. Vinte anos passaram e pelo meio uma visita rápida a Quanzhou durante os dias de celebração do novo Ano Chinês. Acompanhando uma multidão, percorremos os templos contíguos de Guan Yu e Yue Fei onde, afastados do pátio da entrada, apenas do passeio visualizámos as cerimónias e daí levados em corrente visitámos o Templo a Mazu.

Conhecido por Palácio da Imperatriz Celestial, está situado junto à entrada Sul da antiga muralha da cidade, na Rua Tian Hou, título da deusa Mazu, que era natural de Fujian e viveu no século X. Já Quanzhou era um dos principais portos chineses da Rota Marítima da Seda.



DURANTE A DINASTIA
SONG, QUANZHOU
ATINGIU O SEU
APOGEU, TORNANDO-
-SE O PRINCIPAL
PORTO CHINÊS

Por tal, não é de estranhar os inúmeros templos dedicados às divindades ligadas à água, a quem os homens do mar pedem protecção das calamidades no mar.

Terra de vegetação luxuosa e clima ameno foi inicialmente usada pelos mestres do Tao como local de retiro, onde



confluíam literatas e eruditos. Quanzhou era aproveitada também pelos budistas para aí construírem os seus mosteiros e templos. O Rio Jin (Jinjiang) banha de norte a sul a parte Oeste da cidade, sendo protegida a norte pela Colina Jiuri e pela Montanha de Qingyuan. Com água e terreno fértil para cultivo, aí instalaram-se pescadores e agricultores que fundaram um pequeno povoado. Documentos do século VI referiam já a existência de um lugar habitado.

Amoreira milenar

Anterior à existência da cidade, o Templo Kaiyuan foi construído em 686 e o seu nome original era Lianhua, ou Templo da Flor de Lótus. Era então um campo de amoreiras pertencente a Huang Shou-gong, que sonhou com um monge a implorar por aquela terra para construir um templo, respondendo-lhe que lhe daria os terrenos caso as amoreiras floríssem flores de lótus. Segundo a lenda, poucos dias depois tal veio a acontecer e Huang cumpriu a sua palavra, oferecendo as terras para a construção do templo.

Em 692, a imperatriz Sheng Shen (Wu Zetian) mudou-lhe a designação para Templo dos Ensinamentos Florescentes (Xingjiaosi), e em 705 o imperador Zhong Zong intitulou-o Templo do Dragão Restaurado. Só em 738 passou a chamar-se Kaiyuan, já que o imperador Xuan Zong (712-755) ordenou que todas as cidades tivessem um templo com o nome do seu reinado – na altura a Era Kaiyuan (713-741). Nos finais da Dinastia Song o templo atingiu o seu apogeu, com 120 celas individuais que serviam de albergue a estudiosos de várias escolas budistas.



Dentro do pavilhão principal, o Salão dos Cem Pilares (Baizhudian), o tecto de madeira é suportado por colunas encimadas por figuras femininas com asas de anjo e as mãos estendidas. Cada uma dessas 24 esculturas de madeira, com tronco de mulher e corpo de pássaro, suporta um objecto diferente, entre instrumentos musicais e outros utensílios ligados aos quatro tesouros chineses. As esculturas são conhecidas por Feitian, as Vinte e Quatro Músicas Voadoras. Já na parte exterior ao salão, conhecido também por

Pavilhão do Tesouro Daxiong, a nossa atenção vira-se para a árvore número um da China, uma amoreira com 1300 anos aqui plantada e que ainda se mantém viva.

A plataforma de pedra que serve de base ao pavilhão tem figuras de leões, alguns com cabeças humanas, esculpidas. Este conjunto de terraço de pedra e templo de madeira é ainda do tempo da sua fundação e é o mais antigo de todos os existentes no recinto do complexo do Templo Kaiyuan, que conta ainda com outros edifícios emblemáticos, como

dois pagodes. O Pagode Leste, conhecido por Zhengguo foi construído em 865 e originalmente era de madeira com nove andares, tendo em 1227 passado a ser em tijolo com sete pisos. O actual edifício, datado de 1250, em forma octogonal e feito de granito, tem cinco andares e um pouco mais de 48 metros de altura.

Já o Pagode Oeste (Renshou ta, Pagode da Benevolência e Longevidade) foi construído em 916, no Período das Cinco Dinastias. Durante a dinastia Song do Norte teve sete andares e era de madeira, mas em 1228 foi reconstruído em tijolo. Reinava já a Dinastia Song do Sul quando se tornou como hoje o vemos, em granito com uma forma ortogonal e cinco andares. De magnífica cantaria, ambos os pagodes têm baixos-relevos esculpidos nas paredes exteriores. Na Dinastia Yuan, em 1285, toda a parte da zona do mosteiro sofreu obras e passou a servir o Budismo Chan.

Fundação da cidade portuária

Em 711, durante a Dinastia Tang, foi fundada a cidade com o nome de Quanzhou. Desde o início o notável porto chinês rapidamente transformou-se num dos quatro mais florescentes no comércio com o estrangeiro, em conjunto com o de Cantão, Yangzhou e Jiaozhou.

Os homens de negócios, provenientes da Península Arábica, do sudoeste asiático, chegavam à cidade (por eles conhecida por Zaitun) trazendo especiarias e outros produtos medicinais para a troca. A acompanhá-los também chegavam missionários do Islão, cristãos nestorianos, maniqueístas, hindus e budistas.





TERRA DE VEGETAÇÃO LUXUOSA E CLIMA AMENO, A CIDADE FOI MUITO USADA PELOS MESTRES DO TAO COMO LOCAL DE RETIRO. QUANZHOU ERA APROVEITADA TAMBÉM PELOS BUDISTAS PARA AÍ CONSTRUÍREM OS SEUS MOSTEIROS E TEMPLOS

Devido a um número crescente de crentes dessas religiões foi-lhes autorizada a construção de templos.

A cidade rapidamente se desenvolveu e passou a atrair a visita de cada vez mais estrangeiros. Dezenas de milhares eram muçulmanos e na zona sudeste da cidade fizeram o seu bairro, o Fanfang. O Império da China permitia residência a esses estrangeiros e ainda a possibilidade de preservarem a sua cultura e terem estruturas governativas próprias, desde que não fossem incompatíveis com as leis do país.

Durante a Dinastia Song (960-1279), Quanzhou atingiu o seu apogeu, tornando-se o principal porto chinês de ex-

portação para o estrangeiro e ponto de partida da Rota Marítima da Seda, estatuto que manteve até à Dinastia Yuan. Inúmeros eram os barcos árabes que aí atracavam e, segundo o *Song Shi* (História da Dinastia Song), as exportações chinesas concentravam-se em produtos como seda, porcelana, chá, chumbo, estanho e cobre. As moedas de cobre chinesas eram o dinheiro corrente em todos os portos do Sudeste Asiático e do Sri Lanka.

Já na Dinastia Yuan, Marco Polo daqui embarcou em 1292 para Itália e o mercador de Nanchang Wang Dayuan partiu em 1328, visitando portos tão distantes como o de Tânger, em Marrocos. Por essa

altura Ibn Batuta referia ser Zaitun um grande centro comercial e um dos cinco maiores portos do mundo, a par com Alexandria.

Nos finais da Dinastia Yuan, a rebelião muçulmana Ispah (1357-1366) levou os chineses a combater os e assim o Islão perdeu aqui toda a sua influência. Com a chegada da Dinastia Ming, Quanzhou entrou em declínio devido à ordem do Imperador Hongwu (1368-1398) de proibir que os artífices e comerciantes estrangeiros pudessem viver nas cidades chinesas.

Tranquilo quotidiano

A rua de Zhongshan é a mais antiga e importante de Quan-



zhou; os automóveis estão proibidos de circular durante o dia por questões de preservação da riqueza histórica. Já a Montanha Qingyuan alberga a estátua de Lao Zi, esculpida numa rocha durante a Dinastia Song e com cerca de sete metros de largura e 5,6 metros de altura. Daí seguimos embrenhando-nos pelos trilhos que percorrem essa montanha. Passeio que nos coloca em harmonia com o estar Tao, sendo os seus templos a própria vegetação e as pedras, em extraordinários equilíbrios, onde foram gravados pensamentos desta filosofia. Nessa caminhada passamos ainda por uma sé-

rie de templos budistas e pela estátua do monge Hongyi.

No regresso ao centro da cidade, começamos a dar atenção ao estilo das casas que apresentam a típica arquitectura de Quanzhou. Por vezes, escutamos o som de um grupo de ópera ensaiando, quem sabe, para actuar ao princípio da noite no palco da praça em frente ao Templo de Confúcio. De salientar que as óperas Liyuan, Gaojia e Dacheng são originárias daqui.

Após a visita ao Museu do Comércio Ultramarino, onde estão expostas muitas pedras gravadas das religiões que passaram por Quanzhou, seguimos para a Colina Lin

para visitar o enorme cemitério muçulmano, onde se encontram as Sepulturas Sagradas. Nos *Anais Min*, escritos em 1629, diz-se que segundo o conhecimento transmitido via oral e perpetuado por gerações de chineses muçulmanos, quatro dos mais santos discípulos de Maomé vieram à China espalhar o Islão durante o reinado de Wu Zetian, ficando dois deles em Quanzhou.

Nas Sepulturas Sagradas esses dois túmulos estão protegidos por uma estrutura de pedra e, ao redor, uma parede semicircular onde as estelas registam várias importantes ocasiões da história. Uma



das pedras gravada em árabe é de 1322 e refere que dois homens santos virtuosos foram à China na Era de Faghfur. Outra das estelas foi aí colocada pelo Almirante Zheng He quando aqui veio em peregrinação.

A primeira mesquita de Quanzhou foi construída na

Dinastia Tang, mas estas foram-se multiplicando e havia já seis ou sete na Dinastia Yuan. Hoje apenas resta a Mesquita Ashab, na Rua Tonghuai, a mais antiga existente na China. Imponente edifício, fora do estilo chinês, foi construído em 1009 imitando a arquitectura de uma

mesquita de Damasco, na Síria. Renovada 200 anos depois, ainda hoje aí resta uma pedra gravada em 1417 com o Édito do Imperador Ming Cheng Zu, protegendo o Islão na China. Foi também nesse ano que se iniciou a quinta viagem do Almirante Zheng He, que depois de partir do porto de Nanjing fez uma breve visita a Quanzhou. Tinha sido o principal porto durante a Dinastia Yuan e contava com uma grande comunidade muçulmana, à qual Zheng He também pertencia. Após as orações à deusa Mazu, a armada chinesa seguiu viagem até à costa Oriental de África. Hoje a cidade conta com uma população activa de chineses muçulmanos, descendentes dos antigos mercadores árabes que permaneceram após se casarem com a população Han e aqui continuam a viver segundo a sua religião.

Voltando ao recinto do Templo de Kaiyuan, visitamos um grande pavilhão onde se encontra exposto o barco de madeira com três mastros que foi enterrado na Baía de Houzhu, em Quanzhou, no Verão de 1974. Este junco fora construído nesta cidade durante a Dinastia Song e regressara de uma viagem ao Sudeste da Ásia carregado de madeiras, produtos medicinais e outras mercadorias. Ainda hoje se pode ver claramente os compartimentos estanques do barco, uma das muitas invenções chinesas.

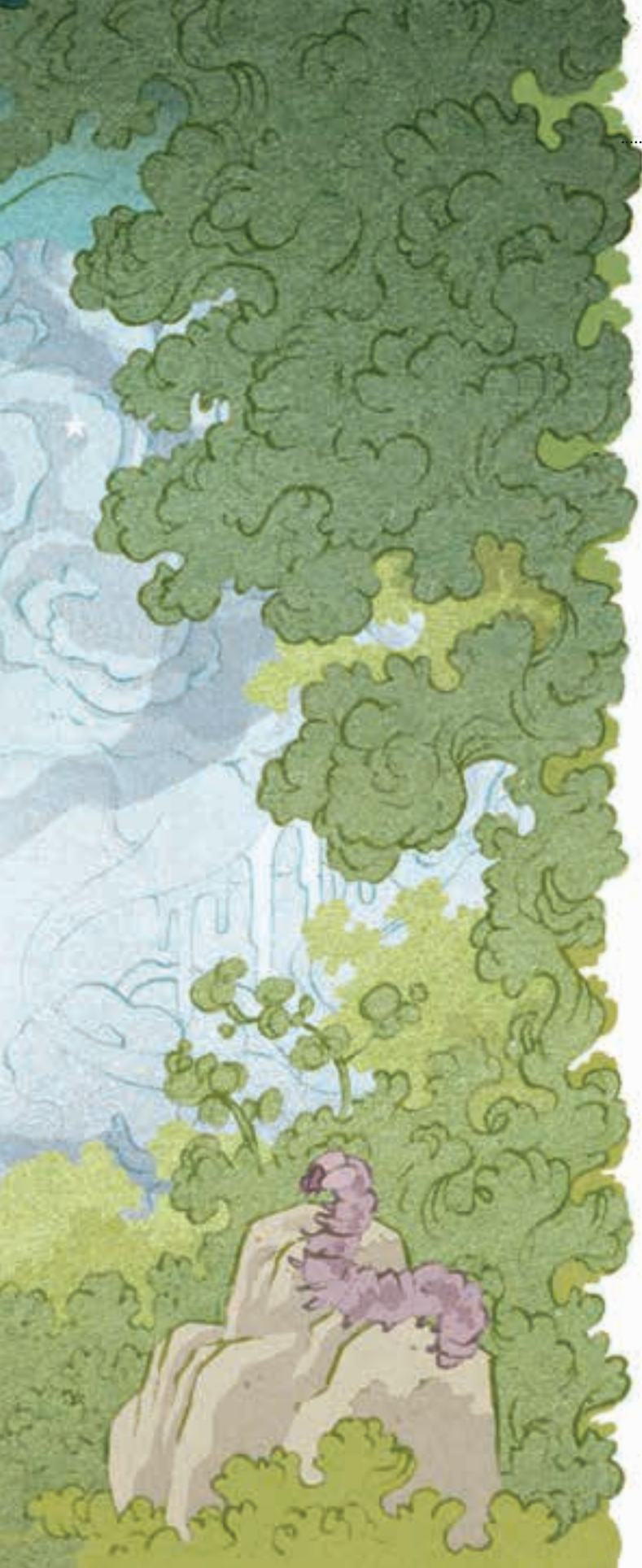
O regresso a Macau foi feito em comboio de alta velocidade até Shenzhen, em quatro horas, e daí, de autocarro em duas horas e meia chegamos à fronteira entre Zhuhai e Macau. ■

À CIDADE RAPIDAMENTE SE DESENVOLVEU E PASSOU A ATRAIR A VISITA DE CADA VEZ MAIS ESTRANGEIROS. DEZENAS DE MILHARES ERAM MUÇULMANOS E NA ZONA SUDESTE DA CIDADE FIZERAM O SEU BAIRRO, O FANFANG

Tradições

OS MITOS DA
CRIAÇÃO
NA CULTURA CHINESA





T FERNANDO SALES LOPES*

T RUI RASQUINHO

COMO SURTIU o universo?

De onde vieram os seres humanos? São estas as interrogações para as quais os homens quiseram ter respostas, desde sempre. Elas surgiram através das mitologias da criação em todas as culturas e civilizações. Embora historicamente tardia, também a China, pela via Taoista, deu as suas respostas sobre as origens do Mundo e dos humanos a partir de divindades mitológicas como Pan Ku, Nü Wa e Fu Xi

*Historiador, Mestre em Relações Interculturais

MITOS DA CRIAÇÃO

Os mitos da criação são transversais a todas as culturas tendo normalmente origem em antigas crenças que as tradições foram reproduzindo por via oral, resultando num aparato, mais ou menos estruturado, tendo em vista a explicação das origens do mundo e da humanidade.

Transcendental, o mito do princípio das coisas e seres, está ligado a sujeitos e actos que assumem essa transcendência. Nessas formulações o princípio do universo resulta muitas vezes de um outro mundo, destruído por ter falhado a perfeição, e por vontade da transcendência divina. O caos surge como uma desordem, associada ao mal, em contraste com a ordem que é estabelecida por deus - ou é o próprio Deus- como refere o Génesis no Antigo Testamento, com Deus a criar o Mundo em seis dias, a partir do nada (*creatio ex nihilo*)¹. O caos, ou ideia semelhante com outra designação, é sempre qualquer coisa que encerra em si os contrários, ou seja, ele é Mal enquanto desorganização, contudo nessa amálgama encontra-se tudo o que existe, e que se transforma em Bem quando o agente “divino” organiza esse caos, separando coisas e entes, dando-lhes vida e significado. Tidos como verdades incontestáveis, os mitos da criação justificam e tornam perceptível o aparecimento de todo o universo – celestial e terreno – assim como dos habitantes de todos os géneros, míticos ou reais, surgindo datados – sempre que adoptados ou criados por religiões – numa fixação temporal incompreensível para os seres humanos.

Os mitologistas há muito que catalogam e criam grupos agregando mitos com similitu-

des de modo a tentar esclarecer aquilo que é comum e o que surge isolado nas mitologias da criação, para uma maior facilidade de estudo, nomeadamente: a criação a partir do caos; a criação a partir do nada; a criação a partir do desmembramento de um ser primordial; a criação através de uma divindade; a criação resultante de acto procriador de um casal; a criação a partir de um ser vindo de outro mundo, entre outros. Também a criação do homem surge diversa conforme as culturas e os seus mitos. Na mitologia chinesa a humanidade é criada a partir da lama (tal como num do capítulos do Génesis, com Deus a criar o homem a partir do barro), ou a partir do acasalamento dos primordiais humanos (como na segunda versão da criação por Nü Wa) o que nos leva à comparação com a descendência de Adão e Eva, por exemplo, onde a procriação é a “máquina” do crescimento da humanidade. Irmãos que acasalam, num incesto sagrado e mitológico que surge em vários mitos.

MITOLOGIAS CHINESAS DA CRIAÇÃO

Na cosmogonia chinesa não há um criador de todas as coisas como nas “Religiões do Livro” com um ser divino criador definido e imutável, onde uma sequência de actos seus provoca a criação de todas as coisas, tudo isto registado em livro sagrado. O espectro da “curiosidade” sobre a origem do cosmos e da humanidade na cultura chinesa vai desde a aceitação do *status quo* sem o questionar, passando pela crença da existência desde sempre e para sempre do Céu e da Terra (coincidindo com a visão abstencionista Budista), ou o Tao como origem na versão do Tao Te Ching, ou o mito de Pan Ku com variantes, a que se poderão associar de forma anacrónica dezenas de divindades contributivas com os seus diferentes papéis criadores.

Uma característica quase única das mitologias chinesas da criação é o facto de elas terem sido elaboradas, ou pelo menos criadas, ou absorvidas, pela religião (Taoísmo, Confucionismo e Budismo) muito tardiamente. A primeira vez que surge a ideia da criação (ou que é sugerida uma cosmogonia mítica) é já no século IV a.C. no Tao Te Ching:

*Do caminho nasceu a unidade, da unidade nasceu a dualidade, da dualidade nasceu a trindade, desta nasceu toda a miríade de criaturas*²

NA COSMOGONIA CHINESA NÃO HÁ UM CRIADOR DE TODAS AS COISAS, COM UM SER DIVINO CRIADOR DEFINIDO E IMUTÁVEL, ONDE UMA SEQUÊNCIA DE ACTOS SEUS PROVOCA A CRIAÇÃO DE TODAS AS COISAS, TUDO ISTO REGISTADO EM LIVRO SAGRADO



UMA CARACTERÍSTICA QUASE ÚNICA DAS MITOLOGIAS CHINESAS DA CRIAÇÃO É O FACTO DE ELAS TEREM SIDO ELABORADAS, OU PELO MENOS CRIADAS, OU ABSORVIDAS, PELA RELIGIÃO MUITO TARDIAMENTE

Talvez mais clara e perceptível esta versão:

Em Tao emergiu o Um (Ser)

O qual se fragmentou em Dois (Yin e Yang)

Dos Dois nasceram Três

*E dos Três saíram as dez mil coisas (...)*³

Para o Taoísmo Tao é a origem de todas as coisas concentrada nos contrários Yin (princípio passivo, feminino) e Yang (princípio activo, masculino).

PAN KU CRIADOR DO CÉU E DA TERRA

Na China existem várias lendas sobre a criação do universo, ou dos seus componentes, e da humanidade, contudo a mais importante – embora com variantes regionais – é o mito de Pan Ku (盤古; 盘古), um mito tardio elaborado por monges taoistas centenas de anos após o desaparecimento de Lao Tsé (Lao Zi, 老子). Xu Zeng (徐整) autor taoista foi o primeiro a fazer referência a este mito no séc. I d.C. Note-se que Pan Ku não se encontra referenciado em qualquer dos antigos clássicos da

China, enquanto Nü Wa o é, cinco séculos antes daquela divindade criadora. A primeira referência feita pelo Taoista Xu Zheng está registada na obra Sanwu Liji 三五歷記 do Período dos Três Reinos (Registos Históricos dos Três Augustos e dos Cinco Imperadores). Estes são os primeiros governantes mitológicos da China, reis-divindade e lendários reis sábios. Em relação aos Três Augustos embora a sua identificação se altere conforme as fontes podemos referir Fu Xi, Nü Wa (os pais da humanidade) e Shennong (神農, 神农) inventor da agricultura e da medicina. Outros referem 黃帝 Huangdi (黃, 帝) em substituição de Nü Wa, englobando a deusa no grupo das primeiras divindades chinesas ao lado de Shangdi (上帝), Tian(天), Pan Ku e Yu Huang (玉皇).

Atentamos, pois, naquilo que se conta sobre o modo e o tempo das actividades criadoras de Pan Ku. A gigante divindade, terá crescido e se desenvolvido no interior do Caos que teria a forma de um enorme ovo⁴, (a unidade) ai perma-



GONÇALO LOBO PINHEIRO



Na Rua das Estalagens, em Macau, encontra-se um pequeno templo dedicado a Nü Wa



necendo por cerca de 18 mil anos. Um dia acordou, espreguiçou-se partindo o ovo em dois (a dualidade). Dos pedaços originados pela cisão, aqueles que eram puros, e luziam, rapidamente formaram os céus (Yang), enquanto as partes impuras que caíam formaram a terra (Yin). Pan Ku tinha agora a importante tarefa de manter nos seus lugares o céu e a terra, para isso, colocou-se entre as duas partes sustentando com a cabeça o céu. Para que elas ficassem separadas Pan Ku crescia em cerca de três metros, nove vezes por dia, assim como o céu e a terra, o que foi acontecendo por mais 18 mil anos até o céu ficar bem distante, e a terra ter ficado muito maior. Pan Ku manteve-se como um pilar sustentando o céu e a terra para que não viessem a mergulhar novamente no caos. Muito, muito tempo depois as duas partes da esfera estavam fixadas nos seus lugares de forma segura não havendo perigo de qualquer retrocesso.

Pan Ku tendo cumprido a sua primeira missão criadora falece acontecendo contudo no seu corpo transformações que resultam em criações assessorias que completam a sua missão: a sua respiração transforma-se nos ventos e nas nuvens; a sua voz no estrondo dos trovões; o seu olho esquerdo no Sol e o direito na Lua; os quatro membros e as cinco extremidades nos quatro pontos cardeais e nas cinco montanhas⁵; o seu sangue e sêmen na água e nos rios; as suas veias nos caminhos; a sua carne nos campos e nos solos; os cabelos da sua cabeça e a barba nas estrelas do céu; a sua pele e os cabelos do corpo, em searas, árvores e flores; os seus dentes e ossos em metais e pedras; a sua medula em pérolas e jade; a sua transpi-

ração e líquidos corporais no orvalho e na chuva. Os diversos insectos (pulgas e piolhos) fixados no seu corpo foram espalhados pelo vento transformando-se nos diferentes povos do mundo (há versões que em vez dos diferentes povos, assinalam a transformação dos insectos em pessoas de cabelo preto).

OS TRABALHOS DE NÜ WA – DE CRIADORA DA HUMANIDADE A REPARADORA DO FIRMAMENTO

Com uma face humana e um corpo de serpente a deusa Nü Wa (女媧; 女娲) que tem, também, a particularidade de poder alterar a sua aparência setenta vezes por dia, desempenhou um papel muito importante na visão chinesa da criação do mundo. O mito conta que um dia andando ela a passear pelo deserto mundo primitivo ao olhar em seu redor se sentiu só. Perante esta realidade a deusa conclui haver necessidade de criar mais vida naquele ermo. Mas como, e o quê? Cansada do seu longo passeio sentou-se à beira de um lago onde se reflectia o seu rosto e todo o seu corpo. Todos os seus movimentos e expressões, demonstrando alegria ou tristeza, surgiam em imagens idênticas

EXISTEM VÁRIAS LENDAS SOBRE A CRIAÇÃO DO UNIVERSO, CONTUDO A MAIS IMPORTANTE É O MITO DE PAN KU (盤古; 盘古), ELABORADO POR MONGES TAOISTAS

como uma cópia perfeita no espelho daquelas águas límpidas. Perante isto Nü Wa conclui que na verdade existiam diversas coisas que viviam no seu mundo, mas que nada igualava a sua própria forma de vida, interrogando-se se não seria bom ela mesmo fabricar seres à sua imagem e semelhança para povoarem a terra. Enquanto pensava pegou com as suas mãos um pouco de lama da beira do lago começando inconscientemente a amassá-la, surgindo-lhe o perfil, a forma de um ser, mas o mais importante aconteceu quando ao colocar aquela massa modelada sobre a terra repentinamente ela se tornou vida. Radiante com o que criara, baptizou logo ali aquele ser como “humano” continuando a produzir esses seres que a tiraram da solidão em que antes se encontrava, no mundo terrível do caos.

A deusa criadora da humanidade passou dias e dias a criar seres humanos contudo eram poucos para todo um mundo que se encontrava desabitado. Pensou Nü Wa ser necessário encontrar uma maneira de produzir em grande quantidade, e rapidamente, esses seres. A ideia luminosa surgiu então. Puxou uma comprida raiz de um penhasco que vinha enlameada mergulhou-a na lagoa e sacudiu-a no ar variadas vezes. Os pingos de lama iam caindo e ao embaterem na terra transformavam-se em milhares de pequenos seres. Com esta invenção Nü Wa conseguiu rapidamente espalhar humanos por toda a terra.

AS CLASSES SOCIAIS E A DIVISÃO SEXUAL

Ora tendo sido o homem criado pela deusa, primeiro de forma individual e moldado pelas suas mãos, e depois através de um método industrial, que como todos, para além das

peças perfeitas, também produzem escória e malformações, surgiu uma estratificação catalogada conforme a qualidade e perfeição. Assim, as peças mais nobres, ou pelo menos mais cuidadas, ou se manufacturadas pela deusa, deram origem à rica aristocracia, as que resultaram da projecção da lama pelos ares, originaram os pobres e as classes mais baixas.

Nü Wa perante a inevitabilidade da morte que a obrigava a estar permanentemente, num trabalho cíclico, a produzir humanos para substituir os que desapareciam, mais uma vez teve que resolver o problema recorrendo à sua mente criadora, até encontrar um caminho, que passou pela divisão da humanidade em dois tipos machos (homens) e fêmeas (mulheres) que, acasalando, podiam criar os seus próprios descendentes assegurando para sempre o povoamento da terra.

NÜ WA E SEU IRMÃO COMO PAIS DA HUMANIDADE

Existe um outro mito sobre a criação dos humanos que volta a ter Nü Wa como personagem central, só que nesta versão não está sozinha na tarefa dividindo-a com o seu irmão. Conta lendário mito que no início da criação do universo não existiam seres humanos a não ser o par constituído por Nü Wa e seu irmão Fu Xi (伏羲) que viviam no Monte Kunlun (崑崙山, 昆仑山) tido como o paraíso do taoísmo.

Os irmãos pensaram que a fórmula para a criação da humanidade residia unicamente neles e que para tal deveriam tornar-se um casal. Não quiseram contudo assumir esse acto por si, e decidiram consultar o Céu. Um dia subiram ao monte sagrado onde cada um acendeu uma fogueira. Olhando o céu fizeram uma prece: se ele desejava que se tornassem marido e mulher que lhes enviasse um sinal, que consistia na união do fumo das duas fogueiras. Como tal aconteceu eles tornaram-se num casal, contudo Nü Wa, envergonhada, talvez, fez um leque de palha para cobrir a face antes de se juntar ao seu irmão. Tal acto criou o costume, que sobrevive até hoje, da noiva usar um leque no dia do casamento escondendo ligeiramente a sua face, e é interessante referir que também a eles se atribui a criação da instituição casamento, embora não em exclusivo.

COM UMA FACE HUMANA E UM CORPO DE SERPENTE, A DEUSA NÜ WA (女媧; 女娲) TEM A PARTICULARIDADE DE PODER ALTERAR A SUA APARÊNCIA 70 VEZES POR DIA



QUANDO O FIRMAMENTO SE QUEBROU

Houve um tempo, que se desconhece quando foi, em que uma enorme tragédia se abateu sobre o universo deixando em risco a humanidade. Tal aconteceu quando metade do céu caiu deixando enormes buracos no firmamento.

A tragédia alargou-se à terra, que rachou, na sequência do cataclismo telúrico, abrindo enormes abismos em todas as direcções. As florestas, em chamas, ficavam destruídas e as águas brotavam da terra jorrando em ondas gigantes transformando o mundo num vastíssimo oceano. Os animais selvagens saíram das florestas aterrorizando a humanidade desprovida de meios de resistência e de sobrevivência.

Nü Wa vendo a destruição que pairava sobre as suas criaturas tomou então a decisão de salvar o mundo pelo que precisava de reparar aqueles buracos no céu. Deitou então mãos à obra começando por escolher multicoloridas pedras do rio que juntamente com uma espécie de cola líquida derreteu sobre uma fogueira criando a argamassa reparadora que usou para recuperar o firmamento. Contudo, teve receio que a tragédia pudesse repetir-se colocando mais uma vez em risco a vida humana, pelo que pensou que seria melhor arranjar qualquer coisa para sustentar o céu evitando que ele caísse sobre a terra. Começou a deusa por abater uma tartaruga gigante, cortou-lhe as pernas e colocou-as como pilares para escorar os quatro cantos do céu. Por isso, ele continua até hoje a estar lá no alto, firme e seguro.

NÜ WA PROTEGE A HUMANIDADE INDEFESA

Reparado o céu para segurança e sossego da humanidade, novo perigo pairava so-

bre ela chamando Nü Wa a mais um trabalho em sua defesa. Tratava-se de um feroz Dragão Negro que agitava enormes ondas causando inundações catastróficas para a sobrevivência da humanidade. Nü Wa construiu então uma grande barreira de canas queimadas junto ao rio de modo a sustentar as águas e afastar o perigoso animal que dizimava o seu povo. A humanidade voltou assim a viver em paz retornando à sua ordem natural, com as estações do ano a sucederem-se na sequência certa. As feras voltaram para o seu meio, longe das gentes, e os que ficaram transformaram-se em animais domésticos. Os alimentos cresciam nos campos e a humanidade ficou feliz.

Concluídos os seus trabalhos de mãe da humanidade, dando aos humanos segurança, subsistência e paz, Nü Wa pode então descansar eternamente. O seu corpo tal como acontecera com o do criador Pan Ku transformou-se em muitas e diversas coisas necessárias ao crescimento do Universo.

Falámos aqui de três personagens mitológicas de relevo para a cosmogonia chinesa: Pan Ku, Nü Wa e Fu Xi. Contudo são inúmeras as divindades que participaram nesse movimento criador que alastrou, dando origem desde as coisas mais importantes da vida, até às mais insignificantes, mas também necessárias. Não existe pois, como anteriormente referimos, uma mitologia chinesa da criação, mas sim essa multiplicidade de seres criadores, que podem ter dado à humanidade, por exemplo, a agricultura, o fogo, a sericultura, um só Sol, a medicina, ou até mesmo, o chapéu-de-chuva. Na próxima edição da MACAU, voltaremos ao tema. ■

- 1 O primeiro capítulo do Génesis na Tora e na Bíblia, mas também no Corão, atribui toda a criação a um Deus uno e onipotente. Nas suas origens terá estado o mito sumério da criação contido no poema "Enuma Elish", a mais antiga descrição escrita da origem da humanidade influenciando as cosmogonias egípcia, semita e, através da influência grega, a romana. Em todas elas a procriação é o elemento criador da humanidade.
- 2 Tradução do autor a partir da versão inglesa in Mair, Victor H. (1990). *Tao te Ching: The Classic Book of Integrity and the Way*, by Lao Tzu. Bantam
- 3 João Correia dos Reis. (Macau 1999). O Livro de Lao Zi, Edições Vento Sul
- 4 O "Ovo Cósmico" como início ou motor da criação é frequentemente referido em diversos mitos com ela relacionados.
- 5 As cinco montanhas sagradas do Taoismo (五嶽, 五岳), a saber: Grande Montanha Oriental (Tài Shān), Grande Montanha Ocidental (Huà Shān), Grande Montanha Meridional (Héng Shān, Hunan), Grande Montanha Setentrional (Héng Shān) e Grande Montanha Central (Sōng Shān)



MACAU 2014

LIVRO DO ANO

As edições em língua chinesa, portuguesa e inglesa do “**MACAU 2014 - LIVRO DO ANO**”, uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), já estão à venda.

O “**MACAU 2014 - LIVRO DO ANO**” regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural do território, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos quantos desejam estudar e compreender melhor Macau. O “**MACAU 2014 - LIVRO DO ANO**” pode ser adquirido ao preço de capa de 120 patacas por exemplar, acompanhados da oferta de um CD-ROM com a versão PDF do livro, nas maiores livrarias de Macau e no Centro de Informações ao Público, e na Loja de Filatelia (Estação Central dos Correios), ou nas estações dos Serviços de Correios da Rua do Campo, do Terminal Marítimo do Porto Exterior, do Aeroporto e dos Jardins da Nova Taipa, bem como nas livrarias da The Commercial Press Ltd, em Hong Kong

EXPERIENCE

“Quero criar algo que pertença a Macau”

T SOFIA JESUS
F GONÇALO LOBO PINHEIRO

Música com guitarra portuguesa e letra em cantonês é apenas uma das inovações dos Experience. A banda da RAEM, que recebeu a MACAU no seu estúdio, cruza várias influências, numa abordagem experimentalista liderada por Bruce Pun. A meta do compositor é ambiciosa: criar um género musical que seja próprio de Macau



EXPERIENCE OF EXPERIENCE



EXPERIENCE
OF EXPERIENCE

EXPERIENCE
OF EXPERIENCE

EXPERIENCE
OF EXPERIENCE

EXPERIENCE
OF EXPERIENCE

EXPERIENCE
OF EXPERIENCE

EXPERIENCE
OF EXPERIENCE

EXPERIENCE
OF EXPERIENCE

EXPERIENCE
OF EXPERIENCE

EXPERIENCE
OF EXPERIENCE

EXPERIENCE
OF EXPERIENCE

EXPERIENCE
OF EXPERIENCE

EXPERIENCE
OF EXPERIENCE

EXPERIENCE
OF EXPERIENCE

EXPERIENCE
OF EXPERIENCE

EXPERIENCE
OF EXPERIENCE

EXPERIENCE
OF EXPERIENCE

EXPERIENCE
OF EXPERIENCE

EXPERIENCE
OF EXPERIENCE

EXPERIENCE
OF EXPERIENCE

EXPERIENCE
OF EXPERIENCE

EXPERIENCE
OF EXPERIENCE

EXPERIENCE
OF EXPERIENCE

EXPERIENCE
OF EXPERIENCE

EXPERIENCE
OF EXPERIENCE

EXPERIENCE
OF EXPERIENCE

EXPERIENCE
OF EXPERIENCE

EXPERIENCE
OF EXPERIENCE

EXPERIENCE
OF EXPERIENCE

EXPERIENCE
OF EXPERIENCE

EXPERIENCE
OF EXPERIENCE

EXPERIENCE
OF EXPERIENCE

EXPERIENCE
OF EXPERIENCE

EXPERIENCE
OF EXPERIENCE

EXPERIENCE
OF EXPERIENCE



PRIMEIRO, O dedilhar balançado de uma guitarra portuguesa. Depois, o grito-convite de pronúncia carregada – “Senhoras e senhores!” –, electrizado logo de seguida por acordes rock. Aos 32 segundos, a maior surpresa: o regresso à melancolia da guitarra de terras lusas, agora sob uma voz... em cantonês. Assim começa *My Fado*, o cartão de visita dos Experience.

“Sempre quis criar algo único. Tal como a Argentina tem o tango e o Brasil a bossa-nova, eu quero criar algo que pertença a Macau”, explica Bruce Pun, compositor e fundador do projecto musical Experience. O objectivo, admite à MACAU, ainda não foi alcançado, mas “é a direcção a seguir”.

Na casa-estúdio desta banda de Macau, num andar alto sem elevador, bem no centro da cidade, a fusão musical está por todo o lado. Sobre o piano, dois livros de pautas: um com 100 clássicos dos The Beatles, outro com a *Arte da Fuga*, de Bach. Numa das portas, um poster de Bob Marley, e, encostado a uma das paredes, o

álbum de fundo roxo *The Jimi Hendrix Experience*, que serviu de inspiração ao nome da banda.

Fado e YouTube

Neto de um macaense que tinha o hábito de ver programas da RTP, o fado e a guitarra portuguesa não eram estranhos a Bruce Pun. Foi, no entanto,

DEPOIS DE UMA VISITA AO MUSEU DO FADO E DE UMA CONVERSA INSPIRADORA COM UM GUITARRISTA PORTUGUÊS, BRUCE PUN SAIU DE PORTUGAL COM UMA BAGAGEM EXTRA: UMA GUITARRA PORTUGUESA. APRENDEU A TOCÁ-LA SOZINHO COM A AJUDA DO YOUTUBE



em 2008, quando estudava em Paris, que passou a olhá-los de outra forma, durante uma viagem a Portugal, numa férias de Verão.

Depois de uma visita ao Museu do Fado e de uma conversa inspiradora com o guitarrista português Mário Pacheco, Bruce Pun saiu de Portugal com uma bagagem extra: uma guitarra portuguesa. Formado em guitarra clássica, e com veia de autodidacta, aprendeu a tocar sozinho o novo instrumento musical, com a ajuda do *YouTube*. Estava aberto o caminho à nova aventura experimental da banda.

Da prática à inovação

Licenciado em Educação Musical pelo Instituto Politécnico

de Macau, Bruce Pun rumou a França, em 2004, para estudar guitarra clássica na École Normale de Musique de Paris. “Todos os Verões, voltava a Macau para dar aulas a alguns alunos ou participar nalguns espectáculos. Basicamente, queria tocar o que aprendia em Paris”, explica, adiantando que a primeira formação dos Experience, há cerca de dez anos, surgiu precisamente dessa intenção, reunindo, assim, alguns dos seus alunos. A experiência, diz, arrancou num estilo mais rock – com direito a presença no festi-

val Hush! de Macau – e foi ganhando algumas influências latinas.

Depois de regressar à RAEM em 2009, já concluídos os estudos em Paris, o compositor chamou outros dos seus pupilos e deu um novo fôlego ao projecto Experience. Hoje, além de Bruce Pun na voz e guitarra portuguesa, a banda é composta por John, na guitarra eléctrica, Kelvin, no baixo, e Billy, na bateria.

A nova aposta de Bruce Pun, que vai no sentido de “misturar música portuguesa com letra em cantonês”, surpreen-



deu, mas também agradou. “Nunca tinha ouvido esta guitarra [portuguesa] antes, porque sempre vivi em Macau e nunca fui a Portugal. Para mim, era uma ideia nova. Achei fantástico”, comenta Kelvin, de 24 anos.

A experiência dos Experience

É no estúdio montado no apartamento da família de Bruce Pun – também fundador da editora musical *AUM Publishing* – que os Experience ensaiam uma a duas vezes por semana. Foi também aqui que, depois do EP *Now Peace*, a banda conseguiu gravar e produzir o seu primeiro álbum, *Experience of Experience*, de que faz parte *My Fado*. Segundo o professor de guitarra clássica e guitarra eléc-

trica, *My Fado*, premiada no ano passado num concurso lançado pela TDM – Teledifusão de Macau, fala sobre a necessidade de “nos concentrarmos no que temos, de *laissez tomber*” o que não importa.

A mistura de influências é de resto notória noutras faixas do álbum de originais, como a número três. Os ritmos latinos de *La Experiencia* tocam-se num diálogo entre a guitarra clássica e a eléctrica, numa música cantada em espanhol – apesar de não dominar a língua, a letra foi escrita pelo próprio Bruce Pun, que para tal se socorreu de um livro e do *Google Translate*.

“*La Experiencia* fala no facto de a vida ser uma experiência. Quando deixarmos este mundo, o nosso corpo desaparecerá, mas a experiên-

cia continuará viva”, explica o compositor, músico e vocalista, actualmente a dar aulas no Conservatório de Música de Macau.

Do álbum, lançado em 2014, fazem parte também músicas cantadas em mandarim, como *Copy Beats*, que traduz “uma crítica” a todos aqueles que “querem apenas copiar” os outros, ou *Human Hero*, sobre como “o mundo precisa de heróis” e eles “não existem apenas nos livros de banda desenhada”.

“Há heróis em todo o lado”, explica Bruce Pun. “Basta haver quem assuma uma posição”. O compositor afasta a ideia apontada por muitos de que *Human Hero* tem uma conotação política, garantindo que o que se pretende transmitir é mais a ideia da necessidade de interajuda. “Também adoro o Bob Marley e ele tinha uma conotação política, mas eu gosto mais da mensagem de paz e amor.”

O álbum de nove faixas – cuja maior parte das letras foi escrita pelo irmão de Bruce Pun – fecha com um instrumental. *God Oil*, explica o mentor do projecto, resulta de um “improviso”. Chamada “a viagem do espírito” em cantonês, a música, que nos transporta para um universo enigmático, é mais uma iniciativa “experimental” do artista, que admite querer “sempre tentar coisas diferentes”. Neste caso, é a Mongólia que serve de inspiração: lá para os lados do Centre Pompidou, em Paris, havia um mongol que tocava um dos instrumentos típicos do seu país; Bruce Pun gostou da sonoridade e decidiu incorporar esse tipo de elementos em mais uma das suas composições.

Criado no seio de uma família católica, Bruce Pun admite que, aqui e ali, “talvez haja, de facto, alguma influência” religiosa nas suas composições – “quando me sinto em baixo, leio a Bíblia”, confessa. No entanto, esclarece que também já leu muito sobre taoísmo quando estava em Paris e a sua abordagem perante a religião é semelhante à que faz da música: “Penso sempre que não existe religião. Eu quero misturar as religiões, tal como faço com a música. Porque, no fundo, [as religiões] são muitas, mas são a mesma coisa. Eu quero descobrir qual é o ponto comum.” Uma resposta que ainda não encontrou.

O futuro

Bruce Pun é o único dos elementos dos Experience que faz da música a sua profissão. Kelvin trabalha na área das vendas e quer fazer música apenas a tempo parcial. Billy, 17 anos, o mais novo do grupo, é estudante do ensino secundário e não sabe ainda o que esperar do futuro. Para já, uma coisa é certa: os Expe-

A BANDA CONSEGUIU GRAVAR E PRODUZIR O SEU PRIMEIRO ÁLBUM EM 2014, *EXPERIENCE OF EXPERIENCE*, DE QUE FAZ PARTE *MY FADO*, CANÇÃO PREMIADA NUM CONCURSO DE TALENTOS DO CANAL CHINÊS DA TDM

rience vão apalpando terreno, a pouco e pouco.

Com várias actuações em Macau, Zhuhai e Hong Kong, os Experience lançaram recentemente o seu álbum no iTunes e entraram também no mercado de Taiwan. Em Macau, o número das vendas “é segredo”, mas Bruce Pun mostra-se satisfeito.

Membro do projecto *Macau Jazz Experience*, que conta com a presença de músicos portugueses, Bruce Pun, hoje com 33 anos, não esquece as dificuldades que sentia quando era mais jovem e lamenta que existam poucos espaços para os adolescentes de Macau tocarem. “Não há apoios suficientes (...). É preciso haver oportunidades para os jo-

vens actuarem. Por exemplo, podia haver um clube para uma *jam session*, mas não há locais grandes o suficientes”, lamenta, acrescentando que o cenário contrasta com o de Taiwan, por exemplo, onde há muitos espaços para os jovens actuarem.

O líder dos Experience, que já compôs música para performances artísticas e participou por diversas vezes no Festival de Artes de Macau, garante estar aberto a novas experiências no futuro. “Por exemplo, misturar elementos da música portuguesa com a ópera chinesa.” Para já, concentra-se em desenvolver a mestria da guitarra portuguesa e espera encontrar, em breve, um vocalista que cante fado. ■



INSTRUMENTOS RAROS

Kayhan Kalhor e Amigos traz ao Centro Cultural de Macau instrumentistas de renome no campo da música persa e da Índia – o som de instrumentos musicais tradicionais para descobrir em Setembro

A música persa e da Índia sobe ao palco do Centro Cultural de Macau em Setembro. Kayhan Kalhor vem à região acompanhado de um conjunto de músicos aclamados do Irão e da Índia e, juntos, prometem transportar o público numa viagem aos primórdios de antigas civilizações.

De acordo com o Centro Cultural de Macau (CCM), o espectáculo, agendado para o dia 4 de Setembro, destaca as “melodias exóticas do *dasgah* persa e do *raga* do Norte da Índia”. Kayhan Kalhor nasceu na capital iraniana, Teerão, e começou a estudar música aos sete anos – aos cinco, porém, já tocava o *kamancheh* (instrumento de cordas persa). Aos 13, integrava a Orquestra Nacional da Rádio e Televisão iraniana. Investigou a tradição musical curda (a sua família é de origem curda) e mudou-se após a Revolução Islâmica para a Europa, e depois para o Canadá, onde estudou composição segundo a tradição ocidental.

Ao longo dos anos, colaborou com músicos como o violoncelista Yo-Yo Ma, integrando o seu Silk Road Ensemble, formou os Ghazal com o vocalista

e tocador de sitar indiano Shujaat Khan, gravou com o Kronos Quartet ou com o tenor Shahram Nazeri, seu compatriota. Hoje é internacionalmente reconhecido como um mestre na interpretação do *kamancheh*. O músico tem protagonizado concertos um pouco por todo o mundo, a solo ou acompanhado de diversos grupos e orquestras, como foi o caso da New York Philharmonic ou da Orchestre National de Lyon.

O artista – quatro vezes nomeado para os Grammy – já compôs peças para vocalistas de renome no Irão, tendo gravado com alguns dos melhores instrumentistas do país. Também compôs diversos temas para televisão e cinema, incluindo a banda sonora de *Youth Without Youth*, de Francis Ford Coppola, onde colaborou com Osvaldo Golijov.

Em Macau, Kayhan Kalhor e um grupo de músicos da Índia e do Irão vão tocar um conjunto raro de instrumentos, como o *santur*, a tabla e a cítara. O espectáculo está agendado para o Grande Auditório do CCM.

Uma hora antes do concerto – marcado para as 20h00 – o músico mexicano Raul Saldaña vai moderar uma tertúlia que visa dar a conhecer o percurso e a obra Kayhan Kalhor.

KAYHAN KALHOR E AMIGOS

4 DE SETEMBRO @ 20H00
GRANDE AUDITÓRIO
CENTRO CULTURAL DE MACAU
BILHETES A PARTIR DE MOP 150



TEATRO



A Falta

O jornal *The Guardian* considerou *A Falta* como “um delírio impaciente de denso efeito poético”. Concebida pela companhia britânica Teatro Gecko, a peça aborda a história de uma mulher, Lily, que decide regressar ao passado para explorar as suas memórias mais íntimas.

5 DE SETEMBRO @ 20H00
CENTRO CULTURAL
DE MACAU

Bilhetes a MOP 180



Golden Dragon 2.0

A companhia Macau Experimental Theatre apresenta, no Edifício do Antigo Tribunal, uma peça que aborda histórias de vários imigrantes ilegais a trabalharem num restaurante. Entre eles estão um rapaz com dor de dentes, que não pode ir ao médico; uma jovem que será mãe solteira, e um idoso que alimenta um sonho de adolescente.

7 a 9 E 12 a 15 DE AGOSTO
@ 20H00
EDIFÍCIO DO ANTIGO
TRIBUNAL

Bilhetes a MOP 150



MÚSICA



Bon Jovi Live in Macao

A banda americana de rock Bon Jovi actua pela primeira vez em Macau, no Cotai Arena. Com uma carreira de mais de 30 anos, a banda liderada por Jon Bon Jovi já vendeu 130 milhões de discos e deu mais de 2900 concertos.

25 e 26 DE SETEMBRO
COTAI ARENA

Bilhetes a partir de MOP 688

ARTE E SAUDADE

T SOFIA JESUS

A saudade percorre os corredores do segundo andar do MGM Macau sob a forma de arte. Fruto de uma parceria entre a concessionária e a associação Art for All (AFA), a exposição apresenta peças de mais de uma dezena de artistas portugueses com ligações à região, que oferecem perspectivas diferentes sobre este sentimento tão ligado à cultura lusitana. Como explicou à MACAU o artista José Drummond – curador da mostra, juntamente com James Chu –, a exposição tinha por objectivo tentar levar ao espaço do MGM Macau um pouco da arte produzida por portugueses residentes na cidade ou com ligações a Macau. Por contingências de tempo, a aposta não foi para a concepção de obras específicas para esta exposição, mas antes para uma reflexão sobre trabalhos já desenvolvidos pelos artistas. A escolha do tema “saudade” – que é também o título da exposição – está ligada ao facto de, como explica o curador, este ser talvez “o mais português dos sentimentos”, com fortes relações com a poesia e com o fado. Por outro lado, lembra, a saudade está também associada àquela “sensação” permanente do português que vive em Macau, “sempre nesta

Uma dúzia de artistas portugueses com ligações a Macau explora o tema “Saudade”, numa mostra que inclui trabalhos de diversas áreas, como a pintura e a fotografia. Para ver no MGM Macau até final de Setembro





ambivalência, neste duplo amor entre Portugal e Macau” – “quando está num sítio, tem saudades do outro”.

Além do próprio José Drummond, participam nesta exposição Carmo Correia, Rui Calçada Bastos, António Mil-Homens, Sofia Arez, Lines Lab (Manuel Correia da Silva e Clara Brito), Rui Rasquinho, Adalberto Tenreiro, Joaquim Franco, Victor Marreiros e Marta Gonzalez Ferreira.

A mostra apresenta trabalhos nas áreas da pintura, da fotografia, da vídeo-arte, incluindo ainda outros objectos. “A exposição acaba por ser muito variada” e “até o modo como se olha para o tema, para a relação com a memória” é explorado de forma diferente por cada artista, sublinha José Drummond. O artista explica que, se há quem aponte para uma “hipotética nostalgia entre o passado e o presente”, a saudade, enquanto parte de um “jogo da memória, do que pode ser ou do que pode voltar a acontecer ou não”, é muitas vezes abordada “de um modo mais subtil”.

Ao mesmo tempo, nota o curador, a profissão exercida por muitos dos participantes, que não subsistem apenas do seu trabalho artístico, acaba por ser também reflectida “na forma como se apresentam nas artes plásticas” – um ponto que José Drummond considera “é interessante e curioso, e uma forma muito honesta de união sobre a exposição”.



Fotografia de Velhos Templos de Macau

Construídos, reza a lenda, durante a Dinastia Ming, o Templo de A-Ma, o Templo Lin Fong (Templo do Lótus) e o Templo de Kun lam desempenharam um “papel histórico no intercâmbio Sino-Occidental”, sublinha a investigadora do Museu de Arte de Macau Choi Pui Leng, a propósito desta mostra de fotografia.

ATÉ 31 DE DEZEMBRO DE 2015

MUSEU DE ARTE DE MACAU

Bilhetes a MOP 5



Chuvadas e Cheias – Fotografia de Macau por Choi Yun Tim

Desde a década de 1980 que o fotógrafo Choi Yun Tim documenta as cheias no bairro San Kio, em Macau. A exposição patente no Museu de Arte de Macau reúne um espólio de imagens antigas que retratam o modo como os residentes enfrentavam as inundações, sem deixar que as enchentes paralisassem o seu dia-a-dia.

ATÉ 8 DE NOVEMBRO

MUSEU DE ARTE DE MACAU

Entrada gratuita



De Lorient ao Oriente – Cidades Portuárias da China e da França na Rota Marítima da Seda do Século XVIII

Porcelanas, moldes, gravuras, pinturas a óleo e têxteis são algumas das peças que integram a exposição que pretende dar a conhecer a história do desenvolvimento do porto francês de Lorient e da então Rota Marítima da Seda entre a China e a França.

ATÉ 30 DE AGOSTO

MUSEU DE MACAU

Bilhetes a MOP 5

POESIA EM PLENO

O Camões – Instituto da Cooperação e da Língua e o Instituto Português do Oriente (IPOR) lançaram uma segunda edição, revista e aumentada, da antologia de Sophia de Mello Breyner Andresen, publicada em português e chinês, cuja primeira edição veio a lume na década de 1990

Viver em Pleno Vento são 60 poemas vertidos para a língua chinesa pela mão de Yao Feng, com ilustração de Ye Huiling e capa de Yuan Um. Sophia de Mello Breyner Andresen chega agora mais perto do público chinês com a antologia *Viver em Pleno Vento*. Lançado em Macau no dia 2 de Julho, dia em que se assinalaram 11 anos da morte

da grande poetisa, o livro divide-se em 12 secções que apresentam uma selecção de poemas publicados entre 1944 e 1989.

A obra circulou primeiramente junto de dirigentes chineses em 2014, por ocasião da visita oficial do Presidente da República Portuguesa à China. Uma “excelente forma de trazer um conteúdo que simboliza a relação estreita entre Portugal e a República Popular da China”, salientou o director do IPOR, João Laurentino Neves, durante a apresentação do livro em Macau. Ao investigador e poeta Fernando Sales Lopes coube a evocação da obra e do percurso da poetisa.

Entre as dificuldades da tradução, explicou o também académico Yao Jingming, está a necessidade de conhecer bem o contexto em que foi escrito um poema. “Sophia também apresenta um mundo polivalente. Há também poemas românticos que escreveu quando era jovem, mas outros também referentes à luta [25 de Abril]”, acrescentou.



O poeta e a realidade

No prefácio da obra, a presidente do Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, Ana Paula Laborinho, sublinha a forma como a escritora portuguesa se “reencontra com o Real”

através da poesia, citando um artigo publicado por Sophia de Mello Breyner Andresen em 1960.

“O mundo não precisa nem de retratos que o repitam, nem de ornamentos que o enfeitem”, escreveu na altura a poetisa, acrescentando que a atitude do poeta perante a realidade “é igual à atitude do amante perante um corpo vivo com o qual se encontra, vive, se une e se confunde”. O poeta, explicou, “não tem curiosidade do Real, mas sim necessidade do Real”. Ainda assim, a

investigadora Ana Paula Laborinho observa que “a poesia de Sophia é profundamente empenhada na auscultação dessa realidade”. Nascida no Porto, em 1919, Sophia de Mello Breyner Andresen escreveu dezenas de livros, não apenas de poesia, mas também de prosa, incluindo histórias destinadas a um público mais jovem.

A autora, várias vezes condecorada pela República Portuguesa, foi premiada pela primeira vez em 1964, quando recebeu o Grande Prémio de Poesia da Sociedade Portuguesa de Escritores. Os galardões multiplicaram-se ao longo da sua vida, tendo sido distinguida, em 1999, com o Prémio Camões, e, em 2003, com o Prémio Rainha Sophia de Poesia Ibero-americana. Os restos mortais de Sophia de Mello Breyner Andresen estão desde 2014 no Panteão Nacional, em Lisboa.

VIVER EM PLENO VENTO

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN
 TRADUÇÃO PARA CHINÊS DE YAO FENG
 CAMÕES/IPOR, 2015



Guia de Conversação Chinês-Português Instituto Português do Oriente (IPOR) IPOR, 2015

Desenvolvida por um grupo de colaboradores do IPOR (Paula Costa, Liliana Inverno e Zhou Xiaochen), a obra procura responder às necessidades de cidadãos chineses que se deslocam aos países de língua oficial portuguesa. Socialização, Alojamento, Estudos, Visitas e Compras são algumas das temáticas abordadas ao longo dos 15 capítulos.



Almas Transviadas Tang Hio Kueng Instituto Cultural da RAEM, 2015

Traduzida para português por Ana Cristina Alves, a obra conduz o leitor numa viagem “pelo tempo e espaço, à procura das memórias de Macau”, como explica o Instituto Cultural. O livro inclui uma história que remonta à época do ataque das forças holandesas à cidade, no século XVII.



Amores do Céu e da Terra, Contos de Macau Ling Leng Instituto Cultural da RAEM, 2015

Esta é uma edição bilingue que, segundo o Instituto Cultural, reúne 13 contos da escritora de Macau sobre “as condições sociais de mestiços luso-chineses locais das camadas sociais inferiores”, de meados dos anos 1940 até ao início dos anos 1950. As traduções da obra estiveram a cargo de Stella Lee e Fernanda Dias.



BARRACAS DE REFUGIADOS NA ZONA NORTE DE MACAU *Década de 1960*



F ARQUIVO HISTÓRICO DE MACAU

NO FINAL do século XIX, a zona norte da cidade foi-se dilatando, com a construção de grandes aterros, deixando de haver então, entre 1905 e 1925, povoações consideradas extra-burgo situadas na então longínqua área das Portas do Cerco. Durante a Guerra do Pacífico (1941-45), Macau terá recebido mais de meio milhão de refugiados do Sudeste Asiático, fazendo aumentar a densidade populacional nos novos aterros no norte da península. Muitos habitantes clandestinos e refugiados cons-

truíam nos bairros da Areia Preta, Iao Hon e Toi San barracas de madeira e zinco, tendência que se acentuou ainda mais a partir dos anos de 1960, com a chegada de refugiados do Vietname. Já nessa altura – e com um aumento populacional na ordem dos 47 por cento em menos de uma década – a zona norte da península era considerada a de maior densidade populacional. Com várias obras de saneamento e urbanização, as barracas foram sendo pouco a pouco demolidas, abrindo espaço para a construção de grandes torres residenciais de betão armado.

Colección Selos de Macau 澳門郵票收藏 Collect Macao's Stamps



澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU

電話 Tel: (853) 8396 8513, 2857 4491 傳真 Fax: (853) 8396 8603, 2833 6603

電郵 E-mail: philately@macaupost.gov.mo 網址 Website: www.macaupost.gov.mo/philately/



情真意切 助松商貿
Aproximamos Pessoas, Facilitamos Negócios



DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO
www.macaotourism.gov.mo

Sentir Macau passo-a-passo - Roteiros Turísticos

Venha Sentir Macau, passo a passo

-  Passo-a-passo pelo Centro Histórico
-  Experiência de Criatividade
-  Intercâmbio Cultural Luso-Chinês
-  Arte e Herança Cultural
-  Histórias de Encanto da Freguesia de Nossa Senhora de Fátima
-  Casamento entre o Oriente e o Ocidente na Freguesia de Santo António
-  Memórias da Vila da Taipa
-  Nostalgia em Coloane



"Sentir Macau, passo-a-passo"
aplicação para telemóveis
(iPhone)



"Sentir Macau, passo-a-passo"
aplicação para telemóveis
(Android)

